**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

Área: Geografia Humana

**NACIONALISMOS DOS ESLAVOS- DO- SUL DE 1848 AOS DIAS DE HOJE:
UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO, IDENTIDADE E PODER**

**NATIONALISM OF THE SOUTH – SLAVS FROM 1848 TO TODAY’S:
A STUDY ON THE RELATIONSHIP BETWEEN SPACE, IDENTITY AND POWER**

**Aluno: Adilson Prizmic Momce
Orientador: Prof. Dr. André Roberto Martin
Nível: Mestrado**

São Paulo, agosto de 2009.

Adilson Prizmic Momce

**NACIONALISMOS DOS ESLAVOS- DO- SUL DE 1848 AOS DIAS DE HOJE :
UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO, IDENTIDADE E PODER**

**Dissertação de mestrado,
apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas, na Universidade de São Paulo,
sob orientação do professor Dr. André Roberto Martin**

Universidade de São Paulo

São Paulo, agosto de 2009.

DEDICATÓRIA

Dedico ao meu filho Enrico, minha esposa Carmen, pelo carinho e compreensão durante meu envolvimento com este trabalho; aos meus irmãos: Rosemary, Rosely, Cosmo, Sueli, Jorge, Ronaldo e Wilson, que sempre acompanharam meus passos e me incentivaram com votos de perseverança.

AGRADECIMENTOS

É impossível deixar de lembrar da generosidade de Milorad Bosanac, que foi cônsul da ex-Iugoslavia no Brasil, em 1986, quando me concedeu uma bolsa-de-estudo para fomentar a pesquisa sobre os Bálcãs;

Minha preferência por assuntos dos séculos XIX e XX foi bem acolhida pelo professor Čedomir Popov, de *História Moderna e Contemporânea* da Faculdade de Filosofia - Universidade de Novi Sad, mentor do meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) : *A política de Meternix dirigida aos Bálcãs*.

Agradeço ao amigo sérvio mais humanista que conheço, Dejan Mihajlović, interlocutor de problematizações e indicações que ocasionaram este estudo;

Ao companheiro, Moacir Nunes e Silva, pela parceria em trabalhos de Geografia, norteando a crítica nas questões sociais;

Ao colega da FFLCH, Anselmo Heidrich, com quem disfrutei de boas discussões sobre geopolítica nos intervalos das aulas e por meio de seu *BLOG*;

André Rodrigues Nagy, ex-operador de cartografia do instituto SEADE, e colega da FFLCH, ao contribuir com suas técnicas em recursos de informática.

Antonio Carlos Robert Moraes, meu professor de *Formação Territorial e Teoria da Geografia Humana*, rendeu-me generosos comentários no trabalho de conclusão desta disciplina, e pertinentes sugestões bibliográficas no Exame de Qualificação deste mestrado, que foram acrescentadas nesta dissertação.

Agradeço, especialmente, ao orientador do regionalismo, por excelência, Dr. André Roberto Martin, quem acredita em projetos que visam um *Centro de Estudos Eslavos*, e impulsiona meu amadurecimento acadêmico com requintadas recomendações comprometidas com os atuais questionamentos da Geografia.

In Memoriam:

Minha mãe, Zulmira dos Santos Momce

Meu Pai, Kuzma Prizmic Momce,

direcionaram os estudos em minha formação de valores.

RESUMO

Esta dissertação reflete sobre os motivos da integração e desmembramento de povos que produzem um espaço comum. Verificam-se aspectos comuns da ideologia iugoslavista do século XIX com as políticas nacionalistas do século XX, visando manifestações de poder comprometidas com a criação de Estados independentes. Sustenta-se que os partidos nacionalistas, antes da 1ª Guerra Mundial, não se rotulavam como partido dos trabalhadores, nem levantavam a bandeira socialista. Além disso, os mentores da unificação dos povos sul-eslavos almejavam o desenvolvimento comercial e industrial de suas regiões, mas não recebiam apoio das potências européias, nem eram liderados ou financiados por uma elite burguesa. Tentamos demonstrar que, neste primeiro momento do nacionalismo, os eslavos-do-sul realizaram sua união muito mais por iniciativa própria contra a política do Vaticano; contra o atraso feudal; contra a aculturação germânica, e que as intervenções externas favoráveis à formação de Estados eslavos nos Bálcãs foram relevantes somente com o descrédito socialista, uma vez que o Estado iugoslavo não proporcionou a democrática participação entre seus concidadãos nas atividades políticas e econômicas, ensejando o separatismo ultranacionalista.

A morte do marechal Tito, em 1980, ressuscitou a intolerância de croatas e eslovenos em relação à centralização governamental dos dirigentes sérvios, os quais não souberam articular uma flexibilização política. É neste segundo momento que as potências internacionais realizaram intervenções concretas a favor da dissidência dos demais nacionalismos latentes, entre os eslavos-do-sul, que acabaram ganhando vida própria, respaldando os emblemas de espaço produzido por cada nacionalidade individualizada, no fundo, uma exploração ideológica de líderes locais formadores de opinião pública, os quais encontraram respaldo no interesse das potências ocidentais em se expandir no Leste Europeu e liquidar o socialismo.

Considerando a formação do Estado, seja iugoslavo, sérvio, croata, etc., este estudo expõe a influência política pela ideologia do nacionalismo, mesmo com toda diversidade de religião, de tamanho do espaço compartilhado por comunidades multiétnicas, de diferentes credos e que usam diferentes línguas, na construção de uma nação. Não se questiona aqui a invenção de identidades ou recriação de nações, implicando alteração de territórios e de Estado. Importa verificar se o nacionalismo é um elemento perene de poder, na medida em que sempre pode ser acionado como estratégia política capaz de formar e destruir Estados.

PALAVRAS-CHAVE: Iugoslávia; nacionalismo; multiétnico; territorialidade; Estado-Nação

ABSTRACT

This essay reflects on the reasons for integration and disintegration of peoples who have a common area. Checks commonalities between the ideology of the nineteenth century Yugoslavia and the nationalist policies of the twentieth century, to understand the manifestations of power committed to the creation of independent States. Argues that the nationalist parties, before the First World War, is a not labeled as a party of workers, and raised the flag socialist. Also, the mentors of the unification of South Slavic peoples aim the development of its commercial and industrial regions, but not received support from European powers, nor were led or financed by the bourgeois elite. We tried to demonstrate that in this first moment of nationalism, the Slavs of the south-union held their own for much against the policy of the Vatican, against feudal backwardness, against acculturation Germanic, and that external interventions in favor of the formation of the Slavs in the Balkans were relevant only to discredit socialist, since the State did not provide the Yugoslavian democratic participation among citizens in their political and economic activities, shares rise separatist groups ultranationalists.

In the federative socialist system, from the Second World War, the Marshal Tito fought against the domination of the Nazis and Soviets and won power by forcing a 'hybridization' of the South Slavs, in order to eliminate cultural differences in their territory. The death of this leader, in 1980, raised the intolerance of Croats and Slovenes on the centralized government of Serbian leaders, who have not articulated a flexible politics. This is the second time that the powers held international assistance to promote the secession of the other latent nationalism, which eventually gained a life of its own, backed emblems of space produced by each individual nationality, basically, an ideological exploitation of local leaders shapers of public opinion, which found support in the interest of Western powers in expanding in Eastern Europe and still socialism.

Whereas the formation of the State, is Yugoslavian, Serbian, Croatian, etc., this study exposes the political influence by the ideology of nationalism, even with all diversity of religion, size of space shared by multiethnic communities of different faiths and that use different languages, in building a nation. Question here is not the invention or recreation of identities of nations, involving change of state and territory. It verifys that nationalism is a perennial power in that it can always be executed as a political strategy capable of forming and destroy States.

KEYWORDS: Yugoslavia; nationalism; multiethnic; territoriality; Nation State

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	1
<u>1 – IDENTIDADE IUGOSLAVA PELO PLEITO DA TERRITORIALIDADE</u>	5
1.1- O nacionalismo popular rumo ao Estado (poder de baixo para cima)	
1.2- Políticas nacionalistas de homogeneização dos eslavos-do-sul para identificá-los com uma unidade geográfica mais ampla possível	
<u>2 – NACIONALISMO SEM INGERÊNCIA DO PODER BURGUEÊS</u>	21
2.1- O paneslavismo-periférico isolado pelo pacto entre as grandes potências	
<u>3 – AÇÃO ENDÓGENA DO PANESLAVISMO PERIFÉRICO</u>	42
3.1- Bosnia-Herzegovina disputada por pretendentes eslavos e não-eslavos	
<u>4 – ACORDOS INTERNACIONAIS EM PREJUÍZO DOS ESLAVOS</u>	56
4.1 - Regimento austro-húngaro de 1867 desfavorece os eslavos	
4.2 - O Vaticano a favor dos imperialistas em detrimento dos colonos católicos	
4.3 - Os impasses de união, hora com o Ocidente, hora com o Oriente	
4.4 - Fim do absolutismo turco e austro-húngaro nos Bálcãs	
<u>5 – FORMAÇÃO DO ESTADO-NAÇÃO IUGOSLAVO</u>	90
5.1 - Formação do Reino da Sérvia, Croácia e Eslovênia	
5.2 - Com Tito, cristaliza-se a política de Estado (poder de cima para baixo)	
<u>6 – SEPARAÇÃO DOS ESLAVOS-DO-SUL NOS ANOS 90</u>	100
6.1 - Os estilhaços dos eslavos em prol da União Européia	
6.2 - A perenidade do Estado-nação pelo uso sustentável do nacionalismo	
6.3 - A centralidade do Estado e o protecionismo dos bens nacionais diante da atual crise financeira mundial	
<u>7 – IMPRESSÕES DE UM BRASILEIRO NA EX-IUGOSLÁVIA</u>	121
<u>CONCLUSÃO</u>	133
<u>GLOSSÁRIO</u>	139
<u>BIBLIOGRAFIA</u>	144

INTRODUÇÃO

“O nacionalismo, qualquer que seja a emoção poderosa de fazer parte de uma “comunidade imaginada”, nada é sem a criação de Estados-nações, e um mundo de tais Estados, adequando-se aos atuais critérios de nacionalidade étnico-linguísticos, não é, hoje em dia, uma probabilidade viável.”¹

A citação acima me faz refletir sobre as economias nacionais inseridas numa nova divisão internacional do trabalho, que atualmente inclui organizações supranacionais acima do controle dos governos. A abrangência tecnológica, a conexão do comércio global e as migrações internacionais, cada vez mais intensas, reforçam a ideia de autores pós-modernistas quanto ao fim do Estado-Nação e do nacionalismo. No entanto, os conflitos recentes dos anos 90 evidenciam que o nacionalismo não está morto, mas sim readaptado por políticas que se sustentam justamente por fazerem renascer os problemas nacionais.

Este estudo verifica as ações de líderes políticos que incutiram em suas comunidades uma identidade cultural que as projetasse ao status político de nação com a intenção de sair do atraso perpetrado pela longa dominação de turcos e austro-húngaros (impérios monárquicos reacionários em relação ao capitalismo ocidental). No rastro dessas ações políticas, consto que o Leste europeu, desde o final do século XIX até o início do século XX, não vivenciou a intervenção de interesses capitalistas externos, ou a liderança de uma classe burguesa interna, controlando a economia e a política dos eslavos balcânicos.

É preciosa a contribuição apreendida de Benedict Anderson, referente à indiscutível iniciativa dos Estados para imaginar nações. Um trecho de sua fala lançou-nos à seguinte reflexão: “... os censos, mapas e museus conformaram a maneira como o Estado imaginava seu domínio, a natureza dos seres por ele governados e a geografia de seu território (e, portanto a legitimidade em relação ao passado). Juntos eles criaram realidades unificadas, por mais distintas que fossem; categorias raciais claras em territórios onde os grupos se misturavam e fundiam; histórias sequenciais e lógicas; mapas e fronteiras fixos. Os censos, mais que espelhar, construíram realidades claras e rígidas, permitindo prever políticas para essas populações devidamente imaginadas.”²

¹ HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade*, p.210

² ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas*, p.14, 15

O uso do poder da máquina estatal, explanada por este autor, pode ser demonstrado, por exemplo, pelas ações políticas ditadas pelo marechal Tito, idealizando comunidades híbridas. Entretanto, há outras projeções de consequência política, idealizadoras de Estados nacionais, nos Bálcãs, procedentes de bases populares que antecederam a formação da Iugoslávia. Trata-se de um poder de ações políticas antes mesmo que estas alcançassem o status de Estado, e cujo propósito de seus líderes (religiosos, políticos, escritores, jornalistas, professores, enfim, representantes das instituições populares como paróquias, escolas, editoras, partidos políticos) era promover uma nacionalização contrária à insustentável hegemonia do império habsburgo, conquanto os austríacos não satisfaziam os interesses da maioria da população provinciana.

Nestes termos, diria que o ato político de articular nacionalismos não é exclusividade do Estado, mas devo reconhecer que os agentes políticos, detentores da máquina estatal ou não, só conseguem impor seu projeto nacionalista quando controlam o poder de Estado. Daí discorrer, neste estudo, a manifestação desses nacionalismos em busca de seu Estado próprio tão necessário.

Abordo a pesquisa historiográfica, financiada pela Sérvia, de Kosta Milutinović, cuja obra – *Strossmayer e a questão iugoslava* – porta uma continuidade de ações políticas de cunho nacionalista – que nos instiga a averiguar se a ideologia iugoslavista foi posta em prática desde o século XIX, ou apenas cultivada pelo governo centralizador de Josip Broz – o marechal Tito.

Não é fácil conciliar a organização cronológica por temas, porque esta dissertação envolve um desenvolvimento espiral em que os lugares e as intenções políticas transformadoras desses lugares se reestruturam num processo em que se retoma a instrumentalização do nacionalismo. Isto é, os contextos se alteram em nacionalismo dalmatino; nacionalismo do Reino Triuno; nacionalismo iugoslavista; nacionalismo croata, mas a estratégia nacionalista sempre se instrumentaliza dos mesmos artifícios. Para efeito de percepção da constância desta ação política, a explanação cronológica é intercalada por comentários que entrecruzam nacionalismos do passado, séculos XIX e XX, e manifestações desse tipo de estratégia política que persistem acontecer nos dias de hoje, valendo-se de diferentes posicionamentos expostos por autores balcânicos e do estrangeiro, bem como pensadores contemporâneos e atuais.

É interessante entender por que estes povos chegaram a ter tanto orgulho da criação de um Estado soberano desde o final da 1ª Guerra Mundial, mas acabaram se desintegrando em sete novas nações-Estado a partir dos anos 90. Na relação entre espaço, identidade e poder, que menciono logo no título da dissertação, percebo maior importância nas políticas nacionalistas, mais do que os elementos econômicos e culturais que possam ser os causadores da transformação de um espaço multiétnico. Falo em nacionalismos porque secularmente sempre houve mais de uma proposta nacional para a região dos Bálcãs.

Este trabalho coloca em discussão o paneslavismo periférico concebido por ações endógenas que - até a 1ª Guerra Mundial - foram preponderantes para a formação do Reino da Sérvia, Croácia e Eslovênia, praticamente responsáveis pela conquista de um inédito Estado a partir de uma ação conjunta destes povos. As influências externas, indiretamente atuantes, durante a Guerra-fria, permearam a psicologia social das frustrantes experiências socialistas. Isto me remete ao que Hardt e Negri denominam “império invisível” na obra: *O Império*.

De maneira direta e mais acentuada, nos anos 90, a influência externa pesou incontestavelmente para a concretização do desmembramento iugoslavista no que chamamos de segunda etapa no processo nacionalista dos eslavos nos Bálcãs. Vale dizer que atualmente estes eslavos, de forma inédita, imaginam viver um nacionalismo reduzido a uma nacionalidade: eslovenos na Eslovênia; croatas na Croácia; sérvios na Sérvia, etc. Porém, é possível constatar que esta relação povo – lugar não é pura, assim como não é pura a naturalidade fisiológica e cultural atribuída a cada uma destas nacionalidades.

Há macedônios na Macedônia da ex-Iugoslávia, mas que estão muito mais identificados com as tradições emblemáticas da Macedônia búlgara, assim como da Macedônia grega. Entendemos que esta relação de espaço, identidade e poder pode, por exemplo, sofrer alteração, se ações nacionalistas reivindicarem um espaço macedônio mais amplo (remetendo-se à antiga Macedônia de Felipe II, pai de Alexandre Magno), incorporando também os espaços habitados por “macedônios” na Bulgária e “macedônios” na Grécia. Esta configuração é menos provável, porque outra ação política está sendo mais viável, no presente momento, isto é: o esforço de aumentar o poder da União Européia, incorporando novos membros que passam a compartilhar elementos nacionais em uma escala maior : uma nação européia identificada pela mesma moeda; mesma bandeira; mesmo passaporte; mesmo

legado histórico de conquistas; mesma pretensão de eurocentrismo.

A exposição das políticas nacionalistas até nossos dias, inevitavelmente, toca na questão da perenidade das nações. É notório que as nações não morrem sem deixar de serem sucedidas por outras formas de nação que se desdobram a partir de uma matriz. A humanidade não encontrou até agora um mecanismo para por fim às tendências separatistas por motivo de hegemonia dentro de um grupo heterogêneo. As diferenças são manipuladas por agentes políticos que encampam uma identidade coletiva sobre a qual se sustentam no poder centralizador de Estado.

A quantidade generosa das notas-de-rodapé e notas complementares de toponímia, terminologias conceituais específicas, biografia de autores e personalidades analisados se fazem necessárias para explicar aspectos específicos da região balcânica que é pouco pesquisada por brasileiros. No glossário deste trabalho, há uma relação de observações com a finalidade de situar o leitor quanto à localização de aldeias, cidades e regiões, bem como acrescentar dados explicativos dos atores sociais de notoriedade local e suas manifestações.

Há que se considerar como trabalho de campo as impressões de minha experiência, enquanto bolsista da auto-gestão socialista iugoslava, em Novi Sad, onde cursei História, de 1986 a 1994, presenciando quatro anos de paz, e três anos de guerra. Dedico todo um capítulo de recordações dessa época com o propósito de expor uma leitura da psicologia social que permeava os nacionalismos, contemporaneamente à existência da Iugoslávia e no início de sua desintegração.

Uma vez que esta dissertação trata de analisar a formação e desintegração da ex-Iugoslávia, é compreensível que haja uma concentração de abordagens referentes aos fatores do nacionalismo retratando mais as décadas de integração e os anos de desintegração dos eslavos-do-sul. De forma que não há necessidade de incluir toda uma longa discussão que não acrescentaria novas conclusões, senão que apenas enxertariam maior ou menor integração desses eslavos nos períodos entre guerras e pós-2ª Guerra Mundial. Desviaria o foco temático, e nada acrescentaria aos propósitos desta reflexão, caso me prendesse à autogestão socialista, ou à personificação do poder do marechal Tito. Assim, quando me remeto aos fatos principais de 1915 a 1980, evito discorrer assuntos que extrapolariam o eixo do nacionalismo. Os questionamentos pertinentes a tal período encontram-se suficientemente pulverizados de comentários no arrolamento de toda a dissertação, sobretudo no 5º capítulo: Formação do Estado-nação iugoslavo.

1 – A IDENTIDADE IUGOSLAVA PELO PLEITO DA TERRITORIALIDADE

“O advento do nacionalismo num sentido propriamente moderno esteve ligado ao batismo político das classes inferiores. (...) Embora por vezes avesso à democracia, os movimentos nacionalistas sempre foram de perfil populista e tentaram conduzir as classes inferiores à vida política. Na sua versão mais característica, ele assumiu a forma de uma liderança intelectual e de classe média descontente, tentando despertar e canalizar as energias populares em favor dos novos estados.”¹

Ao expressar que o nacionalismo concebido por Tom Nairn não se aplicava a boa parte do hemisfério ocidental, Benedict Anderson tomou o cuidado de não generalizar tal objeção, provavelmente porque o trecho do autor citado poderia ser enquadrado ao leste europeu.

Anderson enfatiza a pertinência da colocação de Tom Nairn de que “a nova intelectualidade de classe média do nacionalismo tinha de convidar as massas para a história; e o convite devia ser feito numa língua que elas entendessem.”²

Benedict Anderson cita trechos de Seton-Watson, referentes aos líderes dos movimentos nacionalistas tcheco, húngaro, finlandês, bem como outros da primeira metade do século XIX: “... eram pessoas cuja profissão consistia em larga medida no manuseio da língua: escritores, professores e advogados. O estudo do folclore, a redescoberta e a reunião de poemas épicos populares acompanharam a publicação de gramáticas e dicionários, e levaram ao surgimento de periódicos que serviram para padronizar a língua literária finlandesa, em nome da qual levantavam reivindicações políticas mais vigorosas.” (...) “No período 1800- 50, em virtude do trabalho pioneiro dos eruditos locais, formaram-se três línguas literárias nos Bálcãs do norte: o esloveno, o servo-croata e o búlgaro. Se, nos anos 1830, os ‘búlgaros’ eram geralmente considerados membros da mesma nação dos sérvios e dos croatas (e de fato participaram do movimento ilírio), em 1878 [no congresso de Berlin] surgiria um Estado nacional búlgaro em separado.”³

¹ NAIRN, Tom. *The break-up of Britain*. Londres: New Left Books, 1977, p 41. Apud ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas*, p.85

² Ibidem, p.123, 125

³ SETON-WATSON. *Nations and states*, p.72. Apud ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*, p.116,117

Josip Juraj Strossmayer recebeu seu batizado político, na revolução de 1848, quando escreveu seu primeiro artigo, no qual orientou seus seguidores a estruturar uma ordem sul eslava: “A principal tarefa dos eslavos-do-sul é se entenderem e buscarem, numa primeira fase, a união de três reinos católicos – Croácia, Dalmácia e Slavônia – com a inclusão da Voivodina. (...) Se formos espertos, entraremos em entendimento com outros eslavos, pois se ampliarmos nosso campo de ação, mais forças teremos para alcançar a dignidade de viver em condição autônoma”⁴ Antes desta iniciativa, este bispo croata era capelão do palácio de Viena. Dados da pesquisa do historiador Viktor Novak mostram que o etnólogo sérvio Vuk Karadžić⁵, que gozava da amizade de celebridades do palácio de Viena, recomendou-lhes a candidatura de Strossmayer ao episcopado de Djakovo, qualificando-o como o homem que mais benefícios pode fazer por sua gente.⁶ Uma vez nomeado bispo de Djakovo (Slavônia), 18/11/1849, Strossmayer exaltou o atributo de sua função: “*Eu sou o primeiro bispo do povo.*”⁷

Em retribuição a Vuk, ele encomendou 20 exemplares do dicionário elaborado pelo etnólogo (Strossmayer chamava tal dicionário de enciclopédia) e lhe prometeu que os enviaria aos sacerdotes das dioceses vizinhas no intuito de propagar as tradições nacionais incutindo-lhes o seguinte discurso : “*É preciso que todo aquele que ama sua nacionalidade, e a formação de suas tradições, siga o coração; que o clero ilumine o seu povo do qual é cria, e incrementalmente não apenas o número de seminaristas, mas também aumente o número de interessados em aprimorar a língua nacional. Isso se consegue, desde que os sacerdotes incentivem e façam chegar ao povo a riqueza cultural da língua que identifica toda a nação. Convido a todos que encomendem o dicionário sérvio, publicado em Viena por Vuk Stefanović Karadžić – pai da língua popular. A 2ª edição acrescentou 20.000 novas palavras em relação à 1ª edição escrita pelo mesmo autor e publicada 1818, em Viena. O dicionário será vendido nas dioceses ao preço de 6 forintos de prata.*”⁸

⁴ *Narodne Novine* (Jornal do povo), Zagreb, 14/8/1849. O artigo foi publicado com as iniciais s...r. A autoria de Strossmayer foi constatada pelo seu biógrafo, Tade Smičiklas. (SMIČIKLAS, T. **Nacrt života i djela biskupa J. J. Strossmayera i izabrani njegovi spisi, govori, rasprave i okružnice**. Zagreb: JAZU, 1906, p.6.) [Traços da vida e obra do bispo Strossmayer ...] Apud Kosta Milutinović, **Štrosmajer i Jugoslovensko pitanje**. Novi Sad: Instituto de Pesquisa de História da Voivodina (República Socialista Sérvia), 1976, p.16

⁵ Ver Glossário em Notas Complementares

⁶ NOVAK, Viktor, **Vuk i Hrvati**. Beograd, 1967, p.326, 327. Apud Kosta Milutinović, op. cit., p.49

⁷ SMIČIKLAS, T, op. cit., p.8. Apud Milutinović, op.cit., p.16

⁸ ŠIŠIĆ, Ferdo. **Josip Juraj Štrosmajer: Dokumenti i korespondencija**, Zagreb: JAZU, 1ª ed.1933, p.196–197 Apud Milutinović, op. cit., p.50

Viktor Novak comenta: “Não há dúvidas de que na história da nossa literatura sucede o único exemplo em que um religioso de tal magnitude disponibiliza seu espaço para vendas de livros de caráter profano. Há que se acrescentar que tanto escritores sérvios como croatas compartilhavam o mesmo espaço na sacristia episcopal, simbolizando uma consolidação cultural e uma aproximação entre sérvios ortodoxos e croatas católicos.”⁹

Anderson considera um equívoco tratar as línguas, como certos ideólogos nacionalistas as tratam: emblemas da condição nacional, como bandeiras, trajes típicos, danças folclóricas e similares. Para o autor, a coisa mais importante quanto à língua é sua capacidade de gerar comunidades imaginadas, efetivamente construindo solidariedades particulares.¹⁰

1.1 - O nacionalismo popular rumo ao Estado (poder de baixo para cima) *Políticas de homogeneização para um poder mais amplo possível .*

“Os croatas falam três dialetos (tchakavski, kajkavski, shtokavski). O shtokavski é o idioma dos sérvios, também falado na Bósnia e Herzegovina. O tchakavski é falado na Croácia – sobretudo na região de Varaždin. O kajkavski é falado na Croácia e no norte e oeste da Bósnia. Estes dialetos chegaram a desenvolver versões cultas. O grande apóstolo croata do ilirismo, Ljudevit Gaj (1809–1872), embora falasse e escrevesse originalmente em croata kajkavski, mudou seus próprios escritos para o shtokavski em 1838, com o objetivo de sublinhar a unidade básica dos eslavos-do-sul, embora fosse escrita em caracteres romanos pelos católicos croatas e em caracteres cirílicos pelos sérvios ortodoxos. (...) A situação única do dialeto croata, que é o uso de três dialetos não podia ser reconciliado com a crença romântica do século XIX de que a linguagem era a expressão mais profunda do espírito nacional (...) Obviamente uma nação não poderia ter três espíritos, e nem um dialeto poderia ser compartilhado por duas nacionalidades. (...) Exceto para os dominantes e para os instruídos, a língua dificilmente poderia ser um critério para a existência de uma nação, e mesmo para aqueles foi necessário escolher uma forma literária padronizada.”¹¹

⁹NOVAK, Viktor. **Vuk i Hrvati**. Beograd, 1967, p.329. Apud Milutinović, op. cit., p.50

¹⁰ANDERSON, Benedict, **Comunidades imaginadas**, p.190

¹¹Esta matéria, segundo Hobsbawm, é bem colocada por Ivo Banac em: **The National Question in Yugoslavia: Origins, History, Politics**. Londres: Itaca, 1984, p.81. Apud Hobsbawm, **Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, 3ª ed., p.71, 73

A uniformização linguística concretizada pelos intelectuais formadores de opinião - Ljudevit Gaj, Vuk Karadžić e Strossmayer – construíram um sentimento coletivo, tão necessário àquelas etnias eslavas para que um croata não tivesse mais que se comunicar nas repartições públicas em húngaro; ou em alemão, quando se remitia às autoridades governamentais. Era premente uma ação estratégica contra o risco de se perder a língua materna. Este foi um dos principais motivos que engajou os intelectuais do século XIX a formatar três dialetos em uma língua comum, uniformizando uma resistência à aculturação promovida pelo Estado imperial habsburgo. O Acordo de Letras Literárias realizado em Viena foi publicado primeiramente no *Jornal do Povo* de Zagrebe (nº 76 de 28/03/1850), e depois na obra: *Gramática de Vuk e Escritos Polêmicos*, III, 299- 303. Trata-se de uma conquista que revigorou o sonho de Ljudevit Gaj, com direito a discurso: “O entrelaçamento dos irmãos croatas e sérvios torna-se homogêneo.”¹²

O schtokavski foi sendo instituído como língua de uso comum destes povos, em detrimento das regiões de dialeto kaikavski e tchakavski, cuja população teve que se adaptar e até estudar a língua engendrada pelos idealizadores do iugoslavismo. O uso de uma língua comum fortaleceria a argumentação para reivindicar autonomia no espaço mais amplo possível, uma vez que o schtokavski é a variante mais falada entre os eslavos-do-sul, e também a mais abrangente: falada na Sérvia, na Croácia, Montenegro e na Bósnia-Herzegovina.

Bertrand Badie diz que o Estado tende a estabelecer um território demarcado e busca criar em seu interior uma hegemonização cultural que sedimente o sentimento de comunidade e pertencimento. Para este autor, a unificação da língua é uma das formas de homogeneização cultural.¹³

Segundo Claude Haffestin, “toda homogeneização nesse nível permite a concentração e a centralização e, por consequência, reforça as possibilidades de controle e de dominação. Toda tentativa de eliminação das diferenças está repleta de um poder opressor que procura realizar, no espaço e no tempo, um campo de ação para se manifestar.”¹⁴

¹²Narodne novine, br. 110, 1867. (Jornal da Nação, nº 110, 1867.) Apud Milutinović, op. cit., p. 66

¹³BADIE, Bertrand. *O fim dos territórios*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. In KRITSCH, Raquel & RICUPERO, Bernardo (Org.) *Força e Legitimidade : Novas Perspectivas*. MORAES, Antonio Carlos Robert. NAAD (Núcleo de Apoio à Pesquisa Sobre Democratização e Desenvolvimento- USP), Associação Ed. Humanitas, p.120, 121

¹⁴RAFFESTIN, Claude, *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993, p. 117, 118

Haffestin acrescenta que em toda política de integração e de unificação existe uma vontade de apagar as diferenças, porque as resistências se engancham nessas diferenças que são obstáculos ao desenvolvimento de um poder total. Poder total e diferenças são incompatíveis.¹⁵ Esta formulação se encaixa nas diferenças sociais que o marechal Tito tanto procurou apagar para desenvolver seu 'poder total' configurado no Estado socialista iugoslavo. Mas tais diferenças sociais voltaram a se acirrar após sua morte, resultando inevitável a desintegração entre os povos que formavam a ex-Iugoslávia.

Ainda nos termos de Haffestin, a composição da população, quer seja considerada do ponto de vista étnico, linguístico ou religioso, é com frequência abordada por meio da categoria homogeneidade versus heterogeneidade. Assim, a homogeneidade é percebida como uma condição favorável à sobrevivência do Estado, enquanto a heterogeneidade é tida como uma condição mais desfavorável.¹⁶ A província de Kosovo teve seu quadro demográfico alterado com a chegada dos turcos no século XIV, provocando a emigração de sérvios, enquanto a população de descendentes albaneses aos poucos foi se sobrepondo às demais. Mesmo que os sérvios tenham recuperado a hegemonia política nesta região no início do século XX, os kosovares albaneses fortaleceram sua resistência até conquistar sua independência em relação à República Sérvia em 2008.

¹⁵Ibidem, p. 28

¹⁶MUIR, Richard. *Modern Political Geography*. London: Macmillan Press, 1975, p.79. Apud Raffestin, op.cit., p.22

Onde existe uma língua de elite administrativa ou culta, por menor que seja o número daqueles que a usam, ela pode tornar-se um elemento importante da coesão protonacional, pelas seguintes razões enumeradas por Benedict Anderson:

“A 1ª é o fato de que a língua culta cria uma comunidade de elite intercomunicante que coincide ou pode vir a coincidir com uma área estatal territorial particular e com uma zona vernácula própria, pode ser uma espécie de modelo ou projeto piloto para a ainda não existente comunidade maior, intercomunicante da nação. A 2ª razão é que uma língua não gerada naturalmente, mas sim construída, especialmente quando é impressa, adquire uma nova fixidez que a faz parecer mais permanente e portanto (por uma ilusão de ótica) mais “eterna” do que realmente é. Nessa medida, os idiomas falados não são irrelevantes para a futura nacionalidade. Vuk Karadžić (1787–1864), o grande reformador e de fato o fundador do moderno sérvio-croata erudito, construiu-o a partir dos dialetos falados pelos sérvios.”¹⁷

Horace Davis cita Lendvai para informar que, em março de 1967, 130 destacados intelectuais, inclusive 80 comunistas, lançaram uma declaração sobre a questão linguística, afirmando que o dialeto croata estava sendo discriminado no uso cotidiano, e propondo que o sérvio e o croata fossem reconhecidos como idiomas separados. Os sérvios protestaram com uma campanha em massa, e os comunistas croatas que haviam firmado o documento foram expulsos do partido.”¹⁸

A Croácia e Eslovênia sobreviveram ao processo de aculturação germânica articulando uma identidade nacional dentro de uma possibilidade de Estado federativo iugoslavo junto aos sérvios. Criou-se uma situação de subgrupo buscando preservar sua autonomia dentro de um grupo, desde que este não apresentasse fenômenos internos de dominação tidos falsamente como “necessários à sobrevivência do grupo”, como acabou acontecendo pela centralização do poder em Belgrado para benefício majoritário dos sérvios, sobretudo com as manobras políticas de Milošević. Seguramente, os 80 intelectuais croatas, discriminados em 1967, deixaram frutos de uma luta em razão da heterogeneidade, que o poder hegemônico dos sérvios somente fez com que fosse lembrada.

¹⁷ ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism*. Londres, 1983, pp. 46–49

¹⁸ LENDVAI, 1969: 204. Apud DAVIS, Horace B. *Para uma teoria marxista do nacionalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.168

A fundação cultural ‘Matica’ e a escola em ação conjunta com o Partido Popular Dálmata

“Naturalmente, os Estados iriam usar a maquinaria de comunicação, crescentemente poderosa junto a seus habitantes – sobretudo as escolas primárias – para difundir a imagem e a herança da “nação” e inculcar adesão a ela, bem como liga-los ao país e à bandeira, frequentemente “inventando tradições”, ou mesmo nações, com esse objetivo”¹⁹

É notória tal colocação de Hobsbawm, uma vez que a língua alemã foi imposta nas colônias do império habsburgo, ou seja, uma imposição direcionada do alto poder de um Estado imperial para submeter suas colônias eslavas. Mas houve também instituições escolares dos eslavos que subsistiam ao Estado alheio.

Durante a revolução de 1848 – 1849, amadurecia, em Zadar e outras cidades da Dalmácia, a idéia de fundar uma instituição cultural responsável por todo seu litoral, nos mesmos moldes já existentes na Croácia, Vojvodina, Eslovênia, região tcheca e outros domínios da monarquia habsburga. O primeiro organizador desta iniciativa foi Božidar Petranović, quem se remeteu ao jornal de Praga: *‘Lipa Slovanskoj’*, solicitando doações em dinheiro para fundar “uma sociedade literária”²⁰ Tal pedido foi calorosamente acolhido pela opinião pública tcheca. Um dos mais influentes jornais de Praga, *‘Narodni Noviny’*, portou um artigo irradiante que dizia :

“Irmãos e irmãos tchecos! Vocês sabem como o estilo de vida do nosso povo ganhou ânimo com a nossa Matica Tcheca (matriz cultural tcheca) naquele lastimável período quando não tínhamos com quem contar para o povo despertar. Ajudem a massa de dalmatinos esquecidos na miséria com qualquer doação para a edificação de sua Matica Dálmata.”²¹

¹⁹ HOBBSAWM, Eric. ***Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade***, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3 ed., 1990, p.116

²⁰ *Lipa Slovanska*, nº16, 1848. Isti poziv je preveden na srpskohrvatskom jeziku i objavljen u zadarskom časopisu Zora dalmatinska (O mesmo pedido de arrecadação foi traduzido ao sérvio-croata e publicado no jornal de Zadar- A Aurora Dalmatina), nº 51, 1848. Apud Kosta Milutinović, op. cit., p.131

²¹ ILEŠIĆ, F. ***O početak Matice Dalmatinske 1848–49***. Hrvatsko kolo (Sobre o Início da Mátitza Dálmata, 1848-1849. Círculo Croata), 1909, p.133-135 Apud Milutinović, ibidem

Para primeiro presidente da Mática dalmata foi eleito Božidar Petranović, e vice-presidentes, o Dr. Juraj Pulić - diretor da Escola de Ensino Básico de Zadar, junto com Ivan Danilo- professor de Ensino Médio da mesma escola. Dentre as normas da Matica, com sede em Zadar, consta que seus frequentadores poderiam se valer tanto do alfabeto latino como do cirílico (usado pelos sérvios), adotando assim uma prática amistosa junto aos sérvios que viviam na Dalmácia.²² Petranović frequentemente exaltou que a Matica Dálmata viria a ser uma sociedade literária e de instrução educacional, mas também que seu propósito deveria ser atuante na política em benefício dos interesses nacionais : “O objetivo da Matica é proporcionar a dignidade do povo dalmatino e persistir na unificação da Dalmácia com a Croácia.”²³

Fonte: 448 x 397 – 53 K – jpg – www.adrialin.com/pics/senj/senj_karte.jpg

²² A Matica Dálmata e demais MATICAs, entre os eslavos-do-sul, patrocinam suas tradições regionais até os dias de hoje.

²³ KARLIĆ, P. *Matica Dalmatinska*, Zadar, 1913, p.29. Apud Milutinović, op. cit., p.131

A formação do Partido Popular Dálmata e do Partido Italiano (ou Autonomista)

Se aplicarmos as considerações de Benedict Anderson (expostas em parágrafos anteriores) no contexto eslavo, vemos que a língua foi um instrumento de identificação popular utilizado politicamente para tramitar uma nação. Anderson faz comparações com os nativos do continente americano, os quais não dispunham da indústria tipográfica nos séculos XVIII e XIX, e constata: “qualquer tentativa de conferir profundidade histórica às nacionalidades indígenas por meios linguísticos enfrentou obstáculos insuperáveis.”²⁴

“...a territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade- espaço- tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema. Mas essa territorialidade e dinâmica são contínuas de elementos suscetíveis de variações no tempo.”²⁵

Na sessão parlamentar de 12/9/1860 em Viena, o conde Francesco Borelli, da minoria italiana dalmatina defendeu que cada região buscasse seu desenvolvimento pelos seus próprios meios. Já Strossmayer expressou o desejo de reincorporar a Dalmácia à Croácia alegando que a região da Dalmácia “por séculos constituiu-se como território croata, mas sofre nas mãos do governo de Viena que conduz uma economia de exploração do povo desarmado, deixando a região sem estrutura para desenvolver seu potencial econômico.”²⁶

²⁴ ANDERSON, Benedict, ***Comunidades imaginadas***, p.280

²⁵ RAFFESTIN, Claude, ***Por uma geografia do poder***. São Paulo: Ática, 1993, p. 160, 161

²⁶ CEPELIĆ, M. i PAVIĆ, M. ***Josip Juraj Strossmayer, biskup bosansko- đakovački i sremski***. Zagreb 1900–1904, p. 436. Apud Milutinović, op. cit., p.111

Dias depois, o conde Boreli reforçou seu discurso lembrando que a Dalmácia estava submetida diretamente à coroa austríaca. Segundo Boreli, com o desaparecimento da República de Veneza, reconstituiu-se a soberania da Dalmácia, e por desejo dela própria, estabeleceu-se sob o poder habsburgo.²⁷ Em contra disso, Strossmayer ventilou a possível conspiração de uma futura união da Dalmácia com a Itália, ridicularizando o pífio número de italianistas pelas cidades litorâneas em contraste com a massa de eslavos:

“Quem quiser verificar a verdadeira identidade dos croatas, que se apresente aos 400.000 eslavos da Dalmácia e da Slavônia, cuja língua é a mesma que a nossa, e faça as seguintes perguntas: ‘Quem é você?’; ‘Você fala qual língua?’ E a resposta será: ‘Eu sou croata’; ‘Falo croata.’ É assim que se preserva a nacionalidade da população; É assim que se determinam os constituintes de um território.”

Ao fim do discurso citado, expressou sua convicção de que somente com a unificação se garantiria uma situação confortável para a Dalmácia e para a Croácia:

“O conde Boreli procura formar uma assembléia dalmatina composta por representantes escolhidos dentre uma minoria de 10 a 15 mil opositores em relação aos interesses eslavos. A partir daí, podemos julgar até que ponto ocorre, de fato, a representatividade dos interesses eslavos.”

Avaliando estes dados, Victor Novak faz o seguinte comentário:

“Esta fala de Strossmayer formou uma corrente partidária na Dalmácia, que se denominou ‘Partido Popular Dálmata’ (ou Partido Anexionista), que unia croatas e sérvios em luta pela anexação da Dalmácia com a Croácia. O conde Boreli, por sua vez, foi o precursor do ‘Partido Italiano’ (ou Partido Autonomista).”²⁸

²⁷ Arhiv Đakovačke Biskupje, Štrosmajer – fascikl br. XXVII. Apud Milutinović, ibidem, p.143

²⁸ NOVAK, V. **Natko Nodilo**, Letopis Matice srpske, 1934, knj.341, sv.2, p.169. Apud Milutinović, ibidem, p.113

4/01/1861, em carta dirigida ao conde Marin Đorđić, um dos nobres representantes do *Partido Popular Dálmata*, Strossmayer repudia a falsa conotação de “autonomia” da Dalmácia, e faz um traçado da perspectiva de integração desta com outras regiões eslavas: “Primeiro é preciso conquistar a unificação. Isso possibilitaria nossa intervenção na questão do Leste [Sérvia, Montenegro e Bósnia-Herzegovina subjugados aos turcos] para empreender a libertação dos maltratados ortodoxos, que são nossos irmãos de sangue.” (...) “Vocês, dalmatinos, preocupam-se com a liberdade através da autonomia. Porém, nas escolas e no trabalho, sofrem a imposição de uma língua estrangeira e costumes alheios à vossa cultura. (...) A Croácia e a Slavônia auxiliarão vocês a estreitar o nosso progresso econômico com a Bósnia e com a Herzegovina, cuja população compartilha motivos iguais aos nossos.”²⁹

12/02/1861, Ivan Mažuranić, chefe diplomático croata em Viena, transmitiu ao *Partido Popular Dálmata* que a Dalmácia não recebeu autorização para sua própria assembleia legislativa, e sugeriu que os porta-vozes dalmatinos fizessem suas queixas à assembleia dos croatas e slavônios que estão sob a jurisdição da Hungria. O administrador da Croácia (ban), general Mamula, possivelmente fazendo cumprir as diretivas recebidas de Viena, convocou a presença dos líderes nacionais de Dubrovnik, entre os quais os condes, irmãos, Medo e Niko Pucić³⁰ para que se interessassem da seguinte advertência : “A Dalmácia não receberá ordens de Zagrebe, senão que de Viena.”³¹

²⁹ Arhiv đakovačke biskupje, Strossmayer – fascikl br. XXXV. Apud Milutinović, op. cit., p.118, 144

³⁰ integrantes da nobreza croata na Dalmácia e ativistas da revitalização cultural de todo o sul da Dalmácia

³¹ BERITIĆ, N. *Niko Veliki Pucić. (Niko Pucic, o Grande)* Dubrovnik, 1955, ano I, nº1, p.7–16; Ver também: CVJETKOVIĆ, B. *Dubrovnik u našem političkom i kulturnom preporodu od 1861. do danas. (Dubrovnik em nossa revitalização política e cultural de 1861 até hoje.)* Narodni list, Zadar, edição jubileu, 1/03/1912. Apud Milutinović, op. cit., p.166

A assembléia croata discutiu a resolução imperial de 09/05/1861, referente à situação da Dalmácia e Kranjska (atual Eslovênia). Strossmayer não perdeu a oportunidade de ressaltar os valores culturais : “A Croácia não desfruta do direito de autonomia que deveria ser concedido aos habitantes da Croácia. Não se respeita a autodeterminação em nenhum aspecto da vida pública. Não se pergunta se os habitantes querem se submeter a tais e quais normas, e tentar um consenso geral. Ao invés disso, há apenas a preocupação de explorar os súditos. Nós não alcançamos nossos direitos, inclusive por não se debater mais sobre isso nas escolas, já que certos conteúdos foram expelidos da sala de aula. Ou nos garantimos por nós mesmos, ou continuaremos jogados ao atraso.”³²

Para Hardt e Negri, a nação funcionava entre grupos subordinados quer como uma arma defensiva usada para proteger o grupo contra a dominação externa, quer como um fator de unidade, autonomia e poder de comunicação. “Durante o período da descolonização e logo em seguida, a nação parecia ser um veículo necessário para a modernização política e portanto o indispensável caminho em direção à liberdade e à autodeterminação.”³³

Josip Juraj Strossmayer

³²Dnevnik Sabora Trojedne Kraljevine Dalmacije, Hrvatske i Slavonije. **Zapisnik sjednice od 22. V. 1861.** (Diário da Assembléia do Reino Triuno – Dalmácia, Croácia e Slavônia. *Ata da Seção de 22/5/1861.*) Apud Milutinović, op. cit., p.207

³³HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.149

1.2 – Políticas nacionalistas de homogeneização dos eslavos-do-sul para identificá-los com uma unidade geográfica mais ampla possível

A regionalização moldada pelos três reinos que resultaram na dimensão croata de hoje

“Verificamos que uma nação tem sempre: 1. um território específico; 2. um certo tamanho mínimo; 3. certa integração (centralização, interdependência); 4. uma consciência de si mesma como nação.”³⁴

A principal ação para eleições livres na Dalmácia foi desempenhada por Niko Pucić, que, em 15/4/1861, foi conclamado deputado pela cidade de Križevci para palamentar na assembléia croata, defendendo os interesses do *Partido Nacional Croata*. Também participaram os líderes do *Partido Popular Dálmata*, Miho Klaić e Mihovil Pavlinović. Este último agradeceu a confiança dos 25.000 croatas que o escolheram para representá-los. Ele relatou que, no pleito dalmatino, 410.000 croatas elegem 20 representantes, enquanto que 15.000 italianos, na maioria, comerciantes e artífices urbanos, têm direito a eleger 23 representantes. Após o discurso de Pavlinović, a assembléia croata escolheu um comitê (Strossmayer, Dragojlo Kuslan, Mirko Hrvat e Jovan Živković) com a missão de formalizar ao imperador a requisição de eleições livres, integrando Dubrovnik, Kotor, ilhas Kvarner ao Reino Triuno. Os dalmatinos passariam a eleger seus representantes e os enviariam a Zagrebe para que lá, confraternizando-se com seus pares da Croácia e Slavônia, pudessem decidir melhor seu futuro comum. No parecer do comitê croata, a aprovação dessas condições favoreceria uma constituição liberal, coerente com a porcentagem de habitantes.³⁵ Posteriormente, em 1867, Niko Pucić, eleito vice-presidente do Conselho Parlamentar Dalmatino, marcou uma vitória dos anexionistas croatas, tomando mais uma posição que era dos autonomistas.

³⁴ DAVIS, Horace B. *Para uma Teoria Marxista do Nacionalismo*, Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 16

³⁵ Dnevnik Sabora Trojedne Kraljevine Dalmacije, Hrvatske i Slavonije. *Zapisnik sjednice od 22. V. 1861*. Apud Milutinović, op. cit., p.118,144

Descrição: A dissolução do Império Austro-Húngaro, no final da 1ª Guerra Mundial, transformou a organização política dos Bálcãs. A guerra começou nos Bálcãs com o assassinato do arquiduque habsburgo, Franz Ferdinand, cometido por um militante bósnio-sérvio procurando tornar seu país independente do duplo império. Jovan Cvijić, o autor deste "mapa etnográfico" dos Bálcãs, publicado em 1918 pela Sociedade Geográfica Americana de Nova Iorque, era professor de geografia na Universidade de Belgrado. Cvijić terminou seu doutorado em formações geológicas e geomorfologia física na Universidade de Viena na década de 1890, porém, mais tarde, seus interesses mudaram para pesquisa "antropo-geográfica", ao analisar as influências geográficas sobre a dinâmica étnica e cultural da península balcânica. O mapa de Cvijić é uma prova da diversidade étnica, religiosa e nacional dos Bálcãs, mas oferece pouca noção dos danos demográficos que a guerra causou na península, onde uma estimativa de um quarto das populações da Sérvia e Montenegro anteriores à guerra foram mortas, uma das mais elevadas taxas de vítimas entre quaisquer países combatentes.

Desenhista: Breisemeister, William A.

Escala 1:3.000.000

Idioma: Inglês

Lugar: Europa > Albânia; Europa > Bósnia-Herzegovina ; Europa > Ex-República Iugoslava da Macedônia; Europa > Grécia;

Período: 1900 d.C. - 1949 d.C.

Outras Palavras-Chave: Etnologia ; Península Balcânica

Tipo de Item: Mapas

Descrição física: 1 mapa colorido, 42 x 50 centímetros

Instituição: Biblioteca do Congresso

Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc.wdl/dlc.93>

A escola de Zadar em ação conjunta com o Partido Anexionista, contra os Autonomistas

A luta entre anexionistas de Zadar e os autonomistas envolveu jovens estudantes, os quais se reportaram a Strossmayer e passaram a se manifestar através do jornal de Zagreb, '*Pozor*' – o principal órgão do *Partido Nacional Croata*. Na coluna reservada aos estudantes, estes próprios consignaram: “Deus permitiu que sua missão fosse ao encontro da unificação dos nossos povos”, e assinaram: ‘estudantes croatas- dalmatinos da escola de Zadar’³⁶

Esta divulgação da imprensa estourou como uma bomba na vida pública de Zadar. O jornal de tendência rival, '*La Voce Dalmática*', transmite a indignação dos autonomistas que se subscrevem anonimamente - '*muitos cidadãos*' :

“É inadimiscível a forma com que os estudantes foram pervertidos pelo seu diretor, Juraj Pulić, da escola de Ensino Médio de Zadar. Quase todos do Partido Anexionista pervertem os nossos jovens. Não se pode permitir que as aulas dos escolares sejam usadas por um partido explorador de menores, que abusa de todos os meios inescrupulosos para atingir suas metas.”³⁷

A polícia local investigou o caso para que os escolares não ficassem impunes. O correspondente, em Zadar, do jornal de Zagrebe- *Pozor*, portou elementos concretos sobre a perseguição dos professores acusados.³⁸

A pior represália sofreu Mitar Stipčević, reitor do pequeno seminário '*Zmajević*', denunciado como “*anexionista fervoroso*” e suspeito de ter sido responsável pela coluna estudantil dedicada a Strossmayer. Com isso, Stipčević foi excluído do cargo de reitor. O correspondente do *Pozor* ainda relata que a comunidade escolar recebeu a acusação como “*grande injustiça*” e ressalta que os acusados são educadores: “*nosso tesouro nacional*”³⁹

³⁶Pozor, 20. VI. 1861. Apud Milutinović, op. cit., p.134

³⁷La Voce Dalmatica, 22/ 6 /1861. Apud Milutinović, op. cit., p.135

³⁸Pozor, 28. VI. 1861. Apud Milutinović, ibidem

³⁹Pozor, 28. VI. 1861. Apud Milutinović, ibidem, p.136

No mesmo dia, a diretoria policial em Zadar registrou seu boletim diário (Tages–Rapport)⁴⁰, atuando Juraj Pulić e os professores Miho Klajić e Ivan Danilo por abuso de suas funções públicas e subverter a ordem social. Para complicar ainda mais a situação, o prefeito de Zadar, Giovanni Salghetti Driolli apelou ao poder supremo para interromper o funcionamento da ‘*Folha Popular de Zadar*’.⁴¹

Kosta Milutinović assim expôs a maneira como reagiu a sociedade:

*“Mesmo após a exclusão dos intelectuais e militantes políticos, a escola de Zadar perseverou como foco de resistência e referência da ideologia nacionalista nas costas do Adriático eslavo. A semente fertilizou na terra, da qual germinaram novos troncos de casca mais enrijecida nada fácil de se arrancar. A classe dominante, com a maioria de seus representantes na Câmara Municipal, continuou a demitir professores e a expulsar e castigar os alunos; endureceu a disciplina escolar e medidas administrativas discriminatórias a alunos e professores, mas nada disso conseguiu intimidá-los. Os alunos que se formavam, geração após geração, alimentaram a resistência à imposição estrangeira”*⁴²

⁴⁰ A diretoria policial de Zadar não diferenciava o termo ‘anexionistas’ – especificado para os dalmatinos - distoante do termo ‘unionistas’ (designado aos croatas simpatizantes dos ‘magearones’ - pró-Hungria. Historijski arhiv u Zadru. Prezidijalni spisi Namesništva. Dnevni izveštaji (Tages- Rapport) Policijske direkcije u Zadru (Arquivo Histórico de Zadar. Registro governamental. (Boletim Diário) Diretoria Policial de Zadar), do dia 22 de junho de 1861, nº 3

⁴¹ Prezidijalni spisi Namesništva. Congregazione Municipale, Zara 27//061861. No 1510. Kat. I / 1–4. Apud Milutinović, p.137,138. [Zara, em italiano, equivale a Zadar – termo croata, cf. trad. Adilson Prizmic Momce]

⁴² MILUTINOVIĆ, Kosta. **Strossmayer u borbi za sjedinjenje Dalmacije sa Hrvatskom**. Radovi Filozofskog Fakulteta u Zadru, II. Razdio historijsko- arheološki. Zadar, 1962. (Milutinović, Kosta. Strossmayer na luta pela unificação da Dalmácia com a Croácia. Trabalhos da Faculdade de Filosofia de Zadar, II. Departamento Histórico – Arqueológico, Zadar, 1962 Apud MILUTINOVIĆ, Kosta. **Štrosmajer i Jugoslovensko pitanje**, p.134,142

2 - O NACIONALISMO SEM INGERÊNCIA DO PODER BURGUEÊS

“Durante os meses dos conflitos bélicos decisivos entre o governo de Kossuth e o campo imperial, os eslavos que viviam na Hungria podiam lutar ou com os húngaros contra o absolutismo austríaco, ou ao lado deste contra os húngaros. Não se deu uma terceira via.”¹

Não chamaríamos, como o fez Rolsdolsky, a “*Contra-Revolução*” de “*anti-burguesa*”, uma vez que nem a Rússia, nem a Hungria, muito menos os eslavos-do-sul contavam com uma burguesia forte. Seria cabível destacar que, dentre os eslavos-do-sul, os dignatários que eventualmente poderiam protestar eram representantes da aristocracia rural, da qual provinham poucos nobres, e estes geralmente eram convidados a fazer parte do alto escalão imperial de funcionários leais aos interesses do palácio de Viena (como é o caso do ban Jelačić). Daí não compactuarmos com a desconsideração da força e autonomia dos eslavos, à maneira de Rosdolsky, ao generalizar todos os eslavos ‘dentro do mesmo saco’ (pró-húngaros, ou pró-austríacos), ao dizer: “*Não se deu uma terceira via*”. É possível a leitura de uma terceira via: a luta político-ideológica sul eslava, culminando, desde o final do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, em luta armada iugoslavista.

À época do imperador austríaco José II (início dos anos 40 do século XIX), os húngaros expressaram abertamente que o domínio da cidade portuária de Rijeka lhes possibilitaria saída para o mar e ampliar o território da ‘Grande Hungria’, desde os montes Carpatos até o mar Adriático. Com vistas a isso, exercendo a função de ministro das finanças, Lajos Kossuth trabalhou intensamente no sentido de exportar as mercadorias da Hungria através do porto de Rijeka, passando por Viena e Trieste. Na seção do conselho ministerial e do parlamento húngaro, Kossuth insistiu na construção da estrada de ferro Vukovar- Rijeka.² Provém de Kossuth, a famosa expressão, referindo-se à Grande Hungria, usada até a ruína do império austro-húngaro (1918): “Tengerre magyar !” (“Para o mar, magiares !”)

¹ ROSDOLSKY, Roman. *Friedrich Engels y el problema de los pueblos “sin historia” (La cuestión de las nacionalidades en la revolución de 1848 – 1849 a la luz de la ‘Neue Rheinische Zeitung’)*, Ciudad de México: Pasado y Presente, 1 ed., trad. Conrado Ceretti, 1980, p.168.
Rosdolsky escreveu este livro em 1948, 100 anos após os acontecimentos da revolução de 1848

²GY, Szekfű. *Magyar Történet*, V, 411. Apud MILUTINOVIĆ, K. *Štrosmajer i Jugoslovensko pitanje*, p.148

Os populistas croatas reivindicavam que sua assembléia, alternadamente, fosse sediada em Zagrebe (capital da Croácia), Osijek (capital da Slavônia), Rijeka (principal cidade portuária do litoral norte adriático) e Zadar (na Dalmácia), para manifestar, também dessa forma, a união destas regiões. Os imperialistas húngaros, encabeçados por Kossuth, em 1848, teoricamente, reconheciam o princípio da autodeterminação nacional, mas, na prática, insistiram no fato de excluir Rijeka da Croácia, e incorporá-la, com todos os distritos adjacentes, à Hungria. Suas metas eram: ‘1ª – *Rijeka sob administração dos húngaros*; 2ª – *Área marítima maguear*.’³

O ban Jelačić⁴ combateu esta investida dos húngaros. Enviou seu vice, Josip Bunjevac, com 1000 soldados de fronteira, para entrar em Rijeka e ocupar a cidade em 1/09/1848. Os partidários húngaros, chamados ‘hungaresi’, que na maioria eram italianos e descendentes favoráveis à unificação direta de Rijeka com a Hungria, não resistiram ao poder instaurado. O então novo imperador austríaco, Francisco José, ao ocupar o trono, nomeou o ban Jelačić também como governador de Rijeka, em 2/12/1848. Na nova ordem governamental, formalizada 4/03/1849, a Hungria não obteve sua pretensão no litoral adriático. O historiador Ferdo Šišić destaca:

*“Nesse momento, Rijeka se tornou da Croácia no sentido geográfico e na prática.”*⁵

Na cidade de Zagreb, em frente à estação de trem, há uma estátua de Jelačić apontando sua espada em sentido à Hungria, representando a expulsão do exército húngaro até seu lugar de origem.

³GY, Szekfü. *Magyar Történet*, V, 411. Apud Milutinović, op. cit., p.148

⁴Ban: encarregado do imperador para administrar a Croácia, cujo status social equivale a duque

⁵ŠIŠIĆ, Ferdo. *Hrvati i Madjari, 1770–1873*. Zadar, 1913, p.29,30. Apud Milutinović, ibidem

2.1- O paneslavismo-periférico isolado pelo pacto entre as grandes potências

“As tropas russas estão aí. Já pisaram em solo austríaco. Não as enviou o povo russo, mas sim o tzar russo, não para lhes trazer a liberdade, mas sim para subjugar-los. Enquanto os russos obedecerem ao tzar Nikolau I, seguirão sendo os mais perigosos adversários da liberdade. (...) Sérvios, croatas, eslovacos! Querem se converter em escravos do imperador russo, ou querem ser livres? Abandonem os dirigentes traidores como Jelačić, Palacký e outros que lhes prometeram tudo, mas não cumpriram nada, vendendo-os aos Habsburgos e ao Nikolau I.(...) Querem ser livres? Então estendam uma mão consiliadora aos húngaros.”⁶

Neste 2º *Chamamento aos eslavos* (primavera de 1849), Bakunin invoca os integrantes das nacionalidades mais desfavorecidas do império habsburgo a se unirem aos pequenos proprietários – representantes da baixa nobreza húngara. Há que se considerar, porém, que, se isso sucedesse, a política agressiva da Hungria em relação aos eslavos e romenos não mudaria, haja vista a postura de um dos maiores representantes políticos dessa baixa nobreza húngara – Lajos Kossuth, o qual liquidava as reivindicações dos croatas. Exemplo prático dessa agressão foi a estratégia de ocupação e magiarização em substituição à territorialidade eslava:

“No ‘Bosque de enforcamentos’ na Vojvodina, foram assassinados 467 ‘rebeldes’ vítimas do plano de Kossuth que, de acordo com o general húngaro Görgey, visava decepar os banatos sérvios e colonizar a região com os Honveds’ (membros da milícia territorial). Igual idéia foi defendida pelo mais esquerdista dos políticos húngaros dessa época, Tancsics, quem no parlamento expressava a expulsão dos eslavos meridionais após reprimi-los e distribuir suas propriedades entre os Szekler [tribo húngara agropastoril] da Transilvânia.”⁷

⁶ ČEJCHAN. *Bakunin na Bohemia* (em tcheco), 1928, pp.193,196,198. Apud ROSDOLSKY, Roman. *Friedrich Engels y el problema de los pueblos “sin historia”*, p.172

⁷ BOLGAR, A. *Hungria, Esboço Histórico*, Ed. Grande Enciclopédia Soviética, t. 10, p.54. Apud ROSDOLSKY, Roman, op. cit., p.35. Bakunin informa planos eslavos análogos, da mesma época, com relação aos húngaros.

Confronto entre nações revolucionárias e contra-revolucionárias.

Segundo Benedict Anderson, foi apenas nos anos 1840 que a nobreza magiar – cerca de 136 mil pessoas monopolistas da terra e dos direitos políticos num país com 11 milhões de habitantes – passou a se empenhar seriamente na magiarização, e isso só para impedir a sua própria marginalização histórica. O autor acrescenta que a difusão do magiar impresso e o crescimento de uma intelectualidade liberal estimularam um nacionalismo húngaro liderado por Lajos Kossuth, na Revolução de 1848, rejeitando a subserviência dos húngaros em relação ao palácio de Viena. A posição pessoal de Kossuth, nas suas negociações infrutíferas com os líderes de várias minorias não-mageares, era a de que esses povos, por não terem uma “personalidade histórica”, não poderiam formar nações próprias.

“o jovem e brilhante poeta Sándor Petöfi, nacionalista radical (1823–49), com grande espírito de liderança em 1848, referiu-se às minorias como ‘úlceras no corpo da terra materna’.” (...) “Derrotado o regime revolucionário pelos exércitos czaristas⁸ que auxiliaram os habsburgos em agosto de 1849, Kossuth se exilou pelo resto da vida.

Dados levantados por Anderson, revelam que nos anos 1850, a administração burocrático-autoritária de Bach, em Viena, implementou políticas sociais e econômicas defendidas pelos revolucionários de 1848 (mais notadamente pelo fim da servidão e da isenção tributária da nobreza); aderiu à modernização dos meios de comunicação e ao incentivo de empreendimentos capitalistas em grande escala.⁹

As anotações de Paul Ignotus exaltam positivamente a ação nacionalista dos húngaros em detrimento da viabilidade de outros movimentos ao se referir pejorativamente às outras nacionalidades em território habsburgo. Tem-se a mesma impressão nas entrelinhas que fazem menção ao poeta Sándor Petöfi. Parece-me que este autor húngaro exagera quanto aos empreendimentos sociais do autoritário governo de Bach, considerando-o comprometido com o fim da servidão. Contrariamente a isso, as evidências levantadas por Kosta Milutinović levam a crer que Bach agravou a situação dos eslavos.

⁸ entenda-se bem: exércitos russos lutando contra os revoltosos húngaros e intimidando os eslavos periféricos a não buscarem independência em relação ao império habsburgo.

⁹IGNOTUS, Paul. *Hungary*, p.64-65. Apud ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas*, p.153. Ignotus menciona inclusive uma doação financeira de Bach aos nobres húngaros, pela perda dos seus privilégios.

Rosdolsky ilustra um artigo do NRZ publicado 28/02/1849, atribuído a Engels: “A invasão russa na Transilvânia deve colocar no auge os empenhos paneslavistas, tomando o imperador russo como protetor natural e libertador final dos eslavos (...), já que percebem a falta de força e vontade da Áustria em assegurar-lhes um desenvolvimento nacional.”¹⁰

Parece-nos que Engels foi precipitado ao dar a entender que a Rússia intencionava romper o equilíbrio das esferas de interesse entre as potências européias. Nesta época, a Rússia só participou com apenas um corpo de exército que operou na Transilvânia para sufocar a insurreição dos pequenos proprietários húngaros contrários ao absolutismo habsburgo, os quais não obtiveram o apoio dos camponeses romenos. Para Rosdolsky, o imperador Nikolau I deu um novo passo para a realização do paneslavismo, em efeito superficialmente diplomático, ao formalizar sob seu patronato os eslavos ortodoxos que habitavam o território turco. Isso significou muito mais uma solidarização russa com a Áustria do que com os eslavos-periféricos. A Rússia não lutou contra a Áustria nem libertou seus “irmãos eslavos” [grifo nosso] dos grilhões turcos.

Engels alertava sobre a vulnerabilidade da corte vienense ao solicitar auxílio às tropas russas para sufocar a rebeldia húngara contra o absolutismo monárquico na fronteira da Hungria. Engels acreditava que a burguesia inglesa se incomodaria com a transformação da Áustria em província russa. É mais um motivo para reforçar nossa convicção de que Nikolau I agiu muito mais imbuído do sentimento de solidariedade monárquica. O tzar reprimiu o baixo escalão da nobreza húngara envolta em conflitos com os camponeses eslavos para dar a impressão de protetor destes últimos, quando, na verdade, a postura do exército russo foi muito mais atuante no sentido de perpetrar a ordem monárquica imperial que continuaria subordinando os eslavos colonizados pelos austríacos. Vale lembrar que a Rússia e a Áustria ainda eram monarquias absolutistas desprovidas de uma forte classe burguesa que pudesse estar interessada em explorar mercados livres. Fato que implica mais um estranhamento com respeito à anterior referência de Bénédict Anderson (citando Ignatius), considerando o incentivo de empreendimentos capitalistas em grande escala, promovido por Bah.

¹⁰(NRZ, nº 301, 19/05/1849, pp. 2 – 3, Colônia. Apud ROSDOLSKY, Roman, op. cit., p.38 - 40)

A relação direta de nação conduzida pelo poder nas mãos da classe burguesa também encontramos em autores mais recentes como é o caso de Hardt e Negri :

“A vitória da burguesia, como as revoluções inglesa e francesa, correspondem ao aperfeiçoamento do conceito de soberania moderna por meio do conceito de soberania nacional. Por trás da dimensão ideal do conceito de nação havia as figuras de classe que já dominavam os processos de acumulação. ‘Nação’ era, portanto, a um tempo a hipótese da vontade geral rousseauiana e o que a ideologia industrial concebia como ‘a comunidade de necessidades’ (ou seja a regulamentação capitalista do mercado), que no longo período de acumulação primitiva na Europa foi mais ou menos liberal e sempre burguesa.”¹¹

Segundo Hardt e Negri, os elementos fundamentais do conceito de nação que o transformou numa verdadeira arma política podem ser vistos na obra de Emmanuel – Joseph Sieyès: *O que é o Terceiro Estado ?* Sieyès vinculou o conceito de nação ao do Terceiro Estado, isto é, a burguesia, como um conceito de nação político construtivo, um mecanismo constitucional. “A nação tornou-se explicitamente o conceito que resumia a solução hegemônica burguesa para o problema de soberania.”¹²

No entanto, quando saímos da tendência geral e analisamos a região do Leste Europeu, verificamos a inconsistente atuação da burguesia, seja interna ou externamente. Benedict Anderson recorre a Eric Hobsbawm¹³ para averiguar a situação da Hungria, constatando que na região praticamente não havia burguesia e 1/8 da população alegava ter algum status aristocrático.

Também pesquisando sobre o Leste europeu, Norma Marinović Doro salienta o caráter agrário que atrasava o desenvolvimento dos eslavos:

“Os eslavos, mesmo sendo influenciados por forças estrangeiras, mantiveram antigas características de sua cultura. Segundo alguns analistas, este fato se deu por terem permanecido como povos essencialmente agrícolas até recentemente, devido ao seu tardio desenvolvimento econômico em relação ao Ocidente.”¹⁴

¹¹ HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2001, p.114

¹² Ibidem, p.118, 119

¹³ HOBBSAWM, The Age of Revolution, 165. Apud ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas*, p.121

¹⁴ DORO, Norma Marinovic. *A imigração iugoslava no Brasil*. Tese de doutoramento. Departamento de História (Área de História Social), FFLCH- USP, São Paulo, 1987, p.18

Segundo Rosdolsky, Alemanha, Áustria, Hungria, Polônia, ganhavam a confiança dos povos ahistóricos mediante promessas de reforma agrária. Os dirigentes políticos croatas por décadas alimentaram, em vão, o sonho de que a Áustria pudesse delegar-lhes mais poder, em regime federativo. Para Rosdolsky, esta questão dos eslavos meridionais gira em torno da libertação de massas camponesas do jugo feudal, pois a casa dos habsburgos ainda representava o interesse feudal muito mais que o burguês.¹⁵ No século XIX, enquanto a Áustria brigava com os turcos, ela deveria quebrar o poder da nobreza e se converter num moderno Estado burguês, o qual não resultaria simples sem antes fomentar as manufaturas do capitalismo, o comércio e o sistema moderno de transporte.

Stalin viu que em muitas terras os camponeses eram o exército de massa do movimento de libertação nacional. Por isso proclamou que a questão nacional era essencialmente uma ação camponesa. Já Kardelj, teórico da autogestão iugoslava, não restringiu o movimento de libertação nacional do camponês ao campo, senão que associou o camponês a uma luta pelo controle do poder.

“Stalin, em comum com Lênin e outros marxistas do período anterior à Revolução Russa, considerava o nacionalismo como uma escrescência específica do capitalismo, e esperava que ele desaparecesse com a revolução proletária internacional. Quando o nacionalismo não desapareceu, mas intensificou-se, e afetou não só os Estados capitalistas, mas também os socialistas, tornou-se necessário que os marxistas reavaliassem Stalin e Lênin. Kardelj encontrou a chave na divisão social do trabalho, e na estrutura institucional criada para efetivá-la.”¹⁶

Na opinião de Horace Davis, “Kardelj deixou a impressão de que as relações de produção podem, por si mesmas, criar a consciência nacional. Para Kardelj, o tamanho da unidade dentro da qual a divisão social do trabalho opera deve aumentar a longo prazo.”¹⁷ Davis enxerga tal divisão social do trabalho kardeljano como um conceito econômico que extrapola os limites dentro dos quais as nações podem ser formadas.

¹⁵ ROSDOLSKY, Roman. *Friedrich Engels y el problema de los pueblos “sin historia”*, p. 103,148,149

¹⁶ DAVIS, Horace. *Para uma teoria marxista do nacionalismo*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979, p.183,184

¹⁷ Ibidem, p.184. Horace Davis visitou a Iugoslávia no outono de 1973. Ao entrevistar vários líderes importantes, observou que a maioria destes considerava a crise econômica - desemprego em massa e inflação galopante - como a causa maior para o conflito político entre as nacionalidades.

Paradoxalmente, Kardelj estaria, nestes termos, mais próximo de um processo econômico sem fronteiras, adaptável às atuais concepções pós-modernistas, posto que o caráter transnacional da divisão do trabalho é notório em uma empresa transcontinental que aplica, simultaneamente, a mesma tecnologia-de-ponta em distintos países do planeta, envolvendo tanto os países ricos que se beneficiam mais dessas relações de trabalho, como os países pobres que, além de consumidores do produto final, oferecem mão de obra e matéria-prima barata. Sob o aspecto econômico, portanto, Kardelj errou ao deixar a impressão de que as relações de produção podem, por si mesmas, criar a consciência nacional, já que a atual produção global, em termos de divisão social do trabalho, ultrapassa o caráter nacional.

A questão nacional sobrevive, independentemente dos moldes econômicos, ou lutas de classes, e se explica muito mais pelas ações políticas que tratam de ignorar ou engendrar diferenças na sociedade.

“Analistas de todo o mundo salientam a importância das lutas nacionalistas, raciais, étnicas, religiosas e entre sexos. É evidente que essas lutas existem e são importantes, e é preciso admitir que os marxistas (inclusive o próprio Marx) por muito tempo preferiram menosprezá-las, denegri-las, ignorá-las e até denunciá-las por uma simples razão: assombrados pelo medo de uma divisão na classe trabalhadora, eles tentavam superar estas divisões de qualquer jeito. Isto fez com que subestimassem propositadamente a importância teórica de qualquer fissura social não decorrente de diferenças de classe.”¹⁸

¹⁸WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo: em busca da reconstrução do mundo*, p.231

Segundo Bresser-Pereira, o nacionalismo é uma ideologia originariamente burguesa, mas com uma conotação popular, já que só faz sentido quando capitalistas, trabalhadores e classe profissional superam seus conflitos internos, partilham um destino comum e se solidarizam na competição com as demais nações.¹⁹ Nação e nacionalismo são, respectivamente, uma forma de sociedade e uma ideologia do capitalismo. O referido autor diz chegar ao mesmo ponto de vista de Ernest Gellner (1983)²⁰, Benedict Anderson (1991)²¹ e Anthony Smith (2003)²², ao relacionar as nações com a modernidade, ou seja, com a revolução capitalista e o desenvolvimento econômico.

Bresser-Pereira concebe o Estado como a expressão da sociedade. Para ele, o Estado é a instituição que a sociedade cria para que regule o comportamento de cada um, e assim assegure a consecução dos seus objetivos políticos. Segundo sua linha de raciocínio, se a sociedade é autoritária, com diferenças muito grandes de poderes entre a elite e o povo, o Estado será autoritário. Diferentemente deste quadro, se as diferenças de poder derivado do dinheiro e do conhecimento se tornam minimizadas entre as classes que compõem a sociedade, mais democrático e mais forte será o Estado – mais capaz, portanto, de desempenhar seu papel de instrumento de ação coletiva da sociedade.²³

Na opinião de João Antonio de Paula, Marx e Engels, sendo internacionalistas, seriam contrários às lutas nacionais, consideradas questões burguesas. Para este autor, “as lutas nacionais faziam atrasar a luta do proletariado por sua plena emancipação, que seria também, a que significaria a emancipação do conjunto da humanidade de sua efetiva ‘menoridade’.”²⁴

¹⁹BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Nacionalismo no centro e na periferia do capitalismo**, São Paulo: IEA-USP, 1987, p.172

²⁰GELLNER, E. **Nations and nationalism**. Ithaca: Cornell University Press, 1983. Apud BRESSER-PEREIRA Luiz Carlos, op. cit., p.174

²¹ANDERSON, B. **Imagined Communities**. London: Verso, 2ªed., 1991, p.3, Apud BRESSER-PEREIRA Luiz Carlos, ibidem

²²SMITH, A. D. **Nationalism and Modernism**. London: Routledge, 2003. Apud BRESSER-PEREIRA Luiz Carlos, ibidem

²³BRESSER-PEREIRA. Luiz Carlos, ibidem, p.175

²⁴PAULA, João Antonio de. **A idéia de nação no século XIX e o marxismo**, São Paulo: IEA-USP, 1987, p.228

Terror italianista nas eleições de Rijeka em 1861

“Para que Rijeka se separasse da Croácia e se ligasse diretamente à Hungria, os italianistas usaram a imprensa e, em janeiro de 1861 combateram nas ruas. Consequentemente, os croatas atacaram a multidão de arruaceiros. O ban precisou decretar estado de sítio em Rijeka”²⁵

Os italianistas não se limitaram na demonstração nas ruas de Rijeka. Prestes a se realizar eleição dos representantes do povo na assembléia croata, em 1861, organizaram um grupo terrorista que causou pânico em toda a população da cidade para intimidar os ânimos das eleições. Ficou determinado que Rijeka escolheria 4 representantes do povo para a assembléia croata. O grupo terrorista italianista tanto ameaçou que o resultado das eleições saiu insuficiente: de 1222 eleitores da cidade de Rijeka, foram às urnas 870 eleitores, dos quais 840 votaram “NESSUNO”. (“Nessuno” - do idioma italiano - significa nenhum). Desta forma, na proporção em que apenas 30 eleitores votaram fielmente em seus candidatos, nenhum foi eleito.

Hungria anexa a região de Međumurje e Rijeka

No início de 1861, o governo de Peste, arbitrariamente, apropriou-se territorialmente da região de Međumurje (Região vinculada aos rios Mura e Drava). A etapa seguinte seria também anexar a Croácia e Slavônia, que já eram administradas pela Hungria. A magistratura de Peste, reunida em 18/01/1861, determinou que a prefeitura de Rijeka fosse conduzida por um húngaro, já que Rijeka funcionava como “um porto húngaro no mar Adriático.” O parlamento húngaro enviou, 14/02/1861, uma convocação por escrito aos deputados da Croácia e da Slavônia para que comparecessem às seções parlamentares a serem realizadas em Peste, referindo-se a eles como representantes das “*partes adnexae*”. Conseqüentemente, isso provocou um desconforto no meio político de Zagrebe, sobretudo no ‘*Partido Nacional Croata*’. Entre os políticos húngaros moderados, Ferenz Deak defendeu o direito húngaro sobre Rijeka e Međumurje, optando por um tom menos deselegante, porém sarcástico, publicado pela imprensa: “Nós acolhemos o Reino Triuno que por séculos juntou o seu destino ao nosso, nos mals e bons momentos.”²⁶

²⁵CEPELIĆ, M. i PAVIĆ, M., *Josip Juraj Strossmayer, biskup bosansko-đakovački i sremski*, Zagreb 1900–1904, 455. Apud Kosta Milutinović. *Štrosmajer i Jugoslovensko pitanje*, p. 149

²⁶Pesti Napló, 24/03/1861. Apud Milutinović, ibidem, p.150

Interesse austríaco em atingir o Leste pela construção da ferrovia Zemun- Zagreb- Senj.

“A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas. Esse problema alimenta discussões de toda espécie – acerca de influências, responsabilidades e julgamentos, sobre realidades presentes e prioridades futuras.”²⁷

Quem não tem programação política passa a ser manipulado por grupos que impõem seu pensamento político. Para Edward Said, as tradições inventadas têm a pretensão de especificar idéias nacionalistas. Said critica as histórias exclusivistas que isoladamente não contribuem à visão de uma totalidade. Ele reconhece, porém, que elas apresentam algo em comum: Buscar (inventivamente) no passado uma continuidade representativa que legitima uma especificidade local. O comum é o procedimento político que está por detrás disso. Segundo o autor, os dominados se valiam de sua própria cultura para projetar uma nação. Eram representantes do povo: jornalistas, escritores, professores, religiosos, estudantes. Em sua obra: *“Cultura e Imperialismo”*, Said argumenta que a ideologia não é perceptível, não é evidente. Ela se introduz pela imprensa, igreja, escola, literatura . . .

Strossmayer insistiu em fazer de Rijeka o centro da Istria e do litoral croata. Numa conferência do ban em Zagrebe, 21/08/1862, discutiu-se a construção da ferrovia que atravessaria as regiões de Srem, Slavônia e Croácia até o mar Adriático. O bispo, então, questionou: “É realmente necessário construir a ferrovia passando pelas cidades de Zemun–Zagrebe–Senj (esta última mais ao sudeste do litoral), ou seria mais conveniente passar por Zemun–Zagrebe–Rijeka?” Na 1ª opção, pesou a estratégia militar de encontro aos interesses da Áustria em territorializar o Leste. A 2ª opção favorecia o trânsito mais concentrado de pessoas e a política explícita do bispo croata: “O espaço a ser privilegiado não pode ser outro, a não ser Rijeka que cresceu pelo comércio e artesanato. Conta, inclusive, com fábricas de fundamental importância para abastecer o mercado da região de Banat e das terras Danubianas que tendem a incrementar suas próprias fábricas e, assim, fazer crescer a economia de todos os croatas.”²⁸

²⁷ SAID, Edward. ***Cultura e Imperialismo***. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1995, p. 33

²⁸ Stenografski zapisnici III banske konferencije u Zagrebu, 21/08/1862. (Atas taquigrafadas da 3ª conferência do ban em Zagrebe. 21/08/1862), cf. Kosta Milutinović, op. cit., p.151

Legitimidade croata da província de Rijeka: sentimento de pertencimento dos habitantes

Dados colhidos pelo historiador Kosta Milutinović, revelam que a classe dominante da Hungria, na 2ª metade do século XIX, engajou historiadores húngaros para fundamentar o direito histórico sobre Rijeka. O historiador húngaro Lazlo Szalay levantou registros de Rijeka enquanto principado independente com seu próprio governo até a segunda metade do século XVIII, quando a imperatriz Maria Tereza, aconselhada por seu filho José, concedeu Rijeka à Hungria.²⁹

Outro fato atribuído a Maria Tereza, desta vez, levantado pela classe intelectual sérvia, consiste num pacto que ela assumiu em remunerar e conceder terras aos sérvios que desejassem se estabelecer na Krajina³⁰, desde que eles defendessem militarmente o território cristão da tentativa de penetração dos turcos.

Acompanhando acontecimentos mais recentes, notamos que a presença de sérvios na Krajina dificultou a missão da ONU e forças militares da OTAN, durante a guerra de desintegração da Iugoslávia nos anos 90, já que não é fácil determinar um critério para dividir as propriedades secularmente pertencentes às comunidades aldeãs de sérvios estabelecidos na região da Krajina³¹, para separá-los dos croatas.

Segundo Dejan Mihajlović,³² nos dias de hoje, croatas discriminam os sérvios, boicotando sua colocação no mercado de trabalho, e ameaçando usar de violência, para que os sérvios vendam suas propriedades nas aldeias do cinturão da Krajina e migrem para a Sérvia. Na Slavônia (nordeste da Croácia), muitas corretoras de imóveis se beneficiam comprando imóveis dos sérvios a preços irrisórios.

²⁹ *Fiume a magyar országgyűlésen*, Pest, Ráth Mor, 1861. Apud Milutinović, ibidem, op. cit., p. 153

³⁰ fronteira militar sustentada pelo império habsburgo para conter o avanço turco.

³¹ 12% da população (6.000 sérvios) habitam Knin – centro da Krajina.

³² natural de Novi Sad – Sérvia. Atualmente é professor de Sociologia da Universidade de Monterrey- México.

Yugoslavia: A Country Study

Source: Based on information from United Kingdom, Admiralty, Naval Intelligence Division, *Yugoslavia, 2: History, Peoples, and Administration*, London, 1944, 20.

Figure 2. Military Frontier Province Between the Habsburg and Ottoman Empires, ca. 1600-1800

Fonte: (www.srpska-mreza.com/library/facts/krajina-map.jpg)

O sérvio Svetozar Miletić da cidade de Novi Sad, Voivodina, presidente do ‘*Partido Sérvio Libertador Nacional*’, vociferou na seção parlamentar da Hungria, 28/03/1867: “O povo de Rijeka é compatriota dos croatas e sérvios que coabitam no Reino Triuno.”³³ Essa cidade portuária pertence à Croácia. Aceito a argumentação dos húngaros, remetendo-se ao decreto da imperatriz Maria Tereza de 1779. Porém, ela própria já havia reconhecido o direito croata sobre Rijeka antes de 1776.³⁴

Contudo, de nada adiantaram os protestos eslavos. Em 1786, já no posto de imperador austríaco, José II, concentiu a ampliação da administração húngara que passaria a determinar a nomeação do prefeito de Rijeka, estendendo seu controle sobre Bakar, Kraljević e suas imediações litorâneas com a qualificação: *littorale hungaricum* (diferente da denominação que vigorava até então: *littorale austriacum*)”.

As publicações de Szalay também foram contestadas pelo então mais respeitado historiador croata, o cônego Franjo Rački, que defendeu os interesses nacionais croatas em três artigos com o mesmo título : *Os mageares e a Rijeka*, publicados no jornal de Zagrebe – *Pozor* – órgão do *Partido Nacional Croata*:

“Nossos vizinhos do outro lado dos rios Mura e Drava querem monopolizar a História como se o sol só nascesse para eles. Eles maqueiam os fatos a ponto de conceber o Reino Triuno apenas como um lote dessa tal ‘Grande Hungria’, cujo território e habitantes, em conexão com o império austríaco, compõem o 4º maior Estado imperial da Europa, vale dizer, atrás apenas da Rússia, França e Inglaterra. Se levarmos em consideração a Bósnia, a Sérvia e a Bulgária, que já chegaram a fazer parte do reino húngaro, seria possível ter uma idéia dessa Hungria com até 25.000.000 de habitantes, dos quais apenas 5.000.000 são húngaros.”³⁵

³³ Reino Triuno era o território majoritariamente habitado por croatas (subdividido em 3: A Croácia propriamente dita (menor) em torno de Zagrebe; A Dalmácia: costa oriental do Adriático; A Slavônia, planície entre o sul da Hungria e o norte da Bósnia.

³⁴ *Madjari i Rijeka*, III. Pozor, 28/3/1861; Zastava (Bandeira), 1/04/1867. Apud Milutinović, op. cit., p.156,163

³⁵ *Madjari i Rijeka ili Odgovor Ladslavu Szalay od Franja Račkoga*, I, Pozor, 16.III.1861. (Os Mageares e a Rijeka: Resposta de Franjo Rački ao Laslo Szalay, I, Pozor, 16/3/1861.) Apud Milutinović, ibidem , p.154

Já de acordo com dados coletados de Šafařík, comunicados pelo NRZ (*Neue Rheinische Zeitung*) de 2/07/1848,

“em meados do século XIX, viviam na monarquia austríaca: 4.414.000 tchecos e moravos; 2.774.000 russini (ou rutenos, ou ucranianos dos Carpatos); 2.753.000 eslovacos; 2.594.000 sérvios e morlajos, ou maurolajos (tribo eslava da Dalmácia setentrional - uns 100.000 integrantes que falam sérvio e pertencem à igreja ortodoxa); 1.151.000 eslovenos e 800.000 croatas; Já no território turco viviam 3.500.000 búlgaros e 2.600.000 sérvios.”³⁶

GRÁFICO 1

Adaptado pelo autor desta dissertação, tomando dados de Šafařík - comunicados pelo NRZ (*Neue Rheinische Zeitung*) de 2/07/1848 - conforme ROSDOLSKY, Roman. **Friedrich Engels y el problema de los pueblos “sin historia” (La cuestión de las nacionalidades en la revolución de 1848 – 1849 a la luz de la ‘Neue Rheinische Zeitung’)**, Ciudad de México:Pasado y Presente, 1980, p. 128, 140.

³⁶ROSDOLSKY, Roman. **Friedrich Engels y el problema de los pueblos “sin historia”**, p.128,140

Pesquisando Rijeka, enquanto importante rota de circulação de mercadorias, o referido cônego Rački analisou a exportação e importação desde 1842 até 1865 pelo porto de Rijeka. Constatou que o movimento foi fraco durante a administração dos húngaros, que dispunham, no local, de um secretário governamental, mas que obteve um crescimento vertiginoso quando a Croácia passou a participar no aparelho governamental de Rijeka com a intervenção do ban Jelačić na revolução de 1848.

Rački apresentou um relatório exposto por Strossmayer em Peste, 16/4/1866, referindo-se ao croata como idioma materno da gritante maioria da região: “Praticamente toda a população da província, cujo centro é Rijeka, se comunicava em croata. (...) Desde que a língua croata passou a ser usada no Ensino Médio, cresce a migração de jovens provenientes de aldeias mais distantes das ilhas Kvarner e da península Ístria.” (...) “Só na província de Rijeka, habitam mais de 89.000 croatas não mestiços. Nas ilhas Kvarner, e oeste da península Istria, vivem mais de 125.000 croatas. Rijeka está rodeada de habitantes croatas. Pela estatística oficial de 1851, foram registrados, em Rijeka e aldeias adjacentes, 12.598 habitantes, sendo a proporção por nacionalidade: 11.581 croatas, 691 italianos, 88 judeus, 76 húngaros, 52 alemães, 48 tchecos, 13 ingleses, 10 franceses, e outros.”³⁷

Tanto Hobsbawm, como Benedict Anderson, reconhecem que, com o aumento da alfabetização, ficou mais fácil granjear o apoio das massas, sobretudo com a consagração impressa das línguas que elas sempre haviam falado.³⁸

TABELA 1

Quantidade populacional por nacionalidade em Rijeka e aldeias adjacentes em 1851		
Rijeka e aldeias adjacentes	12.488	TOTAL de habitantes
Croatas	11.581	habitantes
Italianos	691	habitantes
Judeus	88	habitantes
Húngaros	76	habitantes
Alemães	52	habitantes
Tchecos	48	habitantes
Ingleses	13	habitantes
Franceses e outros	10	habitantes
Fonte: Jornal croata ' Pozor ', editado em 24/ 04/ 1861. Apud Kosta Milutinović. Strossmayer i Jugoslovensko pitanje , Novi Sad: SIZ za naučni rad, 1976, p.134.		

³⁷ Pozor, nº 329, 1866. Ver também: RAČKI, Franjo. **Rijeka prema Hrvatskoj**, Zagreb, 1867, Predgovor, I, p.130 - 131. Apud Milutinović, ibidem, p.159, 161

³⁸ HOBBSAWM, E. **The Age of Revolution**, p.165, 169. Apud ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**, p.121-123

O recenseamento permite conhecer a extensão de um recurso numa relação em que, por meio da imagem do número populacional, o Estado ou qualquer tipo de organização procura aumentar sua informação sobre um grupo e, por consequência, seu domínio sobre ele. O ponto comum entre os recenseamentos da 2ª metade do século XIX, de acordo com Raffestin, foi a estratégia de conhecer a extensão territorial e os recursos humanos com que se podia contar para organizar, resistir ou lutar, pois a essa empresa do poder corresponde a resistência ao poder, atribuindo-se um caráter ambivalente da população.³⁹

O Congresso Internacional de Estatística de 1860 decidiu que a questão da língua deveria ser opcional nos censos, cada Estado podendo decidir se ela tinha ou não algum significado ‘nacional’. A visão inicial dos Estados dominantes era de que a língua era pouco importante para a ‘nacionalidade’. Na prática, os magiares reconheciam oficialmente apenas sua língua dentro de suas fronteiras, mesmo que a metade dos habitantes do seu reino falassem o húngaro. Assim, estes foram descritos juridicamente como *“húngaros que não falam húngaro”*, do mesmo modo que os gregos tiveram que descrever os habitantes das partes anexadas da Macedônia como *“gregos de fala eslava”*.⁴⁰

Rački menciona também que Szalay justifica a ação dos estadistas húngaros em não classificar os sérvios como um povo na Voivodina que goze de qualquer posição oficial, portanto sem direito de autonomia nas terras húngaras, considerando que as aldeias sérvias de Banat e Bačka localizam-se em território húngaro.⁴¹

No final do século XX era a vez de Milosević, ultranacionalista da ‘Grande Sérvia’, destituir a Voivodina de seu status autônomo para invalidar os direitos húngaros na província não puramente sérvia. Na guerra dos anos 90, milhares de refugiados sérvios, provenientes da Croácia e da Bósnia, estabeleceram-se na Voivodina, aumentando o percentual de sérvios em tal espaço privilegiado, minimizando, ainda mais, as oportunidades dos seus cidadãos de nacionalidade húngara ascenderem aos altos cargos do governo e das empresas estatais.

³⁹ RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993, p. 67-69

⁴⁰ RENNER, Karl. *Staat und Nation*, p.13. Apud HOBBSBAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade*, 3ª ed, Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1990

⁴¹ SZALAY, L, *A magyarorsági szerb telepek jogviszonyai az államhoz*. Pest. 1861. Apud Milutinović, K., op.cit., p.153

O bispo católico usava o patrocínio austríaco para combater o próprio império habsburgo

A pedido do governo austríaco, e por recomendação do núncio de Viena, a cúria romana, 23/09/1851, nomeou Strossmayer para administrar a igreja católica na Sérvia com o título de Bispo Vicário das dioceses de Belgrado e Smederevo.⁴² Desde então, conversas célebres se tornaram mais frequentes entre o bispo católico e as lideranças da Sérvia. Strossmayer informou sua nova função ao príncipe sérvio, Alexandre I - Karađorđević, e ao governo da Sérvia por carta, em 20/10/1851: “A essência do meu sangue é a mesma que flui no sangue dos sérvios guerreiros.”⁴³

Para erguer uma capela católica em Belgrado, a primeira contribuição foi dada pelo imperador austríaco Francisco José no valor de 200 ducados; além disso, o imperador autorizou 600 ducados ao ano, destinados a um missionário católico em Belgrado para atuar adjunto ao consulado austríaco, comunicando a este os detalhes de sua atividade. O catolicismo estava sob o protetorado da Áustria. Strossmayer foi o primeiro administrador apostólico a se colocar contra tal situação desde 1851. Ele se determinou a fazer um caminho autônomo, orientando a Sérvia a se responsabilizar pelos católicos demarcados em sua região com o objetivo de acabar com a influência ideológica de austríacos e húngaros na Sérvia.”⁴⁴

⁴²ŠIŠIĆ, Ferdo. *Josip Juraj Strossmayer: Dokumenta i korespondencija*, I, 190. Apud Milutinović, idem, p.53

⁴³WAGNER, V. *Povjest katoličke crkve u Srbiji u XIX vijeku. Bogoslovska smotra*. (História da Igreja Católica na Sérvia do século XIX. Reflexão da palavra de Deus.) Zagrebe, 1933, I, 4–5. Apud Milutinović, idem, p.54

⁴⁴NOVAK, Viktor. *Magnum Crimen. Pola vijeka klerikalizma u Hrvatskoj*, (Magnum Crimen: Meio século do Clericalismo na Croácia), Zagreb, 1948, p.397. Apud Milutinović, ibidem

Engels escreveu no NRZ, 21/4/1849: ‘ *Para que se veja que paisinho pequeno e misto em população é a Nova Voivodina Sérvia e o quanto estúpidas resultam as pretensões dos paneslavistas, tendentes a confeccionar em todos os cantos da Hungria pequenos Estados eslavos, expomos os dados do Srpske Novine de Belgrado: “Os habitantes etnicamente se dividem em 917.916 sérvios, 26.200 eslovacos, 13.000 búlgaros, 283.000 valacos (romenos), 81.932 húngaros...” Ou seja, que esta pequenina região sérvia conta com 700.000 não sérvios: alemães, valacos, húngaros, etc. e 900.000 sérvios, que nem sequer são puros sérvios.*’⁴⁵

TABELA 2

Distribuição da população, segundo a situação étnica na Voivodina (1848 – 1849)		
Voivodina	2.022.048	TOTAL:habitantes
Sérvios	917.916	habitantes
Eslovacos	26.200	habitantes
Búlgaros	13.000	habitantes
Valacos (romenos)	283.000	habitantes
Húngaros	81.932	habitantes
Adaptado pelo autor desta dissertação a partir da colocação de ROSDOLSKY, Roman em sua obra: Friedrich Engels y el problema de los pueblos “sin historia” (La cuestión de las nacionalidades en la revolución de 1848 – 1849 a la luz de la ‘Neue Rheinische Zeitung’), Ciudad de México:Pasado y Presente, 1980, 1ed., 224 p. trad. Conrado Ceretti, p. 41 – 42.		

⁴⁵ NRZ, nº 233. ROSDOLSKY, R. *Friedrich Engels y el problema de los pueblos “sin historia”*, p.41, 42. Se considerarmos a porcentagem étnica, as pretensões dos húngaros tornam-se mais abusivas ainda, dado que estes somam apenas 5% da população. O jornal sérvio não precisou o número de ciganos e russinos na região.

Os dados do gráfico 1, em comum com as informações comparadas com as tabelas 1 e 2, indicam a expressiva quantidade de eslavos, mesmo que Šafařík não tenha distinguido, no que diz respeito à distribuição populacional em território turco, a presença de croatas, assim como de eslavos muçulmanos da Bósnia, sem contar com os russinos (ou pequenos russos) que, à época considerada, já habitavam a Vojvodina, mas, inconcebivelmente, não constam na tabela 2. Além disso, é de se estranhar que a população de eslovenos, no gráfico 1, apresente números superiores à quantidade de croatas que sempre foram mais numerosos.

Pela análise da tabela 1, lamentamos a imprudência do jornal ‘Pozor’, já que não incluiu a quantidade de italianos, ou os que assumiam a identidade de italianos, justamente por se tratar de um grupo social ativo, que fazia oposição aos croatas, à época, disputando o poder nas instituições políticas, e várias vezes causaram intervenções com a intenção de separar Rijeka dos croatas.

A observação da tabela 2 nos permite constatar que Friedrich Engels denominava os austríacos de alemães, uma vez que não consta o termo ‘austríacos’ em suas considerações étnicas, numa visão conservadora, já que não queria reconhecer a gritante maioria étnica de sérvios presentes na Vojvodina, forçando uma contraposição numérica dos demais povos que habitavam a região, dando a impressão de que estes estariam integrados, compartilhando objetivos diferentes dos sérvios, e de que apenas os sérvios seriam “estúpidos e impuros”, depreciando, inclusive, a pretensão dos eslavos em formar seu próprio Estado.

As tabelas 1 e 2 realçam o número bem menor de húngaros do que de eslavos, embora estes ainda não detivessem o poder sobre o território habitado.

3 – AÇÃO ENDÓGENA DO PANESLAVISMO PERIFÉRICO

“O ‘princípio da nacionalidade’, aplicado na prática, servia apenas para nacionalidades de um certo tamanho. Daí o fato de Mazzini, o apóstolo desse princípio, não visualizar a independência da Irlanda. A palavra *Kleinstaaterei* (sistema de mini-Estados) era deliberadamente depreciativa. Representava aquilo contra o que os nacionalistas alemães lutavam. A palavra ‘balcanização’, derivada da divisão do território, antes formado pelo império turco, em vários pequenos Estados independentes, ainda retém sua conotação negativa. Portanto, ‘mini-Estados’ e ‘balcanização’ são termos que pertenciam ao vocabulário dos insultos políticos.”¹

Ernest Renan formulou uma famosa questão: “Por que a Holanda é uma nação, enquanto Hanover ou o Grão-ducado de Parma não o são ?”² Daí a então conveniência da Croácia submeter-se a uma união política com a Sérvia e Eslovênia, justificando seu tamanho pelo espaço vivido, para que suas nacionalidades se tornassem independentes, já que se continuassem separadas, não demonstrariam força representativa e tenderiam a ser aculturadas.

Strossmayer pleiteava, ao menos, autonomia aos eslavos-do-sul, inicialmente inseridos numa federação austríaca, que serviria para superar as desigualdades de poder político. Esse status federativo proporcionaria melhores condições para a meta final: criar um Estado iugoslavo definitivamente livre.

Hobsbawm menciona o Estado como determinante do território de uma nação, considerando o processo de germanização dos Wends. Com o término da 1ª Guerra Mundial, os Wends (um dos povos eslavos do leste alemão) não se constituíram em uma nação com seu próprio território, posto que eram minoria dentro da produção do espaço germânico. “Na Alemanha, em 1740, para o enciclopedista Zedler, se as nações tivessem uma conexão intrínseca com o território, os Wends teriam que ser chamados de alemães, o que eles patentemente não são.”³

¹ HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade*, p. 43

² RENAN, Ernest. “*What is a Nation ?*” in ZIMMEM, Alfred (org.), *Modern Political Doctrines*, Oxford, 1939, p.192. Apud HOBBSAWM, E. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade*, 3ª ed., 1990

³ ZEDLER, John Fleinrich. *Grosses voollständiges Universal-Lexicon Aller Wissenschaften und Künste ...*, vol. 23 (Leipzig-Haia, 1740, reproduzido por Graz, 1961), cols. 901-3, p.30. Apud HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade*, p.43

Torna-se perfeitamente cabível esta colocação de Hobsbawm numa região cuja grande maioria hegemônica (social-econômico-culturalmente) tende a assimilar uma pífia representatividade coletiva. Mas é diferente inserirmos tal reflexão na região dos eslavos-do-sul onde, o grupo hegemônico é minoria diante da massa populacional de eslavos. Além disso, Austríacos, húngaros e eslavos se equalizavam quanto ao caráter agrário de seu desenvolvimento econômico.

Há um aspecto da produção do espaço efetivada pelos eslavos em grau mais elevado que os húngaros. Pela formulação de Engels, todas as guerras coloniais – onde, por norma, os *‘mais civilizados’* se sobrepõem aos *‘menos civilizados’* – são “guerras de interesse pela civilização” [grifo meu]. Porém, Rosdolsky comenta o exagero e o distanciamento de Engels em relação à realidade ao imputar aos húngaros uma ‘missão civilizatória’ para com o eslavismo: “Falar de superioridade maguear diante dos ‘bárbaros eslavos’ era um absurdo histórico, pois a civilização não estava do lado dos cavaleiros magueares nômades, senão que dos agricultores eslavos.”⁴ Rosdolsky cita o historiador alemão Herman Wendel que se remete a um fato já estabelecido por Miklosich: “na língua húngara, todas as designações de implementos agrícolas que exibem um grau superior de desenvolvimento foram tomadas dos eslavos.”⁵

⁴ Slavonic Review, 2, p.294. Apud Rosdolsky, op. cit., p.106

⁵ Ibidem

Sérvios, croatas e húngaros disputam a posse de Srem.

Em 1861, Jovan Subotić aproveitou o ensejo da Assembléia de Sremski Karlovac (antiga capital da Voivodina, anteriormente ao crescimento de Novi Sad) para articular a inclusão da Voivodina ao Reino Triuno, compreendendo este as terras desde Temisvar (cidade da planície panônica pertencente a atual Romênia), passando pelas regiões de Banat, Bačka, Srem, Slavônia, Croácia, Dalmácia, até Boka Kotorska (na divisa com o litoral montenegrino).

O croata Stijepan Ivičević⁶ encarregou-se de uma missão a Belgrado, que valeu como primeira referência à criação de um Estado independente em conjunto com os sérvios. Tal missão foi bem conceituada pelo que julgou o relato de John Longvort, cônsul geral britânico em Belgrado, enviado 28/2/1861 ao ministro britânico das relações exteriores, lord John Rassel:

“Ivičević esteve por duas vezes em audiência com o príncipe sérvio Mihailo. Abertamente conversaram sobre a necessidade de uma ação conjunta entre sérvios e croatas para que se apropriem do território Bósnio.”⁷

Após a queda do poder totalitário do governante austríaco Bach, em 1859, e a perda da autonomia que gozava a Voivodina, a questão do domínio sobre a região de Srem voltou a ferver os ânimos do parlamento croata que reivindicou a integração territorial de Srem ao Reino Triuno: “Se a Voivodina, à época, fosse decretada território sérvio, sua reivindicação pelos croatas poderia até ser questionada. Mas a Hungria se apoderou da Voivodina. Os croatas, então, argumentaram que, uma vez que a Sérvia já perdera o direito sobre Srem, seria melhor garantir que tal região volte a fazer parte dos eslavos por intermediação croata, do que entregá-la de mão beijada aos húngaros.”⁸

⁶Ver glossário, em notas complementares.

⁷Os informativos de Longvort foram publicados no original em inglês no ‘Public Record Office’, Foreign Office, London. Ver também: VUČKOVIĆ, V. J. **Politička akcija Srbije u južnoslovenskim pokrajnama Habsburške Monarhije 1859–1874.** (A ação política da Sérvia nas províncias sulinas da monarquia habsburga habitadas pelos eslavos-do-sul, 1859–1874.) Belgrado, 1965, p.28,29,52,58. Apud Milutinović, ibidem

⁸ČOROVIĆ, Vladimir. **Istorija Jugoslavije**, 511. Apud Milutinović, ibidem, p.191

Entretanto, no corrente feriado de Vidovdan⁹, os sérvios acusaram os croatas de serem cúmplices da trama húngara para dividir a Vojvodina. A imprensa de Zagrebe tentou contornar a situação: “*Sérvios e croatas só terão Srem para si mesmos, se estiverem unidos.*”¹⁰

Proposta de eleição parlamentar pelo número de habitantes

“Um projeto nacional sem base democrática não é sustentável no longo prazo. (...) O povo precisa se identificar com a nação, sentir-se representado e considerado nas ações do Estado Nacional. E essa identificação pressupõe democracia. A existência de um regime democrático aumenta as chances de que as políticas do Estado Nacional levem em conta os interesses da maioria.”¹¹

Ocorreram eleições para os órgãos governamentais da província de Srem. O conde Petar Pejanović foi eleito presidente do poder executivo da província de Srem, por decreto do imperador Francisco José. Já o sérvio Jovan Subotić foi eleito pela assembléia provincial do município de Vukovar, 16/02/1861, para ocupar a vice-presidência da província de Srem. Em sua autobiografia, Subotić reconheceu a contribuição de Strossmayer em abafar o conflito étnico:

“Lembro que fomos eleitos, todos os políticos jovens. Foi Strossmayer quem deu apoio e autoridade para agirmos e obtermos o voto de muitos representantes croatas na assembléia de Srem.” (...) “Eram 400 membros da assembléia provincial. Participaram todos os nobres por um antigo direito. Mas não havia muitos nobres em Srem. Os civis formavam a maioria da assembléia.”¹²

⁹Vidovdan significa Dia de São Vito- 28 de junho (data que marca os feitos do povo sérvio que combateu contra os turcos, mesmo em pequena minoria, em 28 de junho de 1389 na Batalha de Kosovo: uma ação heróica comemorada como a continuação das Cruzadas para conter a penetração do Islã na Europa cristã. Foi também 28 de junho de 1914 a data propositadamente escolhida pelo sérvio nacionalista Gavrilo Princ para assassinar o príncipe herdeiro do império habsburgo- Francisco Ferdinando, dando início à Primeira Guerra Mundial.

¹⁰***Sriem i Hrvati, ili odgovor “Vidovdanu”***. (Srem e os croatas, ou resposta ao “ dia de São Vito”, nº 136, 1861. Título do artigo no jornal *Pozor*, nº 136 de 1861. Apud Milutinović, op. cit., p.192

¹¹BATISTA JUNIOR, Paulo N. ***Nação e nacionalismo e globalização***, São Paulo, IEA-USP, 1987, p.283

¹²SUBOTIĆ, Jovan. ***Život dra. Jovana Subotića***, (A vida do Dr. Jovan Subotić), III, Novi Sad, 1905, p.121. Apud Milutinović, ibidem, p.194

Subotić, na seção de 3/4/1861, referiu-se ao projeto parlamentar destinado a vincular a administração da Vojvodina ao Reino Triuno: “Defendo a Vojvodina para a nossa Sérvia, mas se não nos aliamos aos nossos irmãos que vivem na Slavônia, na Croácia e na Dalmácia, podem acreditar: que em pouco tempo desapareceremos do mapa. No lugar do Ducado - Vojvodina austríaca, passaremos a ser um ducado húngaro.”¹³

Quando ficou resolvido que Srem passaria a fazer parte do Reino Triuno, com direito de enviar deputados à capital Zagrebe, e não diretamente ao parlamento húngaro - em Peste, os deputados de Srem se dirigiram a Zagrebe, chefiados por Jovan Subotić e Mihailo Polit Desančić. O jornal *Pozor* deu calorosas boas vindas aos enviados de Srem, reconhecendo “o grande mérito do Dr. Subotić, que sempre se mostrou um patriota exemplar.”¹⁴

Entretanto, os iugoslavistas não contavam que o governante provincial (ban) Levin Rauh (1867–1871), iria impor um sistema eleitoral com o propósito de neutralizar a ação da Assembléia Croata, diminuindo o nº de vagas eleitorais preenchidas pelos representantes do povo, e aumentando o nº de vagas eleitorais a serem ocupadas pelos húngaros (pró- Hungria). Tudo isso para garantir a maioria destes nas decisões sobre o Reino Triuno. Kosta Milutinović constatou que nenhuma província resistiu tanto às pressões do regime de Rauh quanto Srem. Em 1867, à frente dos húngaros de Srem encontrava-se o conde Anton Kuen Hedervari; Em oposição, encabeçando os sérvios nacionalistas estava Jovan Subotić; E no comando dos croatas estava Ivan Tombor, pároco católico de Erdević. Na análise dos movimentos políticos em disputa pela Vojvodina, o historiador Vasilije Krestić observou o seguinte: “Os religiosos católicos de Srem e suas comunidades de fiéis não se deixaram influenciar pelo cardeal Haulik que incitava uma resistência contra a escrita cirílica. Eles preferiram seguir as idéias do bispo Strossmayer e dos iugoslavistas de Srem. Pressionados pela ameaça do regime de Rauh, sérvios e croatas deixaram de lado suas diferenças e atuaram em conjunto como em raros momentos já vistos.”¹⁵

¹³DORĐEVIĆ, J. *Radnja Blagoveštenskog sabora naroda srpskog u Sremskim Karlovcima, 1861.* (O trabalho da convenção nacionalista sérvia do dia da Anunciação em Sremski Karlovci, 1861.) Novi Sad, 1861, p.95–112. Apud Milutinović, ibidem

¹⁴*Pozor*, 24/07/1861. Apud Milutinović, ibidem

¹⁵KRESTIĆ, V. *Hrvatsko-Ugarska Nagodba 1868.* (O Acordo Croata-Húngaro, 1868), Belgrado, 1969, p.269. Apud Milutinović, ibidem, p.195

Propensão a uma luta armada dos provincianos contra o absolutismo.

Informado sobre a ação conjunta entre sérvios e croatas em Srem, o barão Levin Rauh foi conferir pessoalmente a agitação pelas aldeias de Srem, acompanhado pelo barão Jovan Živković, um dos líderes sérvios húngaristas. O terror neutralizou a ação dos populares. (Em alguns lugares até o exército foi acionado para ameaçar os eleitores), Rauh saiu vitorioso (os húngaristas receberam 52, e os nacionalistas populares, 14 parlamentares). Porém, considerando apenas a região de Srem, foram eleitos 5 nacionalistas sérvios, entre os quais Jovan Subotić, eleito pela maioria em Ruma, e Mihailo Polit–Desančić, eleito pela maioria em Irig.¹⁶

Logo nas primeiras seções de encontros da assembléia croata, em 1868, os deputados de tendência iugoslavista perceberam que os húngaristas iriam se valer de sua maioria para favorecer os interesses húngaros. É por isso que os deputados eslavos saíram da assembléia, liderados por Jovan Subotić que naquele momento leu uma declaração coletiva sintetizada com as seguintes palavras : “A assembléia se constitui de uma ordem que não permite procedimentos em detrimento das leis que servem para atender os reclamos do povo.” Subotić e o cônego Rački consultaram o bispo Strossmayer a respeito deste protesto. O bispo, então, deu seu parecer:

“Só obteremos direitos legais para criar leis estatais, se reivindicarmos, junto às massas, a proporcionalidade de privilégios, levando em conta o número de habitantes, em futuras eleições. Pelo que ouço de vocês e do que se fala em Srem, o povo protesta e deseja a guerra contra as forças absolutistas.”¹⁷

¹⁶ŽIVKOVIĆ, Jovan. ***Kako je postala Hrvatsko-ugarska nagodba ?*** (Como aconteceu o acordo croata-húngaro?) Zagreb, 1892, p.20–24. Apud Milutinović, ibidem

¹⁷Korespondencija Rački–Strossmayer, I, 52. Apud Milutinović, ibidem, p.196

O serviço secreto austríaco mantém vigilância sobre a idéia do futuro Estado iugoslavo.

O serviço secreto austríaco acompanhou, através de seus agentes e confidentes, todos os passos de Strossmayer. Seus órgãos praticamente competiam entre si para “encontrar” provas que o incriminassem, como é o caso de um confidente que, em 1863, afirmou ter sido Strossmayer o incitador de um motim entre a população da cidade de Brod (fronteira de Slavônia com a Bósnia). Acusaram-no, por isso, de agitador secreto do pan-eslavismo. Viena lhes incumbiu a tarefa de interceptarem os escritos do bispo. Strossmayer foi vigiado não apenas no período de residência em Belgrado, mas também em Viena e Peste. O diretor da VORAFK – polícia da cidade de Peste notifica 22/6/1866 ao ministro das relações exteriores sobre a reunião de Strossmayer e Svetozar Miletić em Peste, 27/5/1866: “A fala do bispo manifestava a idéia de um futuro grande Estado Iugoslavo. Miletić [influente ativista sérvio] diz que concorda com ele, pois as nacionalidades que são débeis devem somar forças junto a outras comunidades em igual situação para construírem seu futuro.”¹⁸

3.1- Bosnia-Herzegovina disputada por pretendentes eslavos e não-eslavos

“Para Gramsci, as esferas da cultura e da ideologia ganham destaque, pois qualquer governo para se manter necessita de uma base de consenso, e este é edificado no plano das idéias. Os valores difundidos, uma vez assimilados, tornam-se forças sociais objetivas que movimentam o universo da política. A hegemonia é, assim, a conquista do poder com uma base da legitimação. As rupturas revolucionárias ocorrem, segundo Gramsci, na crise da hegemonia, na perda de sua legitimação. *‘A política é a arte de estabelecer alianças’*. A conquista da hegemonia se substantiva, assim, no movimento da *‘sociedade civil’*, no jogo de relações entre os diferentes sujeitos. As trocas aí estabelecidas são fundamentalmente culturais.”¹⁹

¹⁸PETROVIĆ, N. ***Svetozar Miletić i Narodna Stranka***. (Svetozar Miletić e o Partido Nacional) Gradja I. Sremski Karlovci, 1968, p.215, 216. Apud Milutinović, ibidem, p.70

¹⁹MORAES, Antonio Carlos Robert. ***Ideologias Geográficas***. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988, série: “Linha de Frente” , p. 65, 66

Demasiado pequena, a Sérvia sozinha não poderia se libertar dos turcos.

Em 1866, Vladimir Jovanović, político do *Movimento Jovem* na Sérvia e Svetozar Miletić, na Voivodina, julgavam que a campanha militar empreendida pela Prússia proporcionaria um bom momento para que os eslavos, de arma em punho, realizassem sua união para se libertarem da Turquia e da Áustria. O príncipe sérvio, Mihailo, e seu ministro das relações exteriores, Ilija Garašanin, sustentavam a opinião de que a Sérvia era uma colônia pequena demais para enfrentar o poder turco com todo seu recrutamento de soldados pelas cidades.

Tempos mais tarde, Charles Loiseau²⁰ escreve: “Foi arquitetado um acordo secreto de Ristić em nome do príncipe Mihailo - da Sérvia, aliado ao príncipe regente Nikola - de Montenegro, contando também com nobres da Croácia. Por esse acordo, a Croácia romperia sua ligação com a Coroa de Santo Estéfano (Reino húngaro) e anexaria a Dalmácia ao seu território. O principado da Sérvia ampliaria seu território com a Bósnia, enquanto Montenegro ganharia a Hercegovina. Formar-se-ia, então, uma nova organização federativa, constituída de 5 a 6 milhões de habitantes sob a presidência do príncipe Mihailo.”²¹

O eslavismo autocéfalo da Sérvia: Primazia sérvia traçada no Programa Sérvio - Búlgaro

O ministro das relações exteriores da Sérvia, Ilija Garašanin, traçava a primazia Sérvia em seu chamado projeto: ‘*nacertanija*’ [*plano, traçado*], que previa a criação do ‘Reino Sérvio-Búlgaro’ com o príncipe Mihailo e Garašanin de um lado, e do *Comitê Central Revolucionário Búlgaro* de outro. Tal iniciativa resultou no *Programa de Ação Conjunta Sérvio-Búlgaro*, também chamado “*acordo de coração*”. Tal programa recebeu a adesão de delegações das várias regiões da Bulgária na assembleia de Bucarest, em abril de 1867, quando os vários deputados aí reunidos assinaram um ofício pressupondo o “Reino Sérvio-Búlgaro”, cujo protocolo constava: “*Império Iugoslavo*”. Num primeiro instante, o príncipe Mihailo se tornaria rei e na sequência chegaria a imperador. Foi prevista a igualdade de direito da língua falada na Bulgária e da falada na Sérvia, e foi estabelecido o princípio da composição ministerial formada por integrantes de ambos os povos. Os representantes políticos dessa nação levariam em conta a proporção da nacionalidade dos habitantes.

²⁰Ver Glossário em notas complementares.

²¹LOISEAU, C. *Lê Balcan Slave et la Crise autrichienne*. Paris, 1898, 56,57. Apud Milutinović, op. cit., p.70, 71

Sabe-se que no tempo de Mihailo tal proporção política representativa do povo era fictícia na prática, pois imperava o absolutismo. Não seria diferente em tal império. O impasse sobre qual seria a capital não ficou resolvido. Os deputados búlgaros não concordaram com a pretensão dos dirigentes de Belgrado. O sonhado império de Mihailo seria constituído pela Sérvia, Bulgária, Macedônia e Trácia. As outras terras- Montenegro, Bósnia e Hercegovina, Voivodina, Eslovênia, Croácia, Dalmácia, Slavônia- não foram mencionadas. O príncipe Mihailo e Garašanin não pensavam na inclusão destas para formar uma federação de povos independentes. A intenção era anexá-las ao hegemônico reino da Sérvia. No que se refere à religião, o projeto *Nacertanija* privilegiaria a ortodoxia: a prática religiosa seria livre, mas em conflitos polêmicos prevaleceria o veredito dos ortodoxos sérvios.²²

Diferenças de concepção iugoslavista entre o sérvio Miletic e o croata Strossmayer

O historiador sérvio, Fedor Nikić, discute a maneira distinta de encarar o nacionalismo iugoslavista entre Strossmayer e Svetozar Miletic:

“Strossmayer não concordava com nosso líder nacional, Svetozar Miletic, porque este almejava o iugoslavismo nos seguintes termos: Cada etnia conservaria suas características. Além disso, a etnia sérvia se sustentaria em função de seu próprio passado, de sua posição geográfica, e de seu nacionalismo revolucionário que a incumbe de tomar as rédeas do iugoslavismo. Já a idéia de Strossmayer concebia o iugoslavismo livre de qualquer hegemonia étnica, ligando as etnias num só corpo, ou seja, uma síntese de todas as etnias sul-eslavas, todas abrindo mão de suas particularidades exclusivistas.”²³

²²PIROČANAC, M. S. *Knez Mihajlo i zajednička radnja balkanskih naroda*. (O príncipe Mihailo e a ação conjunta dos povos balcânicos.) Belgrado, 1895, p.36. Apud Milutinović, ibidem, p.78, 79

²³NIKIĆ, Fedor. *J. J. Strossmayer, Knjizevni Sever*. (J. J. Strossmayer, Ilustre norteamento), 1/11/1925. Apud Milutinović, ibidem, p. 261

Falsa promessa húngara de dividir a Bósnia-Herzegovina com sérvios pela Liga Balcânica

Os resultados das pesquisas de Vojislav J. Vučković no arquivo da família Garašanin verificam que o coronel Antonije Orešković esquematizou um plano aprovado por Ilija Garašanin, e encaminhado ao Strossmayer com o consentimento do príncipe Mihailo. Este plano previa um Estado a ser constituído por todas as comunidades sul-eslavas, mas que no ato de proclamar sua independência, deveria combinar com os gregos e romenos uma liga de mútua defesa.

Orešković se interessava pela preparação de uma revolta na Bósnia-Herzegovina, e da possível formação de um governo provisório no território a ser libertado. Tendo em vista a necessidade de evitar rivalidades entre sérvios e croatas, Orešković acrescentou :

“Será necessário um cuidado especial com a imprensa local para que não haja mal entendido entre os dois centros do iugoslavismo. As desavenças não devem chegar ao público, por meio dos jornais. As nacionalidades, croata e sérvia, devem convergir para uma única e igual sociedade sul-eslava; A religião não deve se intrometer na questão nacional; O elemento religioso nos divide em 3 e nos separa. Por isso, não podemos considerá-lo um princípio de união estatal. O princípio que dá o caráter de união ao Estado é o nacionalismo.”²⁴

Vasilije Krestić olha com resguardo a reunião de Salzburg entre Napoleão III e o imperador austríaco Francisco José, presenciada também pelo conde Julius Andrassy da Hungria. As fontes evidenciam que Andrassy planejava que o príncipe Mihailo desistisse de criar uma liga balcânica. Para persuadi-lo, prometeu que a Bósnia e a Herzegovina seriam divididas entre a Sérvia e a Hungria:

“Com relação à promessa de Andrassy em conceder a Bósnia, os indícios apontam motivos para considerá-la um jogo de falsidade. Também o chanceler austríaco Baist discretamente prometeu ceder a Bósnia e Herzegovina, mas desde que a Sérvia adotasse uma postura passífica e entregasse as armas.”²⁵

²⁴VUČKOVIĆ, V. J. *Politička akcija Srbije u južnoslovenskim pokrajinama Habsburške Monarhije 1859–1874*. Beograd, 1965, 273, 274. Apud Milutinović, ibidem, p.76, 77

²⁵KRESTIĆ, Vasilije. *Hrvatsko–ugarska nagodba...*, p.367, 369. Apud Milutinović, ibidem, p.84

Andrássy criticou a política de Garašanin, convencendo o príncipe Mihailo a desconfiar dele, cuja posição no governo sérvio se abalou ainda mais pela incriminação de Antonio Orešković, o qual havia realmente conspirado na Bósnia apoiado por Garašanin, na tentativa sérvia de atrair o engajamento da Prússia para somar forças contra os turcos. As conversas se davam no consulado da Prússia em Belgrado. Uma vez que Viena tomou conhecimento dessas negociações, o príncipe Mihailo viu-se obrigado a destituir Garašanin de suas funções 14/11/1867.²⁶

Acuada pela Prússia e Itália, a Áustria concede regime dualista dividindo seu império com a oportunista Hungria: Carta Régia do compromisso austro- húngaro de 1867 (Nagodba)

Em 1866, a Hungria fez pressão para que a Áustria lhe concedesse a posse da Dalmácia. Em 17/06/1866, Strossmayer se colocou contra a retomada da Hungria em anexar Rijeka e a região de Medjumurije:

“Os húngaros não permitem que tenhamos o mesmo status nacional que eles alcançaram, senão que desejam perpetrar a condição submissa do nosso povo. Eles se apóiam nos seus simpatizantes – unionistas – em nossas terras e sacam proveito dos acontecimentos externos.”²⁷

Por causa da relutante postura dos húngaros com a anuência da Áustria, os políticos croatas rompem relações com o imperador Francisco José. Este, então, declara guerra aos povos insatisfeitos com seu império. Logo no dia seguinte, 18/6/1866, o rei da Prússia, Guilherme I, proclama guerra à Áustria em defesa dos alemães que se sentiam desprivilegiados no império austríaco. Também o rei da Sardenha, Vitério Emanuel, declarou guerra à Áustria, em defesa dos habitantes italianos que viviam no império austríaco.

²⁶ *Pismo A. Oreskovića od 25.XII.1867. A.T. Brliću.* (Carta do A. Oresković de 25/12/1867. A.T. Brlić), In KRESTIĆ, V. *Hrvatsko-ugarska nagodba...*, p.370. Apud Milutinović, op. cit., p.85

²⁷ Dnevnik Sabora Trojedne Kraljevine Dalmacije, Hrvatske i Slavonije. *Zapisnik sjednice od 17. VI. 1866.* (Diário da Assembléia do Reino Triuno. Ata da seção de 17/6/1866.) Apud Milutinović, ibidem, p.163

Dois historiadores alemães, Herman Wendel e Johan Albert Reisswitz pesquisaram nos arquivos da Prússia, Áustria, Croácia e Sérvia, dados sobre as guerras da Áustria contra a Prússia, e desta contra a França. Eles constataram que a idéia de empurrar a Sérvia na guerra de 1866 contra a Áustria partiu do chanceler da Prússia- Bismarck, cujo plano era ligar a pequena semivassala nação danubiana na frente balcânica contra a monarquia habsburga numa ação conjunta com a Hungria e com a Croácia, inclusive promovendo revoltas contra a Áustria na Krajina –fronteira militar entre os impérios: turco e austríaco. Bismarck teria encarregado o líder nacionalista italiano, Garibaldi, com seus voluntários e com os húngaros emigrantes que habitavam na Itália, a adentrar na Dalmácia, e chegar à Hungria através da Croácia.²⁸

Kosta Milutinović observa que a Prússia saiu em defesa do povo alemão muito mais como um pretexto para a Prússia pressionar Francisco José a acatar os interesses de expansão de Bismarck. Isso mobilizou a Áustria em duas frentes: ao norte, na fronteira com a Prússia, e no sul, na fronteira com a Itália. No transcorrer da guerra, formou-se também uma legião de voluntários húngaros, constituída, em sua maioria, de presidiários húngaros, mas portando a bandeira da Prússia e inseridos nos regimentos prussianos. Já nas trincheiras italianas, houve a tentativa de formar uma legião de voluntários eslavos poloneses - insatisfeitos com a monarquia habsburga. Os poloneses seriam comandados pelo escritor revolucionário pró-eslavo, Adam Mickiewicz, quem desejou engajar inclusive outros eslavos explorados pela Áustria. Mas os líderes de Piemonte e Lombardia não aceitaram esta proposta por desconfiarem dos eslavos-do-sul.²⁹

²⁸WENDEL, Herman. *Bismarck und Serbien im Jahre 1866*. Berlin, 1927. & REISSWITZ, Johan Albert. *Belgrad-Berlin, Berlin-Belgrad 1866-1871*. München-Berlin. Apud Milutinović, ibidem, p.72

²⁹BATOWSKI, H. *Mickiewicz i Južni Slaveni*, Historijski zbornik. (*Mickiewicz e os eslavos-do-sul*. Compilação histórica), 1956, IX, p.69-81. Apud Milutinović, ibidem, p.126

No caso de vitória austríaca contra a Prússia e contra Piemonte, não haveria motivo para que o palácio de Viena concedesse igualdade de poderes pleiteados pela Hungria, uma vez que os húngaros apostaram que, apenas vencido, o governo de Viena faria concessões. De fato, em 21/6/1866, as tropas prussas atravessaram a fronteira austríaca com os tchecos, e 6 de julho entraram em Praga. A Áustria perdeu território pelas unificações da Alemanha e da Itália. Berlin persuadiu o palácio de Viena a assinar a Nagodba³⁰ - o acordo com os círculos dominantes da política húngara referente à divisão das esferas de interesse entre Viena e Peste. No mesmo dia, a Áustria proclama: “Leais povos do Reino Húngaro, juntem-se na defesa da monarquia ameaçada! Sejam filhos valorosos em honra dos seus ancestrais!”³¹

O ‘Acordo austro-húngaro’, ou ‘compromisso’ de uma monarquia dual - como prefere chamar Hobsbawm, ou ‘nagodba’ - conforme denominam os eslavos-do-sul, Benedict Anderson trata pelo termo: *Ausgleich*, salientando a autonomia bastante considerável do reino húngaro para conduzir os seus assuntos internos:

“O primeiro beneficiário do Ausgleich foi um grupo de grandes aristocratas magiares de espírito liberal e de profissionais liberais instruídos. Em 1868, o governo do culto magnata - conde Julius Andrassy - promulgou uma *Lei das Nacionalidades*, que conferia às minorias não-magiares todos os direitos que algum dia reivindicaram ou poderiam ter reivindicado - quase convertendo a Hungria numa federação. Mas a chegada de Kálmán Tisza ao cargo de primeiro ministro, em 1875, inaugurou uma era em que a pequena nobreza rural reacionária pôde reconstituir a sua posição, livre de interferências vienenses.”³²

Mais uma vez, Benedict Anderson recorre ao pesquisador húngaro Paul Ignotus para se referir às minorias não-mageares, portando impressões divergentes dos pesquisadores da ex-Iugoslávia que colhem aspectos extremamente conservadores do conde Julius Andrassy, conforme já vimos e veremos mais fatos do conservadorismo e intolerância deste estadista húngaro nos próximos tópicos.

³⁰ Nagodba equivale a uma constituição por acordo, que Hobsbawm denomina ‘Compromisso’ de 1867, ao se referir à criação do império austro-húngaro em sua obra ***Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade***

³¹ Pesti Napló, 17/07/1866. Apud MILUTINOVIĆ, Kosta. ***Štrosmajer i Jugoslovensko pitanje***, p.126.

³² Ignotus, ***Hungary***, p.74. Apud ANDERSON, Benedict R. ***Comunidades imaginadas***, p.153,154,155.

A França só tomou partido no conflito entre as potências europeias com a intermediação de Napoleão III no tratado de paz em Praga, 23/8/1866. No sul, a Áustria perdeu sua última província na Itália, e no norte perdeu suas posições entre as comarcas alemãs. Mesmo com isso, e ainda que Bismarck tenha excluído a Áustria da união alemã, o chanceler de ferro poupou o império habsburgo de maiores perdas, visando sua neutralidade em futuro combate com a França bonapartista. Assim, Bismarck orientou a Áustria nos conflitos ao leste de suas fronteiras, e impôs a construção da estrada de ferro Berlim-Bagdá, contrapondo-se à pretensão russa de tomar os estreitos de Bósforo e Dardanelos dos turcos.

Fonte: (www.usuarios.lycos.es/superjulio/imperios)

A vitória de Bismarck sobre a Áustria realmente favoreceu muito a Húngria que ampliou seu poder com a então criação do Império Áustro-húngaro. Assim, nem é preciso frisar que estes acontecimentos externos não iriam favorecer os eslavos-do-sul. A partir de então, os eslavos-do-sul desistiram da possibilidade de conquistar um status nacional autônomo dentro de uma futura federação habsburga.

4 – OS ACORDOS INTERNACIONAIS EM PREJUÍZO DOS ESLAVOS

4.1 – Regimento austro-húngaro de 1867 desfavorece os eslavos

Ferenz Deak, líder político húngaro, já havia sido taxativo na seção do parlamento húngaro de 15/7/1866, refutando Svetozar Miletić, presidente do *Partido Nacional Sérvio na Vojvodina*: “Vossa excelência mencionou reiteradamente: ‘Croácia, Slavônia e Dalmácia’. Aqui, devo lembrar que o direito estatal húngaro não reconhece estes três territórios com a denominação de ‘Reino Triuno’, senão que sempre como terras agregadas.” Milutinović comenta que entre este pronunciamento de Ferenz Deak de 1866 e a conhecida declaração de Lajos Kossuth (1848) - “*A Croácia não se encontra no mapa geográfico*” - não há muita diferença.¹

A nova estrutura deste império passa a reconhecer apenas duas esferas de interesse nacional: a dos austríacos e a dos húngaros, não legitimando o caráter nacional dos demais povos que integravam o espaço que, a partir de 28 de maio de 1867, passaria a ser chamado de Império Austro-Húngaro. Trata-se de uma reestruturação de poder em que o parlamento húngaro aclamou o acordo dualista entre Viena e Peste, invalidando a constituição vigente até então e não necessitando mais consultar a aprovação do parlamento austríaco como era de praxe. O imperador Francisco José se coroou com a coroa dos reis húngaros em Budapeste. Neste ato demonstrativo de duas nações sob a regência de um Estado uníssono - Austro- húngaro - os políticos croatas não quiseram estar presentes, inconformados com o que estava para se concretizar no ano seguinte: a perda para os húngaros das regiões de Medjumurje e Rijeka. Niko Pucić se retirou da política, deixando transparecer sua decepção em carta a Mihovil Pavlinović, 15/10/1868:

“Pelo regimento Húngaro-croata de 1868 (Acordo Cabal), nós passamos a fazer parte da coroa de Santo Estéfano (padroeiro da Hungria). Estimado dom Mičo (Mihovil), prefiro a situação que agüentamos até agora do que submeter-me territorialmente à Hungria, e ainda ter que assistir a consumação do status autônomo da Dalmácia - desmembrada da Croácia.”²

¹ Pozor, 18/12/1866. Apud MILUTINOVIĆ, Kosta, *Štrosmajer i Jugoslovensko pitanje*, p.127

² PAVLINOVIĆ, Marin. *Iz korespondencije dubrovačkih političara s Mihovilom Pavlinovićem: Zbornik iz dubrovačke prošlosti Milanu Rešetaru*. Dubrovnik, 1932, p.204. Apud Milutinović, ibidem, op. cit., p.172

Em 1867, Rački editou um livro em Zagrebe intitulado *Rijeka para a Croácia* com mais de 50 documentos em latim e alemão. O livro foi enaltecido pela imprensa da Sérvia e da Eslovênia. Mas não foi bem visto pelos órgãos de Viena e Peste. Strossmayer até precisou se explicar ao imperador por ter-lhe enviado um exemplar. Após isso, reportou-se a Rački : “Hoje tive uma audiência com o imperador que me disse: ‘*Ordeno que faça cumprir o programa húngaro. Caso se recuse, nem ouse ir ao parlamento. (...) estou disposto a enfrentá-lo com ‘Zwangsmassregeln’.*” (medidas repressoras). Mesmo assim, a assembléia croata não atendeu ao chamado do imperador, não enviou seus deputados para a coroação no parlamento húngaro, alegando que ainda não estava resolvida a relação político-administrativa entre a Hungria e a Croácia. Logo depois, o imperador fechou a assembléia croata, 25/05/1867.³

Tchecos e Eslovenos fortaleceram a oposição ao império austro-húngaro.

O cônego Rački considerava que, se a Áustria tivesse adotado o regime federalista, perduraria por mais tempo sua hegemonia nos Bálcãs. O acordo dualista com a Hungria não contemplava os reclamos sociais, e o palácio de Viena passou a aceitar incondicionalmente as determinações de seus comparsas húngaros em detrimento dos eslavos-do-sul. Consequentemente, os eslavos não seriam mais iludidos pelas promessas de federalismo dos habsburgos que apenas sobreviviam. A partir de 1867, Strossmayer, Rački e os revolucionários da Dalmácia planejaram novas estratégias: investiram no confronto armado, para se chegar ao Estado-nação almejado, e aumentaram a aproximação entre os povos que compunham o poliglota território habsburgo, cada vez mais articulados e avessos ao absolutismo.

Os tchecos estiveram dispostos a somar forças com os croatas, eslovenos, e com a Voivodina. O *Primeiro Programa Conjunto* se deu em Ljubljana 01/12/1870, conhecido como *Programa Iugoslavo de Ljubljana*: “Os eslavos-do-sul se sentem nos dias de hoje missionários de uma nação única para assegurar a sobrevivência das suas nacionalidades. Assim, adotaram a união de suas forças, moral e material para canalizá-las no campo da literatura, economia e política.”⁴

³ ***Die Panslavistischen Agitationen in Kroatien.*** Die Debatte, 4/10/1867. Apud Milutinović, ibidem, p.162

⁴ Zastava, 27/11/1870. ***Slovenački tekst: Slovenski narod***, 6/12/1870. Novice, 7/12/1870. & MILUTINOVIĆ, Kosta: ***Problematika Ljubljanskog jugoslovenskog programa 1870 kod Srba i Hrvata.*** Zgodovinski časopis, X–XI, Ljubljana 1956–1957, 165–166. Apud MILUTINOVIĆ, Kosta. ***Štrosmajer i Jugoslovensko pitanje***, p.90

Hobsbawm se refere à incompatibilidade da formação liberal das nações:

“Havia também os que sonhavam com uma federação balcânica numa unidade ainda maior: entre os católicos, o Reino Triuno da Croácia, Dalmácia, Slavônia; já entre os ortodoxos, havia muito em comum para fundir Sérvia e Bulgária num só corpo estatal. Nos movimentos comunistas que ganharam forma na 2ª Guerra Mundial, os tchecos fundir-se-iam com os eslovacos, os poloneses iriam se combinar com lituanos e rutenos, os romenos da Moldávia iriam se unir com aqueles da Valáquia e da Transilvânia. Tudo isso era evidentemente incompatível com definições de nações baseadas na etnicidade, língua ou história em comum, mas estes não eram critérios decisivos da formação liberal de nações. Em qualquer caso, ninguém chegou a negar a real multinacionalidade ou multilinguagem ou multietnicidade de antigos e inquestionáveis Estados-nações, como Grã-Bretanha e Espanha, por exemplo.”⁵

Esta colocação de Hobsbawm corrobora com nossa intenção de evidenciar que tanto a formação como a desintegração de ideologias calcadas no nacionalismo decorrem de arranjos políticos que manipulam as tradições culturais.

Segundo Benedict Anderson, Gellner diz que o nacionalismo inventa nações onde elas não existem e explica o inconveniente desta formulação:

“Gellner está tão aflito para mostrar que o nacionalismo se mascara sob falsas aparências, que ele identifica ‘invenção’ com ‘contrafação’ e ‘falsidade’, e não com ‘imaginação’ e ‘criação’. Assim, ele sugere, implicitamente, que existem comunidades “verdadeiras” que num cotejo com as nações, se mostrariam melhores.”⁶

Para Anderson, as comunidades se distinguem não por seus projetos nacionalistas que não refletem um concreto estado de pureza e autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas. Esta reflexão de Benedict Anderson pode ser entendida pelo que já discurremos referente à criação de um estilo ‘dual’ de nação austro-húngara; ou referente ao sonho da ‘federação habsburga’; ou também da pretensão de um ‘Estado paneslavo’, inclusive ao estilo iugoslavo de nação. Tal distinção de estilos imaginados justifica o termo ‘nacionalismos’, no título desta dissertação, com vistas a refletir sobre suas várias formas manifestadas nos Bálcãs.

⁵ HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade*, p.45

⁶ ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas*, p.32, 33

Strossmayer pronunciou um discurso aliciador quando o parlamento húngaro destituiu o direito do Reino Triuno sobre Rijeka: “Mas ninguém pode ignorar a nacionalidade da grande maioria; ninguém pode atropelar seus costumes nacionais e sua prática eclesiástica . . . Todo filho fiel do reino Triuno está disposto a correr o risco de ter sua mão decepada para não ver Rijeka separada do seu corpo croata.”⁷

Ao longo dos cinco séculos de dominação turca houve momentos em que as mães eslavas cortavam um dedo do filho para que este fosse desprezado pelos soldados turcos, os quais levavam as crianças sem defeito físico para serem aculturadas em Istambul e servirem ao exército muçulmano. Essa forma de cobrança, denominada “*imposto de sangue*”, era mais comum nas situações em que os colonos não podiam pagar o imposto em dinheiro, nem em natura.

4.2 – O Vaticano a favor dos imperialistas em detrimento dos colonos católicos

O ‘bispo da fronteira’ se opõe ao dogma da infalibilidade do papa.

Pio IX convocou o XX Concílio da igreja católica 8/12/1869. Segundo Milan Marijanović, a atuação do bispo croata Strossmayer em tal encontro provocou polêmicas não apenas em relação ao dogma da infalibilidade do papa, mas, essencialmente, ao caráter político nacional das instituições religiosas eslavas:

“Não se descarta a possibilidade do bispo ter sido orientado pelo arcebispo de Praga, Schwarzenberg, para quem a aceitação do dogma da infalibilidade poderia levar ao enfraquecimento do catolicismo na região tcheca e ao fortalecimento de igrejas nacionais eslavas como foi o caso da seita protestante de Jan Hus”⁸

⁷ Dnevnik Sabora Trojedne Kraljevine Dalmacije, Hrvatske, Slavonije. **Zapisnik Sjednice od 17. XII. 1866.** (Diário da Assembléia do Reino Triuno da Dalmácia, Croácia e Slavônia. Ata da seção de 17 / 12 / 1866.) Apud Kosta Milutinović, **Štrosmajer i Jugoslovensko pitanje**, Novi Sad, 1976, SIZ za naučni rad, p.163

⁸ MARIJANOVIĆ, M. **Savremena Hrvatska**, (Croácia Contemporânea). Belgrado, 1913, p.222. Apud Milutinović, op. cit., p.19

Segundo Lord Acton,⁹ Strossmayer defendeu o direito dos bispos diante da hegemonia do Colegiado de Cardeais, dando total apoio ao pedido de Schwarzenberg, a respeito da necessidade de reformar o colégio de cardeais de modo a satisfazer um equilíbrio entre os representantes de todos os povos.

Se nos reportamos aos dias de hoje, percebemos a política que permeia o Vaticano, afinada muito mais com os países ricos e poderosos, sabendo-se que, atualmente, há 3 vezes mais cardeais dos E.U.A. - onde a religião predominante é o protestantismo - do que o número de cardeais do Brasil e do México juntos, que são os países com maior número de católicos no mundo.

Strossmayer era chamado pejorativamente de *'bispo da fronteira'* [da fronteira com os turcos]. Foi uma expressão usada pelos ultramontanos - representantes do alto clero conservador dos Estados imperialistas da Europa, para denotar o "status inferior" e a origem provinciana do bispo de Đakovo. À época, o professor e ativista político, Stjepan Radić, enalteceu o protesto de Strossmayer contra o fanatismo: "Seguiremos as convicções de Strossmayer para que a Croácia se liberte dos latinistas."¹⁰

Os discursos expostos por Strossmayer no Concílio do Vaticano tiveram fortes repercussões em todas as terras sul-eslavas, principalmente no condado croata e na Dalmácia. Enquanto a Dalmácia, de forma política e administrativa, era domínio austríaco, os condados da Croácia e Slavônia eram administrados pela Hungria. Esta divisão não logrou desvincular o interesse mutuo entre estas colônias. Mesmo que as audiências do Concílio estivessem fechadas e sem a presença da imprensa, o principal informante ilegal aos periódicos nacionais e estrangeiros foi o secretário de Strossmayer, Nikola Voršak, cuja atuação foi descoberta e ele destituído do Concílio. Além de Voršak, também foi chamado de responsável pelo fato, Augustin Tajner, arquivista do Vaticano, suspeito de, sem autorização, haver emprestado importantes documentos a Strossmayer e ao lord Acton.¹¹

⁹ Lord Acton, ***Zur Geschichte des Vaticanischen Concils***, München, 1871, p.87,88. Apud Milutinović, ibidem, p.20, 21

¹⁰ RADIĆ, Stjepan. ***Što nam je bio Strossmayer***, Zagreb: Hrvatska misao. (O que foi Strossmayer para nós) Zagrebe: Pensamento croata, nº 8, 1905, p.338. Apud Milutinović, ibidem, p.32

¹¹ OBERŠKI, Janko. ***Strossmayerovi govori na Vatikanskom koncilu***. (O Discurso de Strossmayer no Concílio do Vaticano). Zagrebe, 1929, p.15-19. Apud Milutinović, ibidem, p.19

Também os eslavos usaram a imprensa para formar uma identidade nacional

O governo húngaro não foi bem sucedido ao proibir os estudantes do Ensino Médio e universitários de enviar felicitações a Strossmayer durante a estada deste em Roma. Cartas e postais lhe chegavam não somente das principais cidades croatas, mas também daqueles vilarejos modestos do interior da Croácia. Isso se assemelhou a uma espécie de plebiscito. As principais fontes, das quais os jornais populares coletaram os dados sobre tal Concílio do Vaticano, foram: *Allgemeine Augsburger Zeitung*, *Volksfreund*, *Wanderer*, *Times*, *Morning Herald*, *Agência Jornalística Havas*.

O mais antigo e mais conhecido jornal alemão reconhecia: “Em Roma, o que mais se fala é sobre a atitude honrosa de Strossmayer, que penetrou fundo na consciência daqueles que estiveram presentes. O cardeal Di Pietro reconheceu inclusive a admirável fluência na língua latina do bispo provinciano.”¹²

Repressão sobre a imprensa como órgão a serviço ideológico das instituições culturais

A censura imposta pelo conde Levin Rauch não calou a voz do *Zatočnik*, da cidade de Sisak (Croácia) que atuou com esse nome de 1869 a 1871, quando trouxe uma publicação assinada por Mate Mrazović¹³ que compara o papa Pio IX ao rei da França Luis XIV, tomando emprestadas as palavras deste: “*L’Etat c’est moi*”.¹⁴ O jornal *Zatočnik* foi fechado por isso, mas ao se mudar para Zagrebe, 01/8/1871, passou a se chamar *Obzor* para driblar a censura em sua tendência oposicionista.

A ‘*Folha Popular*’ da cidade de Zadar, órgão do ‘*Partido Popular Dálmata*’, escreve: “Desabafou o filho ‘número um’ no grande conselho de todas as igrejas católicas. No nosso jornal, não poderíamos deixar de exprimir o brilho de nossa estrela eslava.”¹⁵

¹² *Allgemeine Augsburger Zeitung*, 27/1/1870. Apud Milutinović, ibidem, p.40.

¹³ O responsável pelos rumos da política do ‘*Partido Nacional*’ era Strossmayer, acompanhado de seu principal colaborador – Franjo Rački. O advogado Mate Mrazović, enquanto presidente do ‘*Partido Nacional*’ em Sombor, era apenas um chefe formal, executor das diretrizes tomadas. Nem Strossmayer como bispo, nem Rački como cônego—pelas suas funções eclesiásticas—não poderiam ser chefes de partido, mesmo que denotassem liderança pela importância de suas idéias e suas iniciativas. Ver: Korespondencija Rački–Strossmayer, I, p.222, 227, 233,234,238, 245. Apud Milutinović, ibidem, p.265

¹⁴ (Branik, 08.IV.1871.), Apud Milutinović, ibidem

¹⁵ *Biskup Strossmayer u Rimu*. (O Bispo Strossmayer em Roma), Narodni List (A Folha Popular), 9/02/1870. Apud Milutinović, ibidem, p.33

A *'Folha Popular'* não foi um grupo comercial, mas sim destinado a fins nacionais filantrópicos, deixando um rico material que justificam os 50 anos de edição (1862–1912). A base econômica da *Folha Popular*, desde o início, abastecia-se pela contribuição nominal de 100 forintes pagos pela associação de leitores e simpatizantes dos populistas, como se fossem acionistas de um patrimônio nacional. O maior contribuinte foi Strossmayer, que chegou a doar todas as ações de que dispunha ao seu partido para reforçar o nacionalismo.¹⁶

Segundo Lilia Moritz Schwarcz, Benedict Anderson se opôs aos argumentos do sociólogo e filósofo liberal Ernest Gellner – que vinculou o nacionalismo ao industrialismo ocidental. Anderson deu importância ao papel da imprensa e ao que ele denomina “novidade da vernaculização” por oposição à antiga hegemonia do latim. O autor sustenta que mais que inventadas, nações são “imaginadas” para dar sentido à alma e constituem objeto de desejo e projeções. A política é vista como exercício exclusivo dos poderosos, e se pauta pela idéia de que é preciso fazer do novo, antigo, bem como encontrar naturalidade num passado que não passa de uma seleção consciente, carregada frequentemente de necessidades do presente.¹⁷

No prefácio à obra de Benedict Anderson, Lilia Moritz Schwarcz exalta, também, a forma com que Anderson enxerga o papel do romance e do jornal enquanto meios técnicos para “re-presentar” o tipo de comunidade imaginada a que corresponde uma nação, recorrendo constantemente a uma história previamente selecionada. Seguindo a interpretação do referido prefácio, verifica-se uma convicção de que uma nação imaginada pode ser modelada, adaptada e transformada. Os romances acabariam por se apresentar como elementos destacados na construção coletiva de um passado e de um “nós” comum e identificado. “A partir deles se daria uma espécie de confirmação hipnótica da solidez de uma comunidade, a qual naturaliza a história e o próprio tempo, conforme concluiu Edward Said.”¹⁸

¹⁶ Arhiv đakovačke biskupje. (Arquivo episcopal de Djakovo), Fascículo Strossmayer, nº XXVII. Apud Milutinović, ibidem, p.143

¹⁷ ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**, prefácio de Lilia Moritz Schwarcz, p.10

¹⁸ Ibidem, p.12,13,14

Benedict Anderson defende a idéia de que o desenvolvimento da imprensa é a chave para a criação das comunidades, e que a nação se tornou popular dentro desse tipo de comunidade em razão principalmente do capitalismo. Ele afirma que desde 1500 o setor editorial, sob o controle de capitalistas ricos interessados em ter lucro, padronizou o consumo de massa das sociedades até os dias de hoje.

*“Os falantes da enorme diversidade de variantes francesas, inglesas e espanholas, que achariam difícil ou mesmo impossível se entenderem oralmente, puderam se entender. Esses companheiros de leitura ligados através da letra impressa constituíram, na sua invisibilidade visível, secular e particular, o embrião da comunidade nacionalmente imaginada.”*¹⁹

Sem dúvida que os eslavos aprenderam bem a lição de como usar a imprensa para formar uma identificação nacional. Mas é difícil pensar em capitalismo e lucro tendo em vista a pequena e precária “indústria” tipográfica local dos eslavos-do-sul que se mantinha através de donativos e trabalho voluntário de professores, religiosos e outros intelectuais, e não por uma burguesia estruturada como classe dominante no contexto balcânico. Mihovil Klajić, além de trabalhar como professor dedicava muitas horas de trabalho como articulista de jornal, no entanto, não era remunerado por isso. Ao ser demitido, acusado de subversivo, ganhou uma contribuição de seus leitores, mas preferiu doar o dinheiro a uma creche que abrigava órfãos da Dalmácia.

Mas em outro trecho, Benedict Anderson contradiz a importância que dava ao capitalismo: “nem o liberalismo, nem o iluminismo, nem o interesse econômico criaram a forma de comunidade imaginada a ser protegida contra as depredações dos modelos imperiais do antigo regime.” Agora o autor atribui tal tarefa aos funcionários peregrinos e impressores locais: “o capitalismo também ajudou, quando menos, a criar nacionalismos populares com bases vernáculas na Europa, os quais minaram, em graus variados, os velhos princípios dinásticos e impeliram todas as dinastias à autonaturalização, desde que estivessem em condições para tanto.”²⁰ Resulta, portanto, ambíguo o posicionamento de Anderson quanto aos interesses do capitalismo influenciar, ou não, o nacionalismo.

¹⁹ ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**, p.71-72, 80, 218, 221-122

²⁰ Ibidem, p.197

Dentre os periódicos da Voivodina que deram maior atenção aos discursos de Strossmayer destaca-se *A Bandeira* do ativista político sérvio - Svetozar Miletić; e o '*Povo de Subotica*', em oposição à Cúria Romana e apoio ao croata Strossmayer. Por outro lado, houve a reação dos círculos conservadores da Voivodina reunidos no jornal *Nação Sérvia* que foi um órgão do clero ortodoxo atuante de 1870 a 1884. O jornal recebeu o pejorativo apelido '*Nação Turca*' e seus colaboradores, chamados de '*turcistas*'. A redação do *Nação Sérvia* publicou: "Se o dogma sobre a infalibilidade perpetrar, Strossmayer debandarà para a ortodoxia."²¹ Esta notícia se desdobrou em diferentes comentários. Até o renomado britânico - *Times* - acrescentou: "Strossmayer adotaria tal atitude, se necessário fosse à união dos eslavos-do-sul."²²

A campanha de alguns órgãos da imprensa sérvia e da Voivodina contra Strossmayer não foi seguida em Montenegro, onde o bispo realizava constantes doações para o desenvolvimento educacional e cultural. Graças a Dušan Vuksan, que publicou boa parte dos conservados manuscritos do príncipe montenegrino-Nikola, e seu antigo secretário - o escritor Jovan Sundečić, sabe-se o quanto significou Strossmayer para Montenegro.²³

A arquediocese de Zagrebe acumulou grande importância pela sua influência na política nacional e pela sua renda material. Além disso, o arcebispo de Zagrebe, enquanto mais alto nível hierárquico da igreja croata, sempre foi agraciado com o título de cardeal da cúria romana, o que eleva ainda mais sua reputação na Croácia. A questão quanto à nomeação para arcebispo de Zagrebe interessou não apenas à sociedade croata, mas também à imprensa húngara. Assim, por exemplo, o *Pester Lloyd*, órgão não oficial do governo húngaro, discorre o perfil atribuído a tal cargo: "É necessária a presença de um homem que desfrutará da confiança de seus fiéis católicos, independentemente da etnia à qual pertença, e que ele seja um intermediador pacífico. (...) Nós lamentamos que Strossmayer tenha um histórico de desavenças com o governo húngaro. O bispo sempre se mostrou resistente em relação às decisões húngaras, para não dizermos a palavra '*inimigo*'.²⁴

²¹ Srpski Narod, 29/04/1870. Apud Milutinović, op. cit., p.34

²² Times, 12/05/1870. Apud Milutinović, ibidem

²³ **Bibliografija radova Dušana Vuksana.** Istorijski zapisi. (*Bibliografia da obra de Dušan Vuksan.* Escritos Históricos), Titograd, 1965, p.127–153. Apud Milutinović, ibidem, p.40. [Titograd é hoje Podgorice.]

²⁴ *Pester Lloyd*, 18/04/1870. Apud Milutinović, ibidem, p.44

Na Vojvodina, o editor sérvio do jornal *'Povo de Subotica'*, Mihajlo Desančić rebateu tal pronunciamento húngaro: “O arcebispado de Zagrebe é uma posição tão influente que em certos assuntos chega a ter mais poder do que o governador húngaro na Croácia, denominado ‘ban’. Eu soube que o governo húngaro ofereceu a Strossmayer o cargo de arcebispo, desde que se submetesse às condições absolutistas, mas a resposta foi negativa, como demonstração de caráter que constrói a imagem de um líder nacional. Caso ele se curvasse, perderia todo o prestígio político que vinha formando. Sua intenção foi perder o cargo eclesiástico, mas ganhar o povo mais do que nunca.”²⁵

Os órgãos de imprensa de Viena e de Peste se preocupavam em denegrir Strossmayer e Rački, chamando-os de “russofílicos”, “paneslavistas”, “elementos anti-Estado”. O jornal *'Die Debatte'*, órgão dos conservadores húngaros, descreveu Strossmayer como o principal ideólogo e agitador da Croácia.²⁶

Ethnic Majorities in Serbia by Optina, 1991 census Fonte: www.lib.utexas.edu

²⁵ DESANČIĆ, M. *Štrosmajer i nadbiskupija zagrebačka*. *Narod*, 30/5/1870. Apud Milutinović, ibidem, p.46

²⁶ *Die Panslavistischen Agitationen in Kroatien*. *Die Debatte*, 4/10/1867. Apud Milutinović, ibidem, p.162

4.3 – Os impasses de união, hora com o Ocidente, hora com o Oriente

O culto a Cirilo e Metódie retoma a possibilidade de união entre Ocidente e Oriente: Os sérvios se opõem à geopolítica austríaca na Bósnia-Herzegovina e rechaçam a conversão pretendida pelo Vaticano para estender o catolicismo no Leste.

A Encíclica do papa Leão XIII, “Grande Munus”, datada em Roma- 30/9/1880, soube reverter a favor da política do Vaticano o pedido dos bispos de nações eslavas católicas: “Muitos bispos rogaram a este trono apostólico que em suas igrejas sejam consagrados Cirilo e Metodie. É tempo de rever a reorganização do Estado nas regiões eslavas. Por isso, considero oportuno contemplar a fé dos eslavos.” Ao expressar “reorganização do Estado”, o papa não especifica a “Drang nach Osten” aceitando como natural a ocupação da Bósnia e Herzegovina pela Áustria, porque era conveniente às pretensões da política do Vaticano ampliar suas influências nos passos fortes de um império católico pisando em terras de ortodoxos e muçulmanos. “A dedicação do missionário bizantino, Metodie, aos búlgaros, conquistou o respeito do rei Boris e ganhou mais devotos ao cruzar as fronteiras moravas no século IX. Tal feito é igualado por seu contemporâneo, Cirilo, que abraçou os croatas e os sérvios. Ambos missionários do cristianismo são tomados como referência pelos dalmatinos, assim como por aqueles que habitam a região de Kranjska.” [atual Eslovênia]²⁷

Em sua encíclica, Leão XIII faz menção ao culto a Cirilo e Metodie comemorado 5 de julho, conforme estabelecido por Pio IX, em 1868, e retoma a questão da utilização da língua eslava na liturgia dos eslavos católicos: “Será permitido o uso da língua eslava no velho e no novo testamento, desde que estejam bem traduzidos, de modo a não descaracterizar a estrutura da cerimônia cristã. (...) É de se esperar que os sacerdotes do cristianismo oriental adotem o ritual da igreja católica romana, de modo a restabelecer a unificação com a verdadeira igreja.”²⁸

²⁷ Encíclica do papa Leão XIII, “**Grande Munus**”, Roma, 30/09/1880, 7–8. Apud Milutinović, ibidem, p.231

²⁸ Encíclica do papa Leão XIII, “**Grande Munus**”, Roma, 30/09/1880, 2–3, 13-14. Apud Milutinović, ibidem, p.232

Esta encíclica foi recebida com entusiasmo pelos eslavos católicos. Anton Franki, professor seminarista em Zadar, assim descreve a repercussão da encíclica: “Os eslavos católicos receberam contentes a encíclica papal. De Varsóvia até nós, de Praga dourada até Plovdiv²⁹, as pessoas clamavam: Vamos fazer uma peregrinação!; Vamos até o papa agradecer-lhe por estas palavras de afeto! Os bispos comemoravam com seus fiéis a intenção de voltar a ser uníssona tanto a religião como a igreja do Oriente e do Ocidente, como era antes, na época de Cirilo e Metodie.” O arcebispo de Zadar foi o primeiro a aderir à encíclica, introduzindo o culto a Cirilo e Metodie com missa rezada em língua eslava nas igrejas de São Mihovil em Zadar e nas igrejas das ilhas do norte da Dalmácia.³⁰ O jornal *Katolička Dalmacija* convidou os sérvios da Dalmácia a peregrinarem juntos: “Irmãos sérvios, Cirilo e Metodie serviram ao imperador bizantino-Fotchia, mas o desertaram quando este rompeu relações com a igreja romana. Se Deus quizer, cantaremos juntos novamente: ‘Acreditem nos santos missionários da igreja romana’ ”³¹

Os sérvios interpretaram este discurso como estratégia da Áustria com o Vaticano para estender seus tentáculos a leste de suas fronteiras, incutindo uma identidade ocidental através do catolicismo para contrapor-se ao paneslavismo. Em um de seus artigos para ofuscar a encíclica papal, Svetozar Miletić comenta:

“A encíclica do papa subestima que os ortodoxos já devem perceber que a cúria romana sonha em ampliar sua esfera de interesse, conivente com a política de Viena na Bósnia e Herzegovina e em Tessaloniki [Macedônia grega], e se apóia no culto a Cirilo e Metodie, ressuscitando-os também como santos do catolicismo para expandir suas influências ao Oriente, propondo, com isso, a volta da união das igrejas com sede em Roma. Poderão os ortodoxos aceitar o primado do papa? Uma coisa é a intenção de permitir a língua eslava na igreja; outra coisa bem diferente é uma ideologia católica regendo os cristãos.”³²

²⁹ Às margens do Danúbio, na Bulgária.

³⁰ *Biskupi dalmatinski i okružnica “Grande munus”*. *Katolička Dalmacija*, 28/2/1881. Apud Milutinović, ibidem, p.232

³¹ *Rim i Hrvati*. (Roma e os croatas). *Katolička Dalmacija*, 23.V. 1881. Apud Milutinović, ibidem, p.233

³² *Strossmayerova ‘okružnica’*. *Zastava*, 22.V.1881. (A Circular de Strossmayer, jornal *Bandeira*, 22/5/1881.) Apud Milutinović, ibidem, p. 236

Viktor Novak analisou a ideologia de Strossmayer embutida na catolicização dos eslavos: “Strossmayer trabalhou na unificação das igrejas, pois era a diferenciação entre elas que ele encarava como a maior barreira para a fusão desses dois povos.”³³

Fazendo um paralelismo com o século XX, “*Tito propôs, a princípio, que a Igreja Católica na Iugoslávia separasse seus laços de Roma. Em reação, a igreja jogou com o nacionalismo croata: Nikola Tavelić, que havia sido martirizado em Jerusalém há mil anos, foi redescoberto e canonizado, dando aos croatas o seu primeiro santo. Afirma-se que 15.000 croatas viajaram a Roma para as solenidades de canonização.*”³⁴ Isso mostra que, tanto da parte dos sérvios, como dos croatas, as lideranças políticas sempre tiveram dificuldades para neutralizar as correntes separatistas que exploravam as diferenças religiosas para impor seus interesses particulares.

Contatos com os russos e a prontidão da Austro-hungria em vista da decadência dos turcos.

Após o acordo húngaro-croata, quando já começava a perder as esperanças de que a monarquia habsburga fosse criar uma federação eslava dentro da Áustria, Strossmayer recorreu a uma aproximação com os russos. Com base nas pesquisas do historiador russo V. I. Freidzon, o primeiro contato entre Strossmayer e um representante oficial da Rússia ocorreu por ocasião de sua visita canônica - como bispo vigário - ao principado da Sérvia, em Belgrado, 20/10/1869. Foi um encontro ilegal com o cônsul geral da Rússia, Nikolaj Šiškin. À pedido de Strossmayer, a conversa deveria ser mantida em segredo para que o fato não fosse vasado ao governo austríaco, nem aos homens do governo local: Milivoj Blaznavac, Jovan Ristić e Jovan Gavrilović.

³³NOVAK, Viktor. ***Štrosmajerovi pogledi i odnosi prema srpskoj crkvi i njenim predstavnicima.*** (A concepção de Strossmayer e as relações com a igreja sérvia e seus representantes). *Politika*, 4/02/1935. Apud Milutinović, ibidem, p.236

³⁴DAVIS, Horace B. ***Para uma teoria marxista do nacionalismo.*** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979, p.177

Desabafando a difícil condição imposta à Croácia sob o regime do ban Levin Rauh, Strossmayer disse a Šiškin que a política habsburga em relação à Sérvia é uma tática pífida, uma vez que os ministros da Austro-Hungria enganam toda a Europa ao prometer sua ajuda na junção da Bósnia-Herzegovina à Sérvia, desde que os eslavos-do-sul não se aproximem dos russos. Neste encontro, Strossmayer confidenciou a Šiškin: “Eu sei, por intermédio de muitos amigos da fronteira, que a administração da Vojna Krajina, há mais de um ano, tem a incumbência secreta de manter o exército austríaco preparado e alerta para entrar na Bósnia e Herzegovina, em vista da decadência do império turco. Estou convicto de que haverá uma revolução nacional nesta região.” (...) “Já que a massa popular da Sérvia e da Bósnia-Herzegovina não pode esperar nada dos turcos, nem a massa popular do Reino Triuno continua acreditando nas promessas da Áustria-Hungria, resta-nos esperar uma salvação por intermédio da Rússia, protetora do cristianismo e do eslavismo. Convém reaproximar os destinos traçados por nossos ancestrais fraternos, pois acreditamos que somente a Rússia pode resolver a tarefa de estabelecer a condição de existência da nação sul-eslava e intimidar todos os inimigos do eslavismo.”³⁵

O paneslavismo periférico decepcionado com o comedimento russo: O Estado iugoslavo só poderia ser concretizado com as forças dos próprios eslavos-do-sul

Quando Šiškin consultou, se poderia se encontrar com Strossmayer, a resposta do chanceler russo – príncipe Gorčakov - foi reservada: “O senhor pode vê-lo, mas não se comprometa a nenhum tipo de ajuda.”³⁶

³⁵ FREIDZON, V. I. *Hrvatski-ruski dodiri 1868–1870*. Historijski zbornik, (*Contatos croatas–russos, 1868–1870*). Coleção histórica, XXI–XXII, Zagrebe, 1968–1969, p.173. Apud Milutinović, ibidem, p.179

³⁶ Ibidem

Strossmayer reprovou a postura oficial do Estado russo por demais comedida, permitindo que a Alemanha - recém unificada – fortalecesse sua estratégia geopolítica nos Bálcãs. É o que expressa em carta ao secretário do príncipe Nikola, de Montenegro (Jovan Sundečić) 3/10/1885:

“Tenho a impressão de que a Rússia não se dá conta de sua tarefa. O povo russo é muito mais sábio do que seus governantes que fizeram o favor a Bismarck de facilitar a vitória deste sobre a Áustria e sobre a França. A Rússia não soube tirar proveito dos frutos colhidos desta guerra, mesmo com a incalculável perda de suas próprias vítimas. O Estado russo permitiu que Bismarck tomasse as decisões sobre como recompensar os esforços russos no Congresso de Berlin, que até hoje causa inquietações. Ao que parece, a Rússia devia estar com “as mãos e pés atados para se deixar levar de maneira tão tímida.”³⁷

Restou aos eslavos-do-sul contar com suas próprias forças. A França, derrotada contra a Prússia, não se intrometeria nos rumos do império habsburgo; A Prússia já avançava sua estrada de ferro nos Bálcãs. Por isso a Rússia preferiu ser cautelosa para não provocar contra si um bloco de inimigos (Turquia, Austro-Hungria, Prússia e Inglaterra), posto que estas potências poderiam muito bem articular uma ação conjunta para rechaçar qualquer intervenção russa alegando proteção aos eslavos periféricos, os quais provavelmente viriam a ser colonizados pelos próprios russos.

Referindo-se ao paneslavismo, Rosdolsky polemisa: “Se os eslavos do território austríaco flertaram ocasionalmente com o paneslavismo, não foi por julgar que o imperador russo fosse seu ‘protetor natural’, senão que se sentiam oprimidos nacional e socialmente, e queriam se desprender de suas classes senhoriais germânicas, húngaras e polonesas.”³⁸

³⁷VUKSAN, D. *Stara pisma. Štrosmajer–Sundečiću*. Zapisi. (*Cartas Antigas. De Strossmayer para Sundečić*. Registros), Cetinje, julho, 1935, p.34. Apud Milutinović, op. cit., p.190

³⁸ROSDOLSKY, Roman. *Friedrich Engels y el problema de los pueblos “sin historia”*, p.86

Em 1870, dois anos após a derrota de Napoleão III, Strossmayer chega a Viena e visita o embaixador russo Evgenij Novikov. Conversam sobre a situação internacional, expondo mais uma vez sua orientação russofílica. Preocupado com a agressividade da *Grande Alemanha*, Strossmayer tentava ganhar o apoio de Novikov para que a Rússia ajudasse a libertar os eslavos-do-sul: “No mundo germânico e no mundo latino existe uma conspiração contra o mundo eslavo.” Em sua nota diplomática, Novikov sintetizou assim a fala do bispo católico: “*Se Napoleão III tivesse derrotado a Prússia, França estenderia uma ofensiva contra a Rússia (...) Mas é a vencedora Prússia que poderá realizar tal investida (...) O rio Reno e o rio Danúbio serão transformados em rios germânicos (...) Resta aos eslavos-do-sul contar com o auxílio de seus pares eslavos. O sofrimento que recae sobre os eslavos-do-sul é, ao mesmo tempo, a ferida que recebe a Rússia, e que um dia vai sangrar.*”³⁹

Nos dias de hoje, realmente acabou se concretizando o fato da bacia do Danúbio ser interligada à bacia do rio Reno, beneficiando o comércio fluvial desde o mar Negro até o mar do Norte.

³⁹FREIDZON, V. I. *Hrvatski-ruski dodiri 1868–1870*. Historijski zbornik, (*Contatos croatas–russos, 1868–1870*). Coleção histórica, XXI–XXII, Zagrebe, 1968–1969, p.175. Apud Milutinović, ibidem, p.180

Nova tentativa russofílica com o telegrama de Kiev

Segundo pesquisa de Milutinović, ao final de julho de 1888, a Rússia comemorava 900 anos de cristianização, e organizou uma cerimônia em Kiev. Strossmayer enviou um telegrama ao reitor da Universidade de Kiev, 27/07/1888:

“É uma honra acompanhar a vossa celebração. Que São Vladimir proteja os russos, cujo heroísmo cristão conta com a graça de Deus, abençoando-os como missionários que nos conduzem à salvação.”

Este telegrama de Strossmayer foi bem recebido na Rússia. Vladimir Ivanović Lamanski⁴⁰ editou um artigo especial, no qual exalta a perspectiva de um acordo entre os eslavos.⁴¹

Por outro lado, o cardeal Rampol reprovou o telegrama enviado à Rússia, reforçando que também o papa não achou de bom tom. O texto do telegrama de Strossmayer foi publicado principalmente pela imprensa russa, e a partir daí os jornais de Viena traduziram e também o publicaram. O mesmo fez o jornal de Budapeste, *Nemzet*: “Diante daquilo que Strossmayer disse, nenhum governo o deixaria impune. Se ele se doa tanto aos russos, que se mude para Kiev, ou para a Sibéria. Aquele telegrama deixa crer que não estamos lidando com um patriota croata, nem com um prelado da igreja católica.”⁴² Outro jornal de Budapeste, o *Pesti Hirlap*, pressionou para que o bispo fosse excluído do episcopado, e expulso da monarquia habsburga.⁴³

Em um artigo especial, intitulado: ‘*Mentiras sobre a mística de Kiev*’, um articulista do jornal *Zastava* assim explica o que Strossmayer entendia pela sua máxima de que a Rússia estava imbuída de uma missão histórico- religiosa:

“Strossmayer deseja que a Rússia realize a sua missão de libertar os povos cristãos das garras da Turquia e abrir caminho para que a península balcânica seja dos povos cristãos.”⁴⁴

⁴⁰Vide glossário.

⁴¹ЛАМАНСКИЙ, В. И. Л. *Киевское приветствие епископа Штросмаера*. Известий. слав. благотв. общества, IX, 480–492. Apud Milutinović, op. cit., p. 183 -184

⁴²*Nemzet*, Budapest, 10/08/1888. Apud Milutinović, op. cit., p.184

⁴³*Pesti Hirlap*, 5/08/1888. Apud Milutinović, ibidem

⁴⁴*Zastava*, 7/08/1888. Apud Milutinović, ibidem., p.185

Um provinciano desestrutura o imperador Francisco José

Quando o imperador protocolou uma pomposa revista militar na cidade de Bjelovar, [Fortaleza Branca – tradução literal] na Slavônia, 12/9/1888, Francisco José fez questão da presença de Strossmayer. Compareceram muitos dignatários da monarquia e do estrangeiro, como é o caso do príncipe de Galis, que mais tarde se tornou rei, Eduardo VII. Strossmayer foi recepcionado calorosamente pela massa que gritava elogios pela sua oposição ao então ban Kuen– Hedervarije. No momento de receber as honras do clero, das forças armadas e da esfera política, o imperador discutiu com Strossmayer pela aproximação deste com os russos:

Imperador: *“O senhor devia estar doente ao enviar aquele telegrama para Kiev.”*

Strossmayer: *“Não, excelência. Eu enviei o telegrama com a mais plena consciência. Já me justifiquei com o Santo Padre. E quando me for permitido conversar com calma sobre isso com Vossa Excelência, espero satisfazer Vossas dúvidas.”*

Imperador: *“Foi um ato revolucionário. Em Kiev conspiraram contra a igreja católica. Alguns diplomatas russos até sugeriram uma oposição do governo russo em relação ao governo austríaco.”*

Strossmayer: *“Não, Excelência, não posso de maneira nenhuma concordar com isso.”*

Imperador: *“Mas eu posso provar isso ao senhor.”⁴⁵*

O arcebispo–cardeal de Zagrebe, Mihalović interrompeu a conversa, batendo com seu chapéu em Strossmayer para que este parasse de responder ao imperador. O diálogo em tom alto de ambas as partes possibilitou que jornalistas estrangeiros ouvissem e divulgassem seu conteúdo para os veículos de comunicação de toda a Europa. O ‘Daily News’ de Gladston (futuro primeiro ministro inglês) escreveu pelas mãos do próprio Gladston: “É compreensível que o imperador austríaco não goste do posicionamento político do bispo croata. O justo movimento iugoslavista liderado por Strossmayer prenuncia um sério perigo de uma iminente insurreição que arruinará o império austro–húngaro, resultando na unificação dos eslavos-do-sul.”⁴⁶

⁴⁵ Korespondencija Rački–Strossmayer, IV, p.21, 22. Apud Milutinović, op. cit., p.187. Esta conversa em Bjelovar foi em alemão. Aqui, Kosta Milutinović transcreve em sérvio, e passo ao português.

⁴⁶ NOVAK, V. *U raspravi: Biskup J. J. Strossmayer na medjunarodnoj sceni, život i škola*, (Ensaio sobre o bispo Strossmayer no cenário internacional, vida e escola), IV, nº 4–5, 1955. Apud Milutinović, op. cit., p. 188

Charles de Mazade foi mais ácido: “O imperador foi longe demais ao repreender um religioso popular com mais de 40 anos de influência⁴⁷ no clero, na política, nos meios de comunicação, que atua também como mecenas na educação e nas artes, costurando, enfim, todos os meios de formação ideológica. Possivelmente, o imperador quiz demonstrar a força do poder de Peste e de Viena, mas não conseguiu impressionar os eslavos, nem os desencorajou. Pelo contrário, após esta troca de farpas, os eslavos se sentiram mais fortalecidos e davam a impressão de perigosos.”⁴⁸ Desta forma, a imprensa passou a dar maior destaque à causa de Strossmayer, deixando a impressão de que a diplomacia russa tomaria providências, caso o grande pregador dos eslavos hermanados fosse punido. O jornal russo: *Novos Tempos*, por exemplo, criticou em primeira página as acusações da imprensa de Viena e de Peste que ostilizaram a simpatia que os eslavofilistas russos sentiam por Strossmayer e deixou no ar um presságio de péssimo desfecho na relação entre a Austro-Hungria e a Rússia.⁴⁹

A ocupação austríaca da Bósnia-Herzegovina

O futuro da Bósnia-Herzegovina foi motivo de discussão por toda uma década que antecedeu a ocupação dessa região pela Áustria. Os ortodoxos ansiavam que a Bósnia fosse incorporada ao principado sérvio e a Herzegovina ao principado montenegrino. Os eslavos muçulmanos preferiam que aí fosse concedida ampla autonomia interna sob a suserania de Istambul. Dentre os católicos, havia os que propagavam a anexação à Áustria, assim como havia os que assumiam uma posição iugoslavista, aliados aos ortodoxos. A Bósnia-Herzegovina fazia parte do império Otomano quando em 1875 explodiram inúmeras rebeliões no campo. O império austríaco, alegando ser capaz de resolver os problemas agrários dessa área, obteve, por meios diplomáticos no Congresso de Berlin (1878), mandato de ocupação militar nessa região.⁵⁰

⁴⁷ *Strossmayer tinha, então, 73 anos*

⁴⁸ *Revue de Deux Mondes*, 1/10/1888. Apud Milutinović, op. cit., p.189

⁴⁹ *Новое время*, 3/09/1888. [Novos Tempos, 3/10/1888.] Apud Milutinović, ibidem

⁵⁰ SLIPIČEVIĆ, Fuad. *Bosna i Hercegovina u doba austrougarske okupacije*. Ver também: MASLEŠA, Veselin *Istorija naroda*, II dio, 1964, p.202-15. Apud DORO, Norma Marinovic. *A imigração iugoslava no Brasil*. Tese de doutoramento, Departamento de História (Área de História Social) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987, p.53

Segundo o pensamento da croata Mirijana Gross, os muçulmanos tendiam a renovar o poder turco na Bósnia e Herzegovina por meio de reformas sob a égide dos turcos. A historiadora sustenta, ainda, que nos vinte anos após a ocupação austro-húngara, as circunstâncias da Bósnia e Herzegovina não eram favoráveis ao desenvolvimento das idéias nacionalistas croatas no contexto iugoslavista, alegando diferentes objetivos políticos da Sérvia e da Croácia, ambos batendo de frente com os ideais muçulmanos.⁵¹ Miriana Gross concebe nacionalismos diferentes entre a Sérvia e a Croácia, alegando que seus habitantes não possuíam uma unívoca consciência iugoslava postulada pelos pioneiros (croatas) da idéia iliriana do início do século XIX.

“A consciência de massa nacional dos croatas surgiu para ser desenvolvida apenas depois do estabelecimento da Iugoslávia, e contra o novo império - a alegada predominância sérvia dentro dele.”⁵²

Kosta Milutinović observa que os estrangeiros procuravam usar a diferença entre os eslavos para desestabilizar qualquer articulação entre as nacionalidades dessa região ocupada. Por isso mesmo, as forças de ocupação aprofundaram sistematicamente a oposição de interesses exclusivistas que segmentavam sérvios, croatas e muçulmanos. Não se pode esquecer, em contra partida, que a imprensa, as escolas e outros segmentos da sociedade, formadores da opinião pública, manifestavam-se pelo espírito de confraternização encarnado na máxima de Strossmayer : ‘*Brat je mio koje vere bio.*’ ”⁵³

⁵¹GROSS, Mirijana. *Hrvatska politika u Bosni i Hercegovini 1878–1914*. Historijski zbornik, XIX–XX, 1966–1967, p.11,12,17. Apud MILUTINOVIĆ, Kosta. *Štrosmajer i Jugoslovensko pitanje*, p.213

⁵²GROSS, Miriana. *On the Integration of the Croatian Nation: A Case Study in Nation Building*” (East European Quarterly, 15, 2/06/1981, p.224.) Apud HOBSBAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade*, Rio de Janeiro:Ed. Paz e Terra, 3ª ed., 1990, p.163

⁵³“É meu irmão querido, qualquer que seja sua religião.” Jornal Branik, 5/02/1905. Apud Milutinović, op. cit., p.256

Diferentemente do ponto de vista de Mirijana Gross, é possível constatar um direcionamento iugoslavista antes da Primeira Guerra Mundial por todas as evidências mencionadas aqui, inclusive, dados historiográficos publicados no jornal da época, o *“Branik”* de Novi Sad, dirigido pelo já referido ativista sérvio - Desančić que descreveu a contribuição financeira do croata Strossmayer, como donativo, aos sérvios e montenegrinos: “... para a gráfica de Cetinje (Montenegro) 6.000 forintes; para os feridos montenegrinos e às crianças dos pais que morreram em combate contra os turcos e búlgaros 3.000 forintes; para o monumento a Vuk Karadžić em Belgrado 2.000 forintes; para a Matica Sérvia em Novi Sad 2.000 forintes; para a Associação Estudantil em Belgrado 1.000 forintes; ao Hospital de Belgrado 1.000 forintes; Aos pobres de Belgrado 1.000 forintes; para a Igreja Ortodoxa Sérvia em Zagrebe 400 forintes; à Biblioteca Nacional de Stari Bečej 200 forintes.”⁵⁴ Além disso, Strossmayer, com seus recursos, possibilitou a edição de algumas seleções dos poemas de Jovan Sundečić; poemas do povo macedônio dos irmãos Miladinov, e outros. Essas evidências se somam a outros indícios que contrariam a fala dos inimigos do bispo que o acusaram de visar exclusivamente os interesses dos croatas.

⁵⁴Branik, 14/04/1905. Apud Milutinović, op. cit., p.256

O programa do general Von Wagner lança a Croácia numa missão territorialista austro-húngara na Bósnia-Herzegovina via catolicismo dos franciscanos e jesuítas.

O general Ivan von Wagner era um oficial da cúpula militar austríaca, usado pelas classes dominantes de Viena não apenas para executar as tarefas militares, mas também para cumprir missão diplomática. Como comandante militar da cidade fronteiriça de Zemun, nas proximidades de Belgrado, Wagner concentrava em suas mãos todo o serviço de informação austríaco. Assim, enviou seus agentes secretos à Sérvia e a outras regiões balcânicas. Ao ganhar experiência em Zemun, e valendo-se da confiança que o barão Baist (chefe de Estado austríaco) lhe depositava, Wagner foi promovido ao cargo de governador imperial da Dalmácia com sede em Zadar, pela sua localização estratégica, para estreitar o assédio à Bósnia e Herzegovina. Em Zadar, Wagner tratou de assuntos políticos não apenas com Mate Mrazović, mas também com Antonije Orešković, que já havia servido como consultor ao príncipe sérvio Mihailo, e buscava oportunidade para se reintroduzir na política.⁵⁵

Wagner redigiu um programa a pedido de Mrazović e o relatou ao ministro austríaco Baist, ao ban Kuen Hedervari, e também ao ministro húngaro Andrassy, antes de entregá-lo à *Comissão de Propaganda Iugoslavista* formada em Zagrebe. Segundo pesquisas de V. J. Vučković, neste programa consta o seguinte:

“O destino da Croácia não se desatará dos grilhões enquanto não se resolver a posse das províncias turco-eslavas.”⁵⁶ A associação destas com a Croácia precisa ser a meta de cada filho croata. Isso se sustenta no interesse estatal que os patriotas tendem a honrar.”⁵⁷

O programa de Wagner exigia que Strossmayer presidisse uma comissão propagandista do catolicismo romano na Bósnia. No entanto, Strossmayer percebeu a intenção oculta nessa articulação que favorecia a Austro-Hungria e o Vaticano. Rechaçou o convite para não servir-lhes de marionete com a seguinte posição: “Nós somos da opinião de que seria melhor morrer do que nos desentendermos com os sérvios por causa de um pedaço de terra. Visamos o entendimento e a unificação de nossos povos.”⁵⁸

⁵⁵VUČKOVIĆ, V. J. *Politička Akcija Srbije*, p.409. Apud Milutinović, ibidem, p.200

⁵⁶ Bósnia e Herzegovina.

⁵⁷VUČKOVIĆ, V. J. *Ristić, Strossmayer i Vagnerova afera: Jugoslovenska revija za međunarodno pravo*, sv.1, 1955, p.24–48. Ver também: MILUTINOVIĆ, Kosta. *Bokeljski ustanak i Vagnerova afera*. Istorijski zapisi, nº. 1–2, 1958, p.17–64. Apud MILUTINOVIĆ, Kosta. *Štrosmajer i Jugoslovensko pitanje*, p.200

⁵⁸VUČKOVIĆ, V. J. *Ristić, Strossmayer i Vagnerova afera: Jugoslovenska revija za međunarodno pravo*, caderno.1, 1955, p.42. Apud MILUTINOVIĆ, Kosta. *Štrosmajer i Jugoslovensko pitanje*, p.201

4.4 - Fim do absolutismo turco e austro-húngaro nos Bálcãs

Primeira revolta armada na Herzegovina, em 1875, reforça a consciência do iugoslavismo.

“O professor inglês Seton Watson, considerado, no início do século XX, o melhor especialista britânico na Europa Oriental, afirmou que a Croácia, a Eslovênia, a Dalmácia e a Bósnia–Herzegovina foram uma espécie de prêmio concedido pelos aliados à Sérvia, uma das principais vítimas na 1ª Guerra Mundial.”⁵⁹

Nicholas Spykman (1893 – 1943), professor da universidade de Yale, afirmava que a ordem internacional é garantida por um grupo seleto de grandes potências. Em primeiro lugar, porque Inglaterra e França excluíram a pretensão territorial dos germânicos, turcos e russos sobre os Bálcãs; Segundo, porque as potências industrializadas teriam a necessidade de escoar seus produtos industrializados. Daí ser-lhes conveniente a criação de novos países que servissem como mercados livres, reforçando a supremacia econômica e, conseqüentemente, elevando o investimento militar dos Estados mais poderosos, qualificados como ‘mais soberanos’ que os Estados menores – dependentes da vontade alheia.⁶⁰

Este estudo, entretanto, vem pontuando, num primeiro momento, o processo de amadurecimento de uma identidade de luta pela sobrevivência nacional dos eslavos-do-sul nos séculos XIX e XX, sem que estes recebessem um consistente auxílio proveniente da Rússia, França, Inglaterra, ou Prússia. Tanto que estas não se pronunciavam de maneira uníssona face à revolta da Herzegovina em 1875. A Gran Bretanha, sob o comando do conservador Dizraeli, temendo o paneslavismo, mantinha uma política turcofílica, mesmo com o derramamento de sangue na Bulgária, quando os turcos em poucos dias mataram mais de 12.000 búlgaros, fato que causou indignação na opinião pública internacional.⁶¹

⁵⁹ SILVA, Moacir Nunes e. *“Da Balcanização à Balcanização.”* São Paulo, Departamento de Geografia Humana da Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 2005

⁶⁰ MELLO, Leonel Itaussu A. *Quem tem medo da geopolítica ?*, São Paulo, 1999. Ed. Hucitec / Edusp, p.96

⁶¹ GLADSTON, William. *The Bulgarian Horrors in the Question of the East*. Apud Milutinović, op. cit., p.219

Se fosse realmente determinante a influência externa para satisfazer um 'zoneamento tampão', teria sido concedido o status de Estado-nação não apenas a uma nacionalidade com a função de 'amortecedor', senão que a vários Estados menores, como hoje são a Croácia, a Sérvia e demais eslavos-do-sul, fato que não aconteceu ao final do século XIX porque os eslavos-do-sul já formavam uma identidade de luta com espírito de união pela independência como causa comum.

Nos anos 90, sim, face a uma conjuntura diversa de fatores, presenciemos a influência externa. Dentre tais fatores, consideramos o assédio da União Européia e dos Estados Unidos em difundir o capitalismo no Leste europeu. Até porque os iugoslavos como um todo, mesmo durante o socialismo, já vinham praticando, diante de suas possibilidades, alguma atividade capitalista paralela. Logo, em havendo um blebiscito para adotar o sistema capitalista após a morte de Tito, toda a Iugoslávia aceitaria a mudança de sistema, como de fato acabou acontecendo em 1991. Os dirigentes sérvios, logicamente, coíbiam manifestações de oposição ao Estado para não perder o controle sobre o sistema político-econômico do qual se beneficiavam, tendo em vista, por exemplo, a legislação que garantia um percentual de renda oriunda das repúblicas mais ricas (Eslovênia e Croácia) destinada ao desenvolvimento das regiões mais pobres, para onde as verbas não chegavam satisfatoriamente, devido à corrupção e desvios por interceptação da sede governamental em nível federal- Belgrado.

Mas na conjuntura do final do século XIX, em que todo território anexado era bem vindo a qualquer país, os eslavos-do-sul, mesmo sem contar com a força externa, não hesitaram em tomar a iniciativa armada. Quando estoura a primeira revolta armada ao redor de Nevesinje (Herzegovina– próximo a Mostar) 9/08/1875, Strossmayer informa ao professor universitário Izidoro Kršnjavi, do *Partido Nacional Croata*:

“A Revolta da Herzegovina é mais séria do que pensei no início. Os eslavos se conscientizam da tarefa providencial que nos cabe de liquidar com o ruído turco que atormenta a Europa. A matança em Herzegovina já é o anúncio do fim dos turcos na Europa em um prazo de 10 a 20 anos. Isto é seguro. Por enquanto, depende da Sérvia e Montenegro imporem uma diplomacia mais ousada.”⁶²

⁶²NOVAK, Viktor. *Strossmayer i Rački na početku i kraju hercegovačkog i bosanskog ustanka*. (Strossmayer e Rački no início e fim da revolta da Bósnia e da Herzegovina). *Politika*, 10/07/1933. Apud Milutinović, ibidem, p.201

Em 27/08/1875, os revoltosos da Herzegovina buscavam abrigo atravessando as fronteiras rumo a Zadar, Knin⁶³, Split e Dubrovnik. Os principais organizadores desta ação foram Mihovil Klaić, Lovro Monti, Jovo Skobla e Pero Cingrija. O bispo de Đakovo enviou mil forintos destinados aos refugiados. Rački informou ao bispo:

“Todo dinheiro arrecadado é gasto em armamento. (...) Alguns oficiais da fronteira militar⁶⁴ se dirigiram aos territórios de conflito. Se Sérvia e Montenegro entrarem nessa briga, os iugoslavistas da Croácia não poderão ficar de fora. Inclusive, já há voluntários para lutarem junto aos revoltosos. Se a Turquia não conseguir abafar esta revolta, um pequeno Estado soberano será criado. Esta é a formulação mais previsível para o desfecho da questão do Leste, sem que as nações vizinhas saquem proveito da situação. No final das contas, seria o melhor resultado para os eslavos-do-sul até agora.”⁶⁵

A cobiça de sérvios e croatas pela Bósnia-Herzegovina foi retomada no início dos anos 90, quando a Bósnia manifestou seu desligamento. Sérvios e croatas trataram de se apropriar do espaço habitado por suas respectivas nacionalidades, alegando que na Bósnia-Herzegovina – historicamente povoada por sérvios e croatas - não existia etnia bosníaca. Esta república é o único caso europeu de nacionalidade fundamentada na religião. Quando inquiridos sobre sua nacionalidade, os muçulmanos da Bósnia respondem: “Sou muçulmano.”

As notícias sobre o apoio moral e material aos revoltosos logo chegaram até o mitropolit⁶⁶ de Belgrado, Mihailo Dimitrijević, quem formou um comitê com a colaboração de sérvios e croatas para auxiliar a revolta popular nacionalista na Bósnia e Herzegovina. O mitropolit convidou Strossmayer a fazer parte do comitê, 20/5/1875, reprovando a omissão das potências cristãs, as quais compactuavam um equilíbrio de influências: “Sei que o senhor sofre com a desgraça do nosso povo da pobre Bósnia e Herzegovina. É vergonhoso e um grande pecado que a Europa mantenha, em seu próprio território, outro povo cristão submetido aos tratos desumanos dos otomanos.”⁶⁷

⁶³ 12% da população (6.000 sérvios) habitam Knin – centro da Krajina.

⁶⁴ Vojna Krajina.

⁶⁵ *Korespondencija Rački–Strossmayer, I, p.373. Apud Milutinović, op. cit., p.201*

⁶⁶ Mitropolit na hierarquia da igreja ortodoxa equivale ao arcebispo da igreja católica

⁶⁷ STOJANOVIĆ, M. D. *The Great Powers and the Balkans 1875–1878*. Cambridge 1939, p.92.

Strossmayer aceitou o convite de Mihailo. Com a jurisdição católica sob seu controle na Bósnia e Herzegovina, ele exerceu forte influência nos franciscanos da região para que estes não se orientassem contra os sérvios e montenegrinos. Assim, boa parte do clero católico passou a impelir a pretensão da Áustria sobre a Bósnia e Herzegovina diante do conflito armado enfrentado pelos turcos.⁶⁸

Bem antes deste estado de ânimo fervilhar, em 1854, por iniciativa de Strossmayer foi fundada a Associação dos jovens da Bósnia.⁶⁹ Os jovens estudavam no seminário de Strossmayer em Đakovo com sua própria biblioteca, que gratuitamente recebia todas as edições da Academia Sul-eslava do Conhecimento e Arte, e da Matica Croata.

Ethnic Majorities in Bosnia and Herzegovina by Optina, 1991 census. Fonte: lib.utexas.edu

⁶⁸ GAVRANOVIĆ, B. *Uspostava redovite catoličke hijerarhije u Bosni i Hercegovini, 1881. godine*. Beograd 1935, p.38. Apud Milutinović, op. cit., p.203

⁶⁹ Mlada Bosna: organização estudantil de cunho separatista em relação ao domínio habsburgo, da qual foi membro ativo, quando jovem, o professor de história da Universidade de Sarajevo- Milorad Ekmečić, autor de *A Revolta na Bósnia, 1875 – 1878*. Sarajevo, 1960. A Mlada Bosna veio a assassinar o príncipe herdeiro do trono austro-húngaro, o arqueduke Francisco Ferdinando, em 1914, pelas mãos do estudante sérvio, Gavrilo Princ.

Aos olhos da historiografia mais recente, Hamdija Kapidžić buscou explicar as causas da mudança de posicionamento das classes dominantes de Viena e Peste em relação aos franciscanos da Bósnia:

“Os franciscanos seguiam a política do *Partido Nacional Croata*. Desde então, os franciscanos caíram em descrédito junto aos húngaros, junto ao palácio de Viena e junto à cúpula católica, provocando a mudança da preponderância hierárquica de tal ordenação eclesiástica, substituída pela ordem jesuíta, que seguramente passaria a apoiar a missão da Austro-Hungria na Bósnia e Herzegovina e em toda a península balcânica.”⁷⁰

O conde húngaro, Julius Andrássy, tentou persuadir o clero por dois caminhos: através do Vaticano e do consulado austro-húngaro.⁷¹ O líder dos franciscanos na Bósnia, Grg Martić, foi convencido a colaborar com os interesses austríacos. Miho Klaić escreveu a Rački, 6/08/1876, sobre a intenção austríaca de criar na Bósnia um partido entre os católicos para facilitar a ocupação: “Peço que o senhor encoraje os franciscanos em prol da luta armada.”⁷²

9/07/1876, Martin Nedić – um dos mais destacados franciscanos da Bósnia do círculo de Strossmayer – já havia reportado a insatisfação da maioria dos franciscanos ao próprio líder - Grg Martić:

“Você assinou uma espécie de protesto contra a possibilidade de anexação da Bósnia à Sérvia, alegando razões culturais e religiosas para não prejudicar os católicos da Bósnia. Também expressou o desejo fervoroso dos católicos da Bósnia a serem administrados por austro-húngaros.”⁷³

⁷⁰ KAPIDŽIĆ, Hamdija. *Hercegovački ustanak. (A revolta da Herzegovina)*, 1882, p.74. Apud Milutinović, op. cit., p.212

⁷¹ contando com as confidências do cônsul geral Svetozar Teodorović e do vice- cônsul Josef Valdhart, cf. ČUBRILLOVIĆ, V. *Bosanski ustanak 1875–1878*. Beograd, 1930, p.214–217. Ver também: EKMEČIĆ, Milorad. *Ustanak u Bosni 1875–1878*. Sarajevo 1960, 244,245. Apud Milutinović, op. cit., p.203

⁷² MACAN, T. *Iz korespondencije Miha Klaića*. Historijski zbornik, XXI–XXII, 1968–1969, p.490. Apud Milutinović, op. cit., p.204

⁷³ DRLJIĆ, Radislav. *Prvi ilir Bosne fra Martin Nedić (1810–1895)*, Sarajevo, 1940. & *Martićeve zaostavština u franjevačkom samostanu u Kruševu*. Prilog br. XVII, 184. (DRLJIĆ, R. *O primeiro ilírio da Bósnia – frei Martin Nedić (1810–1895)*, Sarajevo, 1940. & (do mesmo autor: *Memorial de Martić no mosteiro franciscano de Krušev*. Anexo nº XVII, p.184. Apud MILUTINOVIĆ, Kosta. *Štrosmajer i Jugoslovensko pitanje*, p.206

Grg Martić, muito além disso, passou informações aos austro-húngaros, relatando a organização de uma resistência dos muçulmanos da Bósnia contra o ingresso das tropas austríacas em seu espaço. Dentre os organizadores deste levante armado, havia pessoas estreitamente ligadas a Strossmayer. Um deles era Hadži- Hatif Adžagić da cidade de Bosanski Brod [cujo significado literal é: Barco Bosníaco]. Nas palavras de Martić:

“Quando este homem se casou, Strossmayer foi pessoalmente ao matrimônio. O bispo frequentemente visitava a pequena cidade. Adžagić incitava a população local a se rebelar. Ele primeiramente anunciou, ao comando rebelde, que em poucos dias o exército austro-húngaro entraria na Bósnia. Após isso, ele buscou ajuda na luta contra o invasor.”⁷⁴

Rapidamente, a Austro- Hungria pois em prática a ocupação da Bósnia. Rački comenta o fato ao Strossmayer: “Na Bósnia, tudo caminha de mal a pior. O senhor já deve ter lido a ordem de oficializar a língua alemã na região ocupada.”⁷⁵

Terminados longos acordos entre Viena e o Vaticano, assinou-se um regimento da autoridade eclesiástica na Bósnia e Herzegovina, 8/06/1881, pelo qual o imperador austríaco recebeu o direito de, a partir de então, nomear os arcebispos e os bispos desse território ocupado. Para primeiro arcebispo da Bósnia, com sede em Sarajevo, foi posto Josip Stadler, professor de teologia em Zagrebe.⁷⁶

⁷⁴MARITIĆ, Grg. **Zapamčenja**. (*Memórias*), p.250. Apud Milutinović, op. cit., p.207

⁷⁵Korespondencija Racki–Strossmayer, II, p.396. Apud Milutinović, ibidem, p.211

⁷⁶KAPIDŽIĆ, Hamdija. **Hercegovački ustanak** (Revolta herzegovina), 1882, p.74. Apud Milutinović, ibidem, p.213

É revelador o testemunho sobre os jesuítas e sobre os franciscanos na Bósnia, dado pelo general Moritz von Auenberg - comandante da 15ª corporação em Sarajevo, mais tarde, ministro da guerra – em um de seus relatórios, escrito sob pedido do arqueduke Francisco Ferdinando:

“É opinião geral aqui que os jesuítas relatem a Roma todos os acontecimentos locais. O arcebispo Stadler se encontra vigiado por eles e deve fazer tudo o que eles querem. Aqui os jesuítas são os maiores inimigos dos franciscanos liberais, os quais estão mais engajados com o povo e sabiam respeitar as demais ordens religiosas. Certa vez, o arcebispo Stadler solicitou que a cúria em Roma expulsasse os franciscanos das paróquias e os confinasse em mosteiros, alegando que ele tinha meios suficientes para assegurar o sustento deles. Nessa época, os bispos franciscanos: Bukonjic, em Mostar, e Marković, em Banjaluka, juntamente com a maioria dos franciscanos, tornaram-se opositores de Stadler. Culparam os jesuítas pela perda dos franciscanos ao direito de escolher seus superiores no acordo entre Viena e o Vaticano.”⁷⁷

Nessa tensão entre Stadler e os franciscanos da Bósnia, Strossmayer estendeu apoio moral e material aos franciscanos e auxiliou na elaboração e publicação de seus jornais e revistas, os quais levantavam protestos ante aquela situação.⁷⁸

⁷⁷ DEDIJER, V. **Sarajevo 1914**. Beograd, 1966, p.336, 337. Apud Milutinović, op. cit., p.213

⁷⁸ *Glas Hercegovca. Novi Hercegovački Bosiljak*. (A Voz do Herzegovino. **Novo Basílico da Herzegovina**), ANEXO 6 – *POLÍTICA*. Apud Milutinović, ibidem

O paneslavismo periférico diferenciado do paneslavismo russo.

De todos os estadistas britânicos, o mais estimado entre os eslavos-do-sul foi William Gladston (1809–1898). Seus discursos no parlamento contra a exploração escravista dos eslavos sensibilizou a opinião pública dentro e fora da Grã Bretanha. Gladston se interessou pela questão do Leste já em 1862, quando o bombardeio de Belgrado pelos turcos repercutiu em toda a Europa. Na Sérvia, o *Partido Liberal*, que fazia oposição ao regime do príncipe Mihailo, encaminhou a Londres um de seus líderes, Vladimir Jovanović, o qual, entre outras obras, publicou o livro: *The Serbian and the Eastern Question* (London, 1863) e estabeleceu contato com Gladston. O filho de Vladimir, Slobodan Jovanović escreveu:

“Gladston expressava seu desejo pela libertação dos povos balcânicos em relação ao império turco, mas ao mesmo tempo duvidava que os povos balcânicos alcançassem tal feito, a menos que o fizessem de forma integrada. Era um estadista convicto de que havia a necessidade de uma união entre os gregos e os eslavos, e recomendava que os sérvios organizassem uma guerrilha de voluntários para ajudar o movimento de libertação dos gregos, sem transparecer a participação dos dirigentes sérvios, pois isso poderia levantar suspeitas quanto à posição dos russos por detrás disso. As grandes potências não aceitariam que um território turco caísse em mãos dos russos.”⁷⁹

⁷⁹ JOVANOVIĆ, Slobodan. *Gladston*, Beograd, 1939, p.43,44. Apud Milutinović, op. cit., p.218

Gladston se correspondeu com Strossmayer quando a crise do Leste novamente foi posta em pauta por toda a Europa, em 1876. O intermediário entre Gladston e Strossmayer foi o Lorde Acton. Em outubro de 1876, Strossmayer escreveu ao Gladston :

“O Al Coorão não dá conta de dirigir os povos cristãos. Ele existe enquanto mandamento de Deus para levar o Islã à vitória sobre os cristãos. Caso não se dê a conversão, estes são privados de direitos políticos e submetidos à escravidão. Entre a escravidão perpetrada pelo Al Coorão e todos os demais tipos de escravidão, existe uma diferença crucial: os outros tipos são consequência de pecados comuns originários de má índole, paixões, vícios, ou seja, razões que independem da vontade de Deus, enquanto que a escravidão pregada pelo Al Coorão se remete a uma sanção do próprio Deus, e em consequência disso, deve ser eterno e imutável. Visto isso, as promessas dos turcos de conceder reformas não podem ser sinceras. Esses asiáticos contam com uma espécie de polícia (Landwehr) para barrar os cristãos⁸⁰ de qualquer influência européia e de qualquer recomendação por reformas.”⁸¹

Seton-Watson não conheceu Strossmayer pessoalmente, mas pesquisou suas preciosas correspondências com Gladston, e assim resumiu o papel político-cultural do bispo:

“É raro alguém ser chamado ‘o primeiro filho da nação’. Strossmayer pertencia ao círculo de católicos progressistas, mas o conservadorismo dos católicos ultramontanos⁸² representava o poder eclesiástico para derrotar o bispo de Đakovo em sua tentativa de moralizar a igreja. (...) O conhecido estadista italiano, Marco Mingetti, disse a um escritor belga, Emile de Lavele: ‘*Conheço quase todas as pessoas que marcaram esta época. Há duas personalidades que pertencem a uma categoria diferenciada: Bismarck e Strossmayer*’.”⁸³

⁸⁰Em território turco.

⁸¹SETON-WATSON, R.W. *Die Südslavische Frage im Habsburger Reiche*. Berlin, 1913, p.591. As cartas de Strossmayer foram escritas em alemão. Apud Milutinović, op. cit., p.219

⁸²do alto clero que compartilhava os interesses dos mandatários absolutistas.

⁸³Ibidem, p.267

Na correspondência de 15/12/1876, Gladston retoma a questão da libertação dos balcânicos do jugo feudal turco:

“Quando os turcos forem expulsos, conquistar-se-á a autonomia, ou administração provisória. Mas vislumbro o terrível interesse da Rússia tirar proveito disso. Mesmo assim, podemos esperar que quase toda a Europa queira se desvencilhar desta situação insustentável.”⁸⁴

Nossa leitura a respeito de “se desvencilhar desta situação” é de que havia um esforço no sentido de eliminar o domínio turco nos Bálcãs, mas não que isso necessariamente implicasse auxílio direto aos objetivos dos eslavos-do-sul. A estrada-de-ferro que os húngaros queriam construir até Rijeka teve o apoio do partido conservador inglês que seguia os ditames de Disraeli, provavelmente em razão do temor que os ingleses tinham do paneslavismo. O contemporâneo estrategista da marinha inglesa, Halford Mackinder, elaborou toda uma teoria para expressar a competição espacial que havia entre Rússia e Inglaterra.⁸⁵

Para Rosdolsky, qualquer movimento de independência dos eslavos-do-sul ameaçaria cortar a pretensão da Alemanha sobre o mar Adriático. Estes eslavos poderiam servir de calçado para o tzarismo russo ter acesso à Europa central. Engels escreveu no *N.Y. Tribune*: “Tanto Hungria como Alemanha lutavam contra os mesmos inimigos, ou seja, contra o governo austríaco e contra o fanatismo paneslavista.”⁸⁶

Rosdolsky expõe o parecer de Engels quanto ao caráter do paneslavismo:

“Servir exclusivamente ao ímpeto expansivo do império tzarista, e estar dirigido não somente à destruição da Hungria, que brigava duro com os eslavos meridionais, mas também à destruição do domínio da própria Áustria. Desta maneira o tzarismo russo, com a ajuda de seus satélites eslavos, avançaria até o Danúbio e Moldávia, e se converteria em amo irrestrito da Europa Central. Mediante tal possibilidade, os eslavos deveriam ser considerados não apenas inimigos dos húngaros, mas também inimigos da Alemanha.”⁸⁷

⁸⁴ Ibidem, p.222

⁸⁵ Ver Glossário em notas complementares.

⁸⁶ **Revolução e Contra-revolução na Alemanha, em Marx-Engels.** Obras escolhidas. Moscou: Progresso, 1973, p.350. Apud ROSDOLSKY, R. *Friedrich Engels y el problema de los pueblos “sin historia”*, p.16

⁸⁷ ROSDOLSKY, Roman, op. cit., p.40, 41

Ao contrário desta idéia de paneslavismo girando em torno dos russos, o mesmo Rosdolsky apresenta outra citação de Engels, ressaltando uma influência periférica do paneslavismo, o que denota uma contradição de Engels: “O paneslavismo [explica Engels, em 1852] é um movimento ridículo e anti- histórico. (...) O paneslavismo não surgiu na Rússia, nem na Polônia, senão que em Praga e em Agram. O paneslavismo é a aliança de todas as pequenas nações do império austríaco e do império turco em luta contra os austríacos, alemães, húngaros e turcos.”⁸⁸

Rosa Luxemburgo dizia que Engels se equivocava ao acreditar que a ideologia paneslavista não havia surgido na Rússia.⁸⁹ Para Rosdolsky, o que Rosa Luxemburgo diz é correto, mas apenas se o paneslavismo for encarado como uma ideologia que prega o imperialismo russo, que lhe parece uma visão estreita, alegando que o progenitor da doutrina paneslavista não foi apenas Pogodin, mas também Jan Kollar e Ljudevit Gaj.⁹⁰

Benedict Anderson lembra que o conde Sergei Uvarov, num relatório oficial de 1832, propôs que o reino russo se apoiasse em três princípios: autocracia, ortodoxia e nacionalidade. À época, metade da “nação” ainda era composta de servos, e mais da metade não tinha o russo como língua materna. Foi apenas sob o reinado de Alexandre III (1881–94) que a russificação se tornou uma política dinástica oficial: muito depois do surgimento do nacionalismo ucraniano, finlandês, leto e outros dentro do império.⁹¹

⁸⁸ **Revolução e Contra-revolução na Alemanha, em Marx-Engels**, p.349. Apud Rosdolsky, *ibidem*, p.110

⁸⁹ Rosa Luxemburgo, **O cancan da contra-revolução, em Przegląd Socialdemokratyczny**, 1908, p.282. Apud Rosdolsky, *ibidem*, p. 163,164

⁹⁰ Ver Glossário em notas complementares.

⁹¹ ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**, p.132.

A Guerra dos Bálcãs de 1877–1878: A Rússia sofreu resistência dos turcos, e os sérvios novamente mostraram-se aguerridos para dominar seu espaço mais tradicional - Kosovo.

Durante a guerra dos Bálcãs (1877–1878), uma forte resistência turca à penetração russa preocupou Strossmayer que, 3/09/1877, informa ao Gladston: “Ninguém imaginava que os turcos, com tanta coragem, iriam se defender. Persistem sendo uma horda selvagem ... imaginam que podem permanecer verdugos dos povos cristãos.”⁹² Mesmo que não aprovasse a postura do Estado imperial russo, Strossmayer desejou que os russos vencessem os turcos neste conflito armado, esperando que a vitória russa trouxesse a independência dos eslavos-do-sul.

Ao fim da guerra entre a Rússia e a Turquia, Strossmayer remete outra correspondência ao Gladston, 13/02/1878: “Com relação aos sérvios, seria cabível que eles tivessem o controle territorial de toda a antiga Sérvia. Eu não sei até onde eles penetraram vencedores de arma em punho, mas tenho certeza de que os sérvios irão se acalmar e não terão motivos para mais revoltas, caso se lhes concedam a cidade de Priština no sul, Peć no oeste, e Prizren mais ao sul.”⁹³ Cada uma destas cidades significa para os sérvios um monumento precioso e iluminado. Nenhum povo no mundo esquece suas glórias materializadas. Todo sérvio carrega isso em seu coração e na sua oralidade através das consagradas canções nacionais. Na psicose atual fica difícil imaginar a paz duradoura se tais lugares continuarem em poder dos turcos.”⁹⁴

Ao mencionar o caráter guerreiro do povo sérvio, Strossmayer escreve ainda: “Os sérvios são um povo guerreiro e muito ativo. Em razão de suas vítimas, será justo que a autonomia da Bósnia seja colocada sob a guarda dos sérvios. (...) A Gran Bretanha e a Rússia têm uma grande missão. Por isso precisam viver em paz. Deus colocou a Gran Bretanha na Europa, mas de forma não conectada, totalmente separada das míseras litigações. E é por isso que ela tem um papel de intermediador em todos estes impasses.”⁹⁵

⁹² SETON-WATSON, R. W. *Die Südslavische Frage im Habsburger Reiche*. Berlin, 1913, p.612. Apud MILUTINOVIĆ, Kosta. *Štrosmajer i Jugoslovensko pitanje*, p.223.

⁹³ Localidades de Kosovo

⁹⁴ SETON-WATSON, R. W. *Die Südslavische Frage im Habsburger Reiche*. Berlin, 1913, p.616. Apud Milutinović, op. cit., p. 224

⁹⁵ SETON-WATSON, R. W. *Die Südslavische Frage im Habsburger Reiche*. Berlin, 1913, p.595. (As cartas de Strossmayer foram escritas em alemão, e as de Gladston, em francês) Apud Milutinović, ibidem, p. 220

5 - FORMAÇÃO DO ESTADO- NAÇÃO IUGOSLAVO

Tratado de Paz de Santo Estéfano: Inglaterra apóia a Hungria contra os interesses eslavos.

No tratado de paz de Santo Estéfano (padroeiro da Hungria), 3/03/1878, os sérvios perdem espaço com a criação da ‘Grande Bulgária’. Tal acordo favoreceu os búlgaros, os gregos e os húngaros. Strossmayer se queixou ao Gladston criticando a conduta política do ministro inglês das relações exteriores, Lorde Solsberi:

“Antes e durante a guerra, a Inglaterra poderia atuar em comum com a Rússia sem egoísmos de ambas as partes. Ao invés disso, a Inglaterra se une aos húngaros, que não conhecem outra política senão o ódio em relação aos eslavos. ‘*Os eslavos são um assunto estranho*’ (palavras do novo ministro das relações exteriores que convergem com o espírito de cada húngaro fanático, principalmente da boca do conde Julius Andrássy. Até os gregos subjagam os eslavos. E isso ocorre com a anuência do vosso ministro, simpatizante do movimento panhelênico, que desde os tempos de Baïron¹ envolveu a opinião pública britânica.)”²

A política turcofílica dos britânicos, como o primeiro ministro Disraeli, é compreensível, tomando-se as considerações de Halford Mackinder, pela rivalidade do imperialismo inglês em relação ao império russo, diante da possibilidade dos russos centralizarem o paneslavismo com a finalidade de alcançarem os ‘mares abertos’, também denominados de ‘mares quentes’. Tal teorização de Mackinder serve como advertência, diante da possibilidade do poder expansionista russo tornar-se insuperável, caso passe a controlar também os mares.

¹ Lord Baïron : escritor do romantismo britânico (século XIX) que viveu na Grécia, e inspirou o nacionalismo grego enaltecendo os valores da época clássica helênica.

² SETON-WATSON, R. W. *Die Südslavische Frage im Habsburger Reiche*. Berlin, 1913, p.595. (As cartas de Strossmayer foram escritas em alemão, e as de Gladston, em francês) Apud Milutinović, op. cit., p.225

O Congresso de Berlin não reconhece a autonomia croata e concede a administração da Bósnia aos habsburgos

Strossmayer lamentou a ocupação do general Filipović no comando do exército austríaco. O bispo não aceitou as determinações do Congresso de Berlin, e criticou a postura do Vaticano em uma de suas cartas a Rački, 27/09/1878: “Ainda que a Santa Igreja não aprove minhas convicções, vou dizer a verdade: A mesma fatalidade que pode comprometer a ordem política pode, também, implodir a própria organização social interna. Resta saber se a Santa Casa poderá superar tanta contradição. Não vejo sustentação para isso.”³

Vejamos outra decepção com a política externa, de 1879:

“Agora que Andrassy se tornou senhor daquele território, não só não aceita falar sobre qualquer concessão agrária, como não reconhece que a situação dos eslavos está pior sob o mando húngaro do que antes - sob os turcos.” Assim, o bispo refletia a psicologia social nos primórdios da nação iugoslava, sem contar com qualquer intervenção externa para resistir ao abuso imperial. O Congresso de Berlin, em 1878, havia reconhecido a autonomia da nação sérvia e da nação montenegrina em relação aos turcos, mas reiterou a subordinação da Croácia, Eslovênia e Bosnia-Herzegovina em relação ao império Austro-húngaro.

Menos mal que, enquanto os conservadores pendiam a favor dos austríacos, Gladston passou cada vez mais a se opor à Áustria e à Turquia. Em uma convenção, ele pronunciou : “A Áustria se firmou inflexivelmente inimiga da liberdade em toda a Europa. A Áustria oprimia a Itália; A Áustria se opôs à unificação da Alemanha; A Áustria fez tudo o possível para impedir a formação da Bélgica; A Áustria não mexeu um dedo para o reflorescimento da Grécia. Não há nenhum indício, nenhum ponto no mapa que lembre uma boa ação dos austríacos.”⁴

³Korresp. Racki-Strossmayer,II,183. Apud Milutinović, op. cit., p.207

⁴JOVANOVIĆ, Slobodan. ***Štrosmajerova spoljašnja politika***. U knjizi: ***Iz naše istorije i književnosti***. (A política externa de Štrosmajer. No livro: *Da nossa História e Literatura*) Beograd, 1931, p.85. Apud Milutinović, ibidem, p.229

Nas eleições de 1880 na Escócia, durante a convenção dos liberais em West Calder, Gladston alertou que a política solidária aos turcos promovida pelo conservadorismo de seu rival, Dizraeli, distanciou os Bálcãs da Gran Bretanha: “*Meu caro senhor, nós provocamos o afastamento dos romenos, montenegrinos, sérvios e búlgaros. Cada um destes povos se acostumou a sonhar com a autonomia de suas instituições.*”⁵

Quando Gladston conseguiu ser eleito 1º ministro, engajou seu poder favorável à autonomia da Irlanda. Esse empreendimento nacional ecoou esperanças aos eslavos-do-sul. Os jornais da Sérvia, Croácia e Bulgária copetiam pela matéria mais interessante na cobertura destes fatos. Em 1888, Lujo Vojnović, deputado croata, dirigiu-se a Gladston para fornecer-lhe dados sobre o ‘*Regimento Húngaro-Croata*’ de 1868, comparando-o com o então projeto de Gladston para a Irlanda – ‘*Home Rule Bill*’ que concede à Irlanda uma ampla autonomia financeira, muito maior do que a recebida pelas colônias que dependiam da boa vontade dos húngaros.⁶

Contudo, Gladston restringiu seu discurso liberal que tanto fez sua imagem política, passando a se dedicar apenas à autonomia da Irlanda, sem manifestar mais apoio à causa dos eslavos. Ou seja, seu lindo discurso teórico, não consubstancia, na prática, poder para a criação de Estados eslavos nos Bálcãs. Quando Wilson falava em autodeterminação das nações não estava preocupado com a França ou a Suécia, muito menos com a identidade croata, ou sérvia. Ele se referia à liquidação dos impérios Austro-Húngaro, Otomano e Russo.⁷ Portanto, as potências européias estavam menos preocupadas com a constituição de nações eslavas menores, isto é, se a Croácia estaria constituída junto com a Sérvia, ou se autodeterminaria sozinha; se os tchecos estariam constituídos junto com os eslovacos, ou se autodeterminariam como uma República Tcheca; Se a Macedônia em torno de Skopje se constituiria independente junto com a Macedônia Búlgara e com a Macedônia grega, ou se autodeterminaria por si só. Esta reflexão contribui para que se faça uma leitura do Reino da Sérvia, Croácia e Eslovênia muito mais como uma ação endógena. Por este viés interpretativo, vejo que os eslavos-do-sul não resultaram preponderantemente de uma concepção das potências européias.

⁵ CAMPAIGN, Midlotian. *Political Speeches delivered in november and december 1879. and march and april 1880*. Edinburg:Elliot, 1880, p.84,85. Apud Milutinović, op. cit., p. 227

⁶ VOJNOVIĆ, Lujo. *Strossmayer, Knez Mihailo i Knez Nikola. (Strossmayer, o príncipe Mihailo e o Príncipe Nikola)*, Zagrebe: Ed. Novosti, 1930, p.86.) Apud Milutinović, ibidem, p.228

⁷ WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.118

O tamanho de uma nação é prerrogativa relevante para se reivindicar um Estado independente. É mais plausível que essa seja uma das razões mais fortes, pela qual a Croácia tenha aceitado integrar seu espaço à Sérvia e à Eslovênia em 1917, do que acreditar que a união desses povos tenha sido consequência determinante das grandes potências. Walerstein se refere à autodeterminação dos povos concedida pelas potências, caracterizando uma ação exógena. Mas se não fosse exitoso todo o processo de integração política dos eslavos-do-sul, engajados na luta comum pela libertação nacional nas duas guerras mundiais, as potências européias teriam dividido entre si os espólios territoriais desses povos balcânicos.

Os dirigentes políticos e intelectuais do Reino da Sérvia, Croácia, Eslovênia lutaram em busca de um poder de Estado. E foi muito mais essa luta comum que propiciou uma identidade nacional iugoslava do que apenas um status concedido pelos Estados fortes da Europa. De certa forma, isso contribuiu inclusive para o equilíbrio das potências européias. A melhor saída foi reconhecer a autodeterminação dos eslavos-do-sul, que, de um lado, libertaram-se de monarquias retrógradas; de outro, não se submeteram ao “amparo do irmão mais velho” – a Rússia imperial que não hesitaria em também colonizá-los, possivelmente incorporando-os, se continuassem como povos sem Estado. É presumível isso pelo interesse contínuo dos russos em ampliar sua esfera de ação nos Bálcãs após a 2ª Guerra Mundial, quando Stalin obrigou Tito a se alinhar ao Bloco Soviético em 1948.

Contrariado pelo crescente movimento dos *‘Não Alinhados’*, divulgado por Tito, por duas vezes Stalin enviou seus agentes para executar o líder iugoslavo, resultando em fracasso. A União Soviética teve que resignar-se com a não inclusão da Iugoslávia na *‘Cortina de Ferro’* após um bilhete pessoal de Tito, escrito em russo, para Stalin, advertindo-lhe: “Você enviou dois sem sucesso. Se vacilar na próxima, esteja certo de que um dos meus não errará o alvo.”⁸

⁸ Anotações de Adilson Prizmic Momce a partir de aula proferida em 09/10/1989 na Faculdade de Filosofia-Universidade de Novi Sad (Sérvia) pelo professor Nikola Gačeša que fez oposição a Tito após a 2ª G. Mundial. Por conta disso, o professor Gačeša foi levado à Ilha das Cobras, no mar Adriático, como preso político.

Enfim, o poder do nacionalismo iugoslavista no controle de um Estado próprio

Falecido aos noventa anos, em 1905, Strossmayer não viveu a 1ª Guerra Mundial; não degustou o desmoronamento da monarquia habsburga; nem o coroamento da sonhada criação de um Estado unificador iugoslavo que ele tanto ajudou a construir. Conforme registros citados aqui, além de outras ações de primordial importância política, o bispo de Đakovo engajara vários militantes na Mlada Bosna [Jovem Bósnia]: associação de jovens, financiada para a libertação revolucionária que levou à morte o príncipe Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro. Isso me faz crer que, a política nacionalista - idealizada por Strossmayer e outros líderes - logrou construir um sentimento nacional que efetivamente resultou na integração dos eslavos-do-sul (cujo significado é lugoslávia: lugo = sul; Slavia = referente a eslavos), mesmo que antes de 1929 tal Estado fosse denominado oficialmente como Reino da Sérvia, Croácia e Eslovênia.

Svetozar Ritig⁹, evocou o nome dos missionários bizantinos logo que Zagrebe foi libertada da ocupação fascista: “Este dia tão esperado, associamos aos nomes de Cirilo e Metodie que tanto valorizaram as tradições eslavas que os alemães nazistas quase fazem desaparecer. Felizmente superamos esse terrível perigo. É por isso que comemoramos o feriado de Cirilo e Metodie como um júbilo de Estado. Lembrem-se das palavras do nosso grande líder Marechal Tito, 30/11/1943: “Nós, em nossa luta pela libertação nacional, realizamos o ideal de nossos ancestrais Cirilo e Metodie; Nós concretizamos o que, através deles, nos ensinaram Križanić e Strossmayer.”¹⁰

⁹Ver Glossário em notas complementares

¹⁰Milutinović, op. cit., p. 264

5.1 Formação do Reino da Sérvia, Croácia e Eslovênia

Em 1928, na sessão parlamentar, um deputado montenegrino matou a tiros Etienne Radić, quem qualificava sérvios e montenegrinos de “extensão da Ásia” e criticava a postura centralizadora dos sérvios. Alexandre I, filho de Pedro I da dinastia Karađorđević, substituiu as 35 unidades - que dividiam o território do Reino da Sérvia Croácia e Eslovênia desde a constituição de 1921 – passando a ser 9 regiões administradas por governantes biônicos, escolhidos por ele. Essa modificação governamental formatou uma nova concepção estatal que a partir de 1929, passa a se chamar Iugoslávia.

Os croatas radicais que defendiam a “pureza” de sua nacionalidade continuaram a discriminar os sérvios, considerando-os herdeiros do “primitivismo turco”. A Croácia era a república da ex-Iugoslávia que contava com o litoral mais extenso. Já a Sérvia, mesmo não dispondo de litoral marítimo - efetivava a maioria de seus oficiais em toda a marinha iugoslava. Isso exemplifica as incoerências que levaram à desintegração dos grupos sociais insatisfeitos para pôr fim à primazia sérvia sobre as demais nacionalidades constituintes da federação. Assim, a hegemonia do poder dentro de um território heterogêneo provoca animosidades pendentes à criação ideológica de uma nova identidade e, conseqüentemente, de um novo Estado que represente o interesse daqueles que passam a reivindicá-lo. Tal consideração se encaixa em qualquer outra localidade: Geórgia, Bolívia, Oriente Médio, desde tempos remotos até hoje.

Conforme observações de Bernard Feron, “Em 1931, dos 116 generais em atividade, havia 1 croata e nenhum esloveno. Dos 1508 alunos da escola militar, havia 140 croatas e 50 eslovenos”.¹¹ No Ministério do Interior existiam 127 funcionários sérvios para 135 no total; Na pasta da Justiça eram 116 sérvios para 137 postos; No Ministério das Relações Exteriores havia 180 sérvios para um total de 219 funcionários. Diante da evidente exclusão do poder estatal, os croatas dissidentes, liderados por Ante Pavelić, rebelaram-se por meio da organização *Ustaš* de tendência fascista. Refugiado na Itália, Pavelić articulou o assassinato do rei sérvio, Alexandre, em 1934.

TABELA 3

Distribuição de cargos e vagas, segundo a situação étnica (1931).			
Instituição	Total	Sérvios	%
Exército	116	115	99,1
Ministério do Interior	135	127	94,1
Escola militar	1508	1318	87,4
Pasta da Justiça	137	116	84,7
Ministério das Relações Exteriores	219	180	82,2
Adaptado pelo autor a partir das observações de Bernard Feron em sua obra <i>Iugoslávia: A Guerra do Final do Milênio</i> .			

¹¹ FERON, Bernard. *Iugoslávia: A Guerra do Final do Milênio*. Apud Moacir Nunes e Silva, Dissertação de Mestrado: *Da Balcanização à “Balcanização”*, p.30 São Paulo: FFLCH- USP, 2005

O litoral iugoslavo auferia US\$ 6 bilhões ao ano, competindo com Itália e Espanha a preferência do turismo mediterrâneo. A Croácia possuía 23% das terras agricultáveis, exportava excedentes de trigo e milho para as repúblicas mais secas do sul. Contava ainda com a central nuclear de Krsko e uma capacidade de refino 4 vezes superior à sua demanda em produtos derivados do petróleo, por isso abastecia outras repúblicas iugoslavas. Nos anos 90, os croatas levaram consigo os melhores campos de petróleo. Em 40 anos apresentou a maior taxa de crescimento da Iugoslávia, com destaque para a indústria têxtil, naval, química e mecânica, mas precisava importar matérias-primas, como cobre e zinco, da Bósnia.

A Bósnia-Herzegovina detinha 85% das reservas de minério de ferro e 40% das carboníferas. Um dos motivos internos palpáveis para que a Croácia tivesse entrado em guerra com a Sérvia nos anos 90 foi o território bosniaco.

A Eslovênia é deficiente em áreas agricultáveis e em minérios. Na conjuntura iugoslava, importava alimentos e recursos naturais das demais repúblicas, e os exportava de volta como produtos processados, obtendo assim superávits comerciais pelo valor agregado. Havia um intercâmbio com a Rússia, da qual recebia petróleo bruto e gás natural, vendendo-lhe produtos industrializados.

A Sérvia detinha mais de 60% das riquezas minerais da Federação, das quais 50% dos recursos de carvão em Kosovo. A Voivodina, com 80% das terras cultiváveis, era o celeiro de produtos agrícolas de base da ex-Iugoslávia. A Sérvia produzia um excedente de 20% de energia elétrica, abastecendo outras repúblicas, chegando a esportar para a Itália e Romênia.¹²

Durante a invasão nazista na Croácia, os ustašes se aliaram a Hitler e praticaram 150 mil execuções no campo de concentração de Jasenovac (Slavônia), amontoando em uma enorme vala os corpos de sérvios, ciganos e judeus. Após o conflito, boa parte desses ustašes incorporou as brigadas partisans junto ao Tito, livrando-se da pena dos crimes de guerra julgados pelo tribunal de Nuremberg.

Na 2ª Guerra Mundial, para o campo de concentração da ilha de Rab, no litoral Adriático, foram deportados 15.000 eslovenos. Alemães e italianos diziam que era necessário “limpar” as terras eslovenas e lá instalar seus cidadãos.¹³

¹² Moacir Nunes e Silva, Mestrado: Da Balcanização à “Balcanização”, FFLCH- USP, 2005, p.32-35

¹³ ČUBELIĆ, Tomo & PLAVIČEVIĆ, Dragutin. *Povijest*, p.132. Apud Norma Marinovic Doro, **A imigração iugoslava no Brasil**. Tese de doutoramento, Departamento de História (Área de História Social) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987, p.198

5.2- Com Tito, cristaliza-se a política de Estado (poder de cima para baixo)

Em 1971, Tito enfrentou problemas com a associação cultural *Matica Croata* que mobilizou seus representantes na Voivodina e na Bósnia com o interesse de ampliar o território controlado pela Croácia, ou mesmo a independência total. Os reformistas da *Liga Comunista de Zagreb* contra a administração conservadora deram seu apoio à *Matica* e exigiam maior retenção interna das cotas de produção na república; direito a contrair empréstimo direto no exterior; fundação de um banco e moeda croatas; criação de um exército de sua própria nacionalidade. Tito convocou a sessão da *Liga Comunista* para acionar uma política anti-distúrbio. O exército federal interveio em Zagreb; Caíram 741 autoridades; Foram presos 11.800 pessoas, incluindo Franjo Tudjman, ex-combatente partisan e general do exército.¹⁴

O marechal Tito centralizou o poder em suas mãos procurando abafar as diferenças internas. Criou normas para uniformizar as nacionalidades. Obrigou, por exemplo, que o serviço militar de um croata fosse realizado na Sérvia e vice-versa. Esse procedimento fez aumentar o número de matrimônios entre sérvios e croatas, cujos filhos tenderiam a assumir uma identidade “iugoslava”. Além disso, croatas tiveram a obrigatoriedade de aprender nas escolas o alfabeto cirílico. Outro procedimento imposto por Tito foi concentrar determinados segmentos industriais em distintas repúblicas, gerando uma interdependência entre as regiões do país. Neste caso, podemos concordar com Hardt e Negri ao afirmarem que “se construiu um eclipse sobre as diferenças internas pela representação de toda a população por uma raça, uma classe ou um grupo homogêneo”.¹⁵

¹⁴Idem, p.42-44

¹⁵HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.121

Segundo o professor sérvio da Universidade de Monterrey, Dejan Mihajlović, o líder ustaš, Ante Pavelić, em 1941–45, levantou a bandeira da N.D.H. (Nezavisna Država Hrvatska–Estado Independente Croata). Reivindicou a posse de Srem e parte da Bósnia-Herzegovina, onde habita um expressivo percentual de croatas.

Badie cita Hartman para lembrar que o “*Estado Independente da Croácia*”, proclamado 10/04/1941 por Ante Pavelić e pelo Partido Ustaš, colaborou com o nazismo ao expurgar judeus, ciganos e sérvios, por conversão, expatriação, ou morte. Badie acrescenta que em junho do mesmo ano, o projeto de Stevan Moljević propunha a constituição de uma ‘*Sérvia homogênea*’ sobre ‘*todos os territórios étnicos onde vivessem os sérvios*’, bem como a ‘*expulsão e a permuta das populações, principalmente croatas, dos territórios sérvios e dos sérvios dos territórios croatas.*’ Frente a isso, o movimento dos tchetniks, de Draža Mihajlović, propôs a “*limpeza das cidades*”, criando uma ‘*Sérvia etnicamente pura*’.¹⁶

Fonte : (www.libreria-mundoarabe.com/boletines)

¹⁶ HARTMAN, F. “*La genèse Du nettoyage ethnique*”, Le Monde, 30,31 de julho de 1992, p.3. Apud BADIE, Bertrand. *O Fim dos Territórios*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996, p.134

6 - A SEPARAÇÃO DOS ESLAVOS-DO-SUL NOS ANOS 90

“A história do mundo atual não pode mais ser contida dentro dos limites das ‘nações’ e ‘Estados-nações’, como estes costumavam ser definidos, tanto politicamente, ou economicamente, ou culturalmente, ou mesmo, linguisticamente. Essa história verá ‘Estados-nações’ e ‘nações’, ou grupos primariamente étnico-linguísticos retrocedendo, adaptando-se, sendo absorvidos ou deslocados pela nova reestruturação supranacional do planeta. Nações e nacionalismo estarão presentes no processo histórico, mas em papéis subordinados e, frequentemente, menores.”¹

Wallerstein coloca cada povo como agente de um programa político, assumindo uma ideologia específica de um grupo. Segundo ele, na ex-Iugoslávia, a desintegração política do Estado começou alguns anos atrás quando a Sérvia revogou a autonomia à província de Kosovo. “Dois fatos são claros quanto a Kosovo: O primeiro: a maioria da população atual é de religião muçulmana e fala albanesa. Segundo fato: a maioria dos sérvios situa em Kosovo o núcleo histórico da cultura sérvia. A Sérvia sem Kosovo fica desprovida de sua história cultural. Não é fácil satisfazer simultaneamente as reivindicações decorrentes desses dois fatos. Para os sérvios, uma Sérvia sem Kosovo é como Israel sem Jerusalém.”²

A idéia de unir grupos étnicos para que uns possam proteger os interesses nacionais dos demais vingou após a 1ª Guerra Mundial, mas após a 2ª Guerra, tal união não satisfaz de forma homogênea os interesses das nacionalidades. Hardt e Negri chamam a atenção para o fato de que pode ser muito difícil distinguir proteção de opressão. “Essa estratégia de ‘proteção nacional’ é uma faca de dois gumes, que por vezes parece necessária, apesar de sua capacidade de destruição.”³

¹HOBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3 ed., 1990, p. 215

²WALLERSTEIN, Immanuel. **Após o liberalismo**. Petrópolis: Vozes, 2002, p.176

³HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.198

Tal destruição se consumou no exemplo da desintegração da ex-Iugoslávia de 1991 a 2008. A hegemonia sérvia em relação aos demais eslavos-do-sul fez tremer até ruir a insustentável integração das nacionalidades que a constituíam. Milošević destituiu a autonomia que gozavam as províncias Vojvodina e Kosovo, idealizando um projeto com a pretensão de reconstruir o poder da Grande Sérvia da primeira metade do século XIV, cujo território se estendia pelos Bálcãs até o estreito de Corinto - Grécia. Isso só fez incitar, ainda mais, a tendência de separatismo político croata e esloveno.

Rogério Raesbaert afirma que os processos contemporâneos de etnicização carregam um discurso territorial para se legitimarem. Diferentemente de Hobsbawm, Haesbaert afirma que é possível a geografização de uma 'concepção étnica', ainda predominante inclusive na Palestina e na Bósnia.⁴ É válido, ainda que na Bósnia não exista etnia bosniaca, os que lá se denominam, não por acaso, 'muçumanos', na verdade, são sérvios e croatas convertidos ao Islã sob pressão do império turco.

Podemos ilustrar tal concepção de Haesbaert também nos remetendo a Kosovo, berço dos primeiros nobres sérvios, e palco da batalha de Kosovo- 1389, quando sérvios tentaram impedir o avanço turco. Até os dias de hoje, os sérvios se vangloriam como "escudo guerreiro da Europa cristã", reivindicando o território de Kosovo para si, apesar dos 90% descendentes de albaneses. Atualmente, já não há nem 5% de sérvios em Kosovo. As forças da OTAN justificaram os bombardeios sobre os sérvios, acusando estes de praticarem "limpeza étnica".

No entanto, agora são os sérvios sucetíveis a "limpeza étnica" praticada por kosovares albaneses com a conivência da Otan. Não é em vão que há um número cada vez maior de sérvios abandonando Kosovo, pressionados que são pela queima de suas propriedades, ameaças de morte, e outras formas de pressão. É um fato que a ONU não faz questão de acompanhar. Convém esclarecer que não pretendemos defender os sérvios em suas causas tradicionais. Apenas tratamos de registrar como os dirigentes políticos kosovares revolucionários, respaldados pela Força de Proteção das Nações Unidas conquistam poder para que o grupo social antagônico seja desterritorializado formalmente em 2008. Agora sim, com o auxílio direto das forças externas.

⁴HAESBAERT, Rogério. *O Mito da Desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p.227-229

Cartographie — Balkans

Les Albanais, un peuple dispersé

Philippe Rekacewicz — janvier 1999

<http://www.monde-diplomatique.fr/cartes/albanaismdv1999>

6.1– Os estilhaços dos eslavos em prol da União Européia

“O ciclo imperial do século passado parece se repetir em alguns aspectos, embora hoje não exista nenhum grande espaço vazio, nenhuma fronteira a expandir, nenhuma nova e atraente colônia a fundar. Vivemos num único ambiente global com uma quantidade enorme de pressões ecológicas, econômicas, sociais e políticas forçando esse tecido apenas vagamente percebido, basicamente incompreendido e não interpretado. Qualquer pessoa com uma consciência apenas vaga dessa totalidade fica alarmada ao ver até que ponto tais interesses impiedosamente egoístas e tacanhos – patriotismo, chauvinismo, ódios étnicos, religiosos e raciais – de fato podem levar a uma destrutividade em massa. O mundo simplesmente não pode permitir que isso ocorra muitas vezes mais.”⁵

O patriotismo, ódios étnicos e religiosos, aos quais Said se refere, são, na verdade, instrumentalizados por propósitos políticos capazes de alterar as linhas de fronteiras entre sérvios e croatas, ou entre sérvios e albaneses. As manobras da OTAN nos Bálcãs alegam ‘salvaguardar’ a integridade dos kosovares albaneses, quando, na verdade, há interesses econômicos pelas montanhas de minério que formam Kosovo, cujo território poderá até mesmo ser fundido à Albânia, construindo uma representatividade populacional mais ampla, uma vez que se solidarizam com a mesma origem étnica, a mesma língua, o mesmo histórico coletivo de lutas contra turcos, sérvios, etc. Ou seja, Kosovo deixaria de fazer parte da política da ‘Grande Sérvia’ para entrar na esfera de interesse de uma ‘Grande Albânia’.

Acredito também em outra hipótese: que tanto Sérvia quanto Kosovo almejam fervorosamente fazer parte da União Européia. A partir disso, convém acrescentar a possibilidade da União Européia impor a condição de ingressarem ao bloco como dois países distintos, posto que divididos estariam mais fragilizados diante dos critérios impostos pelos membros ricos e poderosos da União Européia, nos mesmos moldes em que entraram desmembrados a República Tcheca e Eslováquia, bem como Eslovênia e Croácia, esta última ainda tramitando as condições de seu ingresso ao bloco, ainda em processo de recuperação dos prejuízos da guerra e enfrentando preesão da Eslovênia que reivindica a posse da Istria, península ao norte da Croácia, como condição para que esta seja membro da União Européia.

⁵ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 51

Candidatos a se submeterem às condições da União Européia, os croatas também podem estar mais uma vez entrando numa relação sociedade- espaço cuja autoridade de decidir sobre seus próprios interesses não pertencerá aos croatas, (assim como foi na sua integração com a Sérvia).

Em agosto de 1992, o periódico *Die Welt Am Sonntag*, propriedade do magnata da imprensa alemã, Axel Springer, publicou: “Toda política anti Croácia, anti-Bósnia é, na realidade, anti-Alemanha; a criação da Iugoslávia depois da Primeira Grande Guerra tinha como objetivo criar um bastião anti- alemão no sudeste da Europa, apoiando-se nos sérvios. Portanto é natural que os alemães apóiem seus antigos aliados, os croatas.”⁶

A revista francesa *Defêse Nationale* publicou: “Os observadores alemães, muito bons conhecedores do sudeste europeu, não poderiam ignorar que devido à mescla de populações, à vulnerabilidade das fronteiras internas e às matanças da 2ª Guerra Mundial, a ruptura da Iugoslávia não seria pacífica, suscitando fortes resistências, a partir das quais a política alemã iria se comprometer a fundo, a favor do desmembramento do país. O político alemão Klaus Kinkel dirigiu o serviço secreto de seu país (BND), cuja diretriz foi apoiar os fascistas croatas para desmembrar a Federação.”⁷ A Alemanha não se limitou a apoiar diplomaticamente o regime do croata Franjo Tudjman, expandindo-se para o campo militar. A decisão alemã objetivava a consolidação da “Grande Alemanha” ao leste, depois de haver absorvido a Alemanha Oriental. Assim, Eslovênia, Croácia, Repúblicas Bálticas, Eslováquia, Polônia e Turquia se converteram em zonas de influência direta alemã. Soldados alemães intervieram em operações de embargo contra a república Federal da Iugoslávia (formada então pela Sérvia, Montenegro, Voivodina e Kosovo) e de ataques contra os bósnios-sérvios.⁸

⁶ Moacir Nunes e Silva, Dissertação de Mestrado: Da Balcanização à “Balcanização”, FFLCH-USP, 2005, p.83

⁷ Idem

⁸ A obra de Moniz Bandeira—**A Reunificação da Alemanha**— fala em “IV Reich”, após a reunificação do país. Cf. Moacir Nunes e Silva, Dissertação de Mestrado: Da Balcanização à “Balcanização”, FFLCH- USP, 2005, p.84

Da Alemanha eram provenientes o *Ambust*, veículo munido de dispositivo anti-tanques, que só se pode conseguir por via oficial. (...) O parlamento dos albaneses de Kosovo pediu intervenção da OTAN para desmilitarizar a província e criar uma administração internacional provisória. Desejavam que Kosovo passasse, como a Bósnia, a ser um protetorado ocidental. As potências imperialistas, porém, desejavam o prolongamento da guerra e de uma instabilidade que lhes garantisse o álibi para reforçar seu aparato militar na zona.⁹

O regime croata não foi repreendido, mas apoiado política, militar e economicamente, segundo afirmou o secretário geral da ONU, à época, Butros-Ghali. Os governos de Zagrebe e Sarajevo investiram milhões de dólares nos serviços de agências norte-americanas de relações públicas, que conseguiram a identificação entre nazistas e sérvios.¹⁰

“A intoxicação informativa é a tônica habitual da “informação”, obscurecendo os fatos, massificando os ataques sérvios contra Sarajevo e outras zonas, mas silenciando sobre as violações, incêndios e assassinatos croatas contra os povoados vizinhos de Vitez e Kisselpak e seus selvagens ataques em Mostar. Só têm direitos a parecer em destaque os sofrimentos dos civís muçulmanos e croatas, mas não dos sérvios, igualmente expulsos de suas casas. Expuseram os massacres em Srebrenica, mas não alardearam a maior fossa comum na Bósnia, com vários sérvios assassinados pelo exército croata em Mrkonich Grad e da maior limpeza étnica, responsável pela expulsão de 200.000 sérvios da Krajina, resultado da ofensiva croata.”¹¹

⁹ (1.600 soldados norte-americanos na Macedônia; 800 na cidade albanesa de Shköder. Oliver Corten traça um panorama bem amplo sobre os conflitos em Kosovo na obra: *Informe sobre el Conflicto y La Guerra de Kosovo*, Madrid, 1999, p.295 a 306.) Cf. Moacir Nunes e Silva, Dissertação de Mestrado: Da Balcanização à “Balcanização”, FFLCH- USP, 2005, p.91

¹⁰ Francisco Veiga, em *La Trampa Balcânica*, p. 426, comenta: “A Croácia perdeu terreno militar, mas ganhou no campo informativo”. Este autor cita prestadoras de serviço, como a Ruder Finn Global Public affairs (contratada pelos croatas) e Saatchi & Saatchi (contratada por Belgrado), que agiam como porta vozes dos grupos em conflito, transmitindo imagens para o mundo da forma mais conveniente para os respectivos clientes. Cf. Moacir Nunes e Silva, Dissertação de Mestrado: Da Balcanização à “Balcanização”, FFLCH- USP, 2005, p.83

¹¹ Moacir Nunes e Silva, Dissertação de Mestrado: Da Balcanização à “Balcanização”, p.85

A ‘renacionalização’ na ‘reterritorialização’

O plano Vance-Owen, de 1993, esboçou a Bósnia dividida em 10 cantões: 3 sérvios, 3 muçulmanos, 2 croatas, 1 misto croata-muçulmano e 1 Sarajevo neutra. Para Badie, este tratado olha os Bálcãs de fora para dentro ruminando considerações étnicas precárias, sem considerar o princípio da territorialidade.

*“Os fracassos das negociações de Genebra, durante o ano de 1994, fortaleceram o discurso cada vez mais extremista do presidente dos sérvios na Bósnia, Radovan Karadžić, discurso este que era feito da rejeição de uma República Bósnia unitária, não aceitando que todo o território desta Bósnia ganhasse o status de república muçulmana.”*¹²

Badie considera que “foram as frustrações econômicas e os enfraquecimentos institucionais que iniciaram a guerra civil iugoslava.”¹³ É possível darmos um relativo crédito a esta formulação de Badie, considerando a vantagem econômica externa estruturada no capitalismo, que não necessita entrar no espaço alheio em função de poder bélico, nem por vínculo sanguíneo, nem portar uma história coletiva, mas sim influenciar - de fora para dentro de um país - pela ‘tendência do homem se comparar com o vizinho’ [grifo meu]. Logo, se o desenvolvimentismo associado ao sonhado padrão de vida nos moldes do capitalismo sempre esteve fora de alcance dos eslavos-do-sul, inseridos que estavam num sistema semi-feudal do século XIX, e no socialismo do século XX, a estrutura capitalista nunca deixou de ser cobiçada pelas sociedades eslavas. Nestas circunstâncias, é bem razoável considerar que Badie tem razão em afirmar que o Estado-nação se faz por ações exógenas. Croatas, eslovenos, macedônios, montenegrinos, etc. não exitaram desvincular-se do sistema socialista ‘servilizado’ [grifo meu], pois passariam a se aproximar do sonhado capitalismo.¹⁴

¹²BADIE, Bertrand. ***O Fim dos Territórios***. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 236.

¹³Ibidem, p.123,124.

¹⁴Para verificar tais considerações em pesquisa de campo, vide capítulo 7: As experiências vividas por um estudante na Iugoslávia.

Para Badie, os identitarismos do Reino Unido, da Espanha, da Bélgica e dos Balcãs, caracterizam tamanha diversidade, complexidade e instabilidade, que tal captação identitária dos territórios abre caminho a envolvimento político incessantemente renovados. Sua visão é de que tudo isso debilita as fronteiras, enfraquece a construção política das comunidades, elimina a obra do tempo na produção do espaço, resultando no que ele chama de *“fim dos territórios”*. De nossa parte, observamos que ocorre muito mais um rearranjo territorial, dado que este não fica sem dono, isto é, continua sendo território bem delimitado e guardado militarmente, circunscrevendo-se como propriedade de uma nova forma estatal. O território em torno de Zagrebe não mais pertencente ao que já foi mais amplo (Estado iugoslavo), mas sim ao Estado croata; O território centralizado em Ljubljana não mais pertencente ao referido ex-iugoslavo, mas sim ao Estado Esloveno.

O que nós chamamos de ‘rearranjo territorial’ dialoga com a formulação de ‘reterritorialização’ dada por Rogério Haesbaert. Concordamos que o território e a fronteira dos Estados persistem atualmente, e seus políticos ainda valorizam leis de protecionismo, de embargo, de controle militar. Haesbaert, assim como Badie, reconhece a maior permeabilidade das tecnologias e da interdependência econômica do mercado mundial. Haesbaert chama de hibridismo as múltiplas influências que modificam o espaço, sem que isso concretize o fim dos territórios, mas sim uma ampla interação com as influências externas, que no caso dos eslavos-do-sul, a nosso ver, serviram de respaldo na recente desintegração destes.

Mas ao longo do século XIX até meados do século XX, as influências externas apenas assentiram o que praticamente já se consumava como Estado emancipado pela articulação ideológica de ativistas pertencentes a nacionalidades diferentes, engajados por uma maioria nacionalista comum: Oficializar um Estado para preservar a territorialidade de uma identidade eslava, valendo-se do poder que se fez a partir da política representativa de um grau coletivo em condições de suplantar suas limitações, até então, podados de sobreviverem sozinhos.

Para Badie, o caso iugoslavo revela um mundo atormentado entre o princípio da integridade dos territórios e das fronteiras, e a adesão à idéia de um direito dos povos a disporem de si mesmos, e conclui que nem a ONU, nem a comunidade internacional estão preparadas para resolver a contradição dessa simultaneidade.¹⁵

¹⁵BADIE, Bertrand. *O Fim dos Territórios*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 232

Seguindo o parecer de Otto Bauer (1979), Bresser-Pereira observa que “as nações não possuem necessariamente uma mesma língua, nem uma mesma religião, nem mesmo uma etnia comum, mas têm sempre uma mesma história comum que garante ao grande grupo social uma razoável homogeneidade cultural”.¹⁶ Tomando o cuidado de contrastar a opinião de outros autores, Bresser-Pereira não omite o posicionamento de Anthony Smith (1994, p.148), descrevendo-o como estudioso que mostra as etnias como origem das nações (não significando que se mantenham assim), e que a transição da condição de etnia para a de nação é ‘*difícil de problemática*’: “ela ocorre quando um grupo nacional líder logra criar um Estado e, em seguida, realizar a ‘incorporação burocrática’ dos grupos sociais em volta.”¹⁷

Badie formulou uma oposição entre o ‘regionalismo pluriespacial’, envolvendo Estados multiétnicos da Europa e o ‘regionalismo aberto’ presente na Ásia Oriental, pelo fato do comércio entre China, Japão e Coreia, na zona do mar Amarelo e na zona do mar do Japão, desafiar a lei dos Estados, dissociando, por exemplo, Vladivostok do exclusivismo de suas relações com os russos. Badie alega que as redes sociais da zona do mar do Japão ultrapassam as diferenças de regime. Assim, coreanos e japoneses participam no desenvolvimento da Sibéria Oriental. Reciprocamente, as elites siberianas passam diretamente o comando para as mãos dos seus vizinhos, não somente no domínio econômico, mas também nos domínios da educação, da cultura, e das ciências.¹⁸

Entretanto, não se pode tomar um posicionamento definitivo nesta relação entre espaço, identidade e poder, comparando-se Europa e Ásia, posto que o regime de comércio aberto asiático não logra abolir os antigos conflitos territoriais. Seguindo as palavras do próprio Badie: “*Os sonhos de uma Grande Coreia são mais despertados que atenuados por estas novas orientações, o mesmo acontecendo com o militantismo por uma nova hegemonia japonesa, pelo menos nos domínios científico e cultural.*”¹⁹

¹⁶BAUER, O. *La cuestión de la nacionalidad y la socialdemocracia*. México: Siglo Veintiuno, 1979. Apud BRESSER-PEREIRA, Luiz C. *Nacionalismo no centro e na periferia do capitalismo*, São Paulo, 1987, p. 190

¹⁷SMITH, A. D. *The origins of nations*. In: Hutchinson, J.; SMITH, A. D. (Org.). Apud BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *Nacionalismo no centro e na periferia do capitalismo*, São Paulo, 1987, p. 190, 192

¹⁸Sobre a ‘Zona do Mar do Japão’, cf. a tese em preparação, de K. Postel- Vinay, IEP de Paris. Apud BADIE, Bertrand. *O Fim dos Territórios*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 265

¹⁹BADIE, Bertrand. *O Fim dos Territórios*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 266

Rogério Haesbaert comenta que Newman mostra uma leitura às vezes ainda excessivamente tradicional de território, pelo fato de Newman não concordar nem mesmo com a tese de que os territórios hoje estariam mais ligados a espaços multipartilhados ou àquilo que Haesbaert denominou de multiterritorialidade:

“Para Newman, basta tentar sugerir a noção de ‘territórios partilhados’ para muçulmanos e sérvios na Bósnia, gregos e turcos cipriotas em Chipre, Hutus e Tutsis em Ruanda ou judeus e árabes na Palestina, que soaria democrático, mas não está baseado na realidade de conflito prolongado, animosidade, ódio e desconfiança.”²⁰ Não vemos excesso na leitura de Newman, que inclusive nos parece mais pertinente que algumas convicções defendidas por respeitáveis pós-modernistas como Badie, Haesbaert, Hardt e Negri. Uma destas convicções que não aceitamos é o repúdio à perenidade das nações na seguinte assertiva: “É um grave erro abrigar qualquer nostalgia dos poderes do Estado-nação ou ressucitar qualquer política que celebre a nação. Antes de tudo, esses esforços são inúteis, porque o declínio do Estado-nação é um processo natural e irreversível”²¹

O ex-Estado iugoslavo se desmantelou em sete novos Estados. Até aí concordamos com o pensamento de Haesbaert, Hardt e Negri. Porém, pelo que temos observado nos Bálcãs, o declínio de um Estado-nação dá lugar a outros Estados-nação e não ao fim das nações. Consideramos o Estado-nação em processo de transmutação (mas sempre um Estado corporificado espacialmente numa identidade coletiva, mesmo que seja forjado por artimanhas políticas. Como vimos, o território onde se encontra Zagrebe, que já foi chamado de Reino Triuno, por décadas foi associado à Iugoslávia, e hoje se denomina Croácia. Qualquer que seja sua denominação, continua sendo um Estado-nação. E numa escala maior, não são poucos os representantes ideológicos que defendem uma confederação europeia. Concretiza-se a nação europeia com o seguinte tempero de identificação: a tradição histórica de seus constituintes “missionários da civilização”, de raça branca, compartilhando o mesmo espaço econômico regional, “berço do ocidente”, agora um Estado-nação em dimensão amplificada.

²⁰(Newman, 2000 : 30.) apud HAESBAERT, Rogério. *O Mito da Desterritorialização*, p. 210

²¹(Hardt e Negri, 2001:357,358.) Apud HAESBAERT, Rogério. *O Mito da Desterritorialização*, p. 208

<http://www.monde-diplomatique.fr/cartes/yougoslaviemdv49>

<http://www.monde-diplomatique.fr/cartes/yougoslaviemdv49>

Roman Rosdolsky se remete ao folheto de Mijail Bakunin - *Chamamento aos eslavos* – (Köthen, 1848) que rendeu a Bakunin a fama de um ‘romântico paneslavista democrático’. : “A revolução declarou dissolvidos os Estados dos déspotas: o reino prussiano; a Áustria; dissolvido o império turco, onde apenas setecentos osmanlis pisoteavam uma população de 12 milhões de eslavos, valacos e gregos; dissolvido o império russo, a fim de que as três nações – russos, pequenos russos e poloneses ganhem vida própria, e possam ajudar seus restantes irmãos eslavos. Uma vez dissolvidos, subvertidos e novamente configurados, a meta final seria alcançar a federação geral das repúblicas européias.”²²

Este folheto, mesmo com todo o romantismo da época de Bakunin, contém elementos que expressam a tendência atual: União Européia; predição do fim de Estados déspotas; vida própria para as nacionalidades supostamente equiparadas no que viria a ser uma confederação dos europeus em uma dimensão territorial mais ampla, incluindo eslovenos, croatas, albaneses kosovares, etc. Mas a intenção de Bakunin, assim como toda teorização socialista tem sido barrada, ao longo da história, pelo egoísmo e vaidade de grupos políticos, cujo poder depende do quanto pode estar no comando de Estado, condição instável esta que implica, entre outras funções, a exploração de outros grupos sociais, dentro e fora do espaço de origem de tais grupos políticos que irradiam ideologias que mantêm um poder centralizador .

Bresser-Pereira acompanha a visão da União Européia como “processo de criação de uma ‘nação’ mais ampla, multiétnica e multilinguista – a nação européia – por meio da formação de um Estado-nação mais amplo, ao mesmo tempo que se preserva a identidade nacional dos seus vários componentes.”²³ Segundo Bresser-Pereira, a União Européia não é ainda um país, mas já tem uma constituição, muitas leis, uma política comercial, um orçamento, uma bandeira e uma moeda comuns. Ele cita Benedict Anderson (1991, p.3) para mostrar que o nacionalismo continua a ter função decisiva na vida política da humanidade. “...o ‘fim da era do nacionalismo’, tão insistentemente profetizada, não está sequer remotamente à vista. De fato, o sentimento de pertencimento a uma nação é o valor mais universalmente legitimado da vida política do nosso tempo.”²⁴

²²BAKUNIN, Mijail. *Zwei Schriften aus den 40 er Jahren XIX. Jahrhunderts* [Dos escritos dos anos 40 do século XIX]. Internationale Bibliothek für Philosophie, T. II, Nº 11–12, pp. 27,28. Apud ROSDOLSKY, Roman. *Friedrich Engels y el problema de los pueblos “sin historia”*. México: Pasado y Presente, 1980, p.157,158

²³BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos, *Nacionalismo no centro e na periferia do capitalismo*, São Paulo, IEA – Instituto de Estudos Avançados- USP, 1987, vol. 1, n. 1, p. 171, 189.

²⁴ANDERSON, B. *Imagined Communities*. 2. ed., London: Verso, 1991, p. 3, Apud Luiz Carlos Bresser-Pereira, op. cit., p. 171.

Vislumbrando a futura geopolítica pela potencial tendência do nacionalismo

“...o europeu dos últimos anos do século XX apresenta uma Alemanha reunificada, despontando como grande potência no centro da Europa. A Europa Oriental encontra-se novamente fragmentada em um mosaico de Estados amortecedores, estendendo-se do mar Báltico até os mares Negro e Adriático. O destino deles será oscilar pendularmente entre as potências continentais germânica e eslava. Mais uma vez, a Alemanha e a Rússia encontravam-se separadas por uma imensa área tampão formada por um cinturão de países recém-independentes, numa situação similar à sugerida depois da 1ª Grande Guerra.”²⁵

Itaussu pressupõe o ressurgimento da potência continental alemã que tanto pode continuar a manter seus laços econômicos à frente da União Européia, como pode seguir outros rumos, retomando a secular tendência geoistórica germânica do *DRANG NACH OSTEN* (*Marcha para o Leste*): “É possível levantar tal hipótese, uma vez que a Marcha para o Leste foi uma constante desde os cavaleiros teutônicos, passando pelo império alemão, até o totalitarismo nazista. Um indício de sua pertinência é o reconhecimento diplomático unilateral, pelo governo alemão, da independência da Eslovênia e da Croácia, países da ex-Iugoslávia que possuem longo passado de ocupação germânica. O fato causou grande inquietação aos EUA e aos países membros da União Européia.”²⁶

Em 1994, o líder ultranacionalista Vladimir Jirinovski concedeu entrevista a Rolf Gauffin, da revista geopolítica italiana *Limes*, na sede do *Partido Liberal Democrata da Rússia*, em Moscou. No mapa de Jirinovski, Belarus, Ucrânia Oriental e Moldávia, assim como as repúblicas caucasianas e centro asiáticas,²⁷ serão “cedo ou tarde” reincorporadas à Rússia. Segundo ele, a Polônia Ocidental (territórios da antiga Prússia cedidos ao renascido Estado polonês do pós-guerra) deverá retornar à soberania alemã. Além disso, afirma o parlamentar: “A Áustria e a Eslovênia devem juntar-se à Alemanha que, desta maneira, terá acesso ao Adriático. A República Tcheca terá de ser inteiramente absorvida pela Alemanha. E é possível que também devolvamos a ela, algum dia, Königsberg / Kaliningrado.”²⁸

²⁵ MELLO, Leonel Itaussu Almeida. *Quem tem medo da geopolítica?*, São Paulo: Hucitec / Edusp, 1999, p.178

²⁶ Ibidem, p.179, 180

²⁷ Os conflitos na Ossétia do Sul e Abkasia refletem esta tendência.

²⁸ Jirinovski foi o 2º deputado mais votado nas eleições de 1995, cf. Leonel Itaussu Mello, op. cit., p.179, 180

Em 10/09/2007, a BBC Brasil informou que a Bélgica completava 3 meses sem governo, envolta em crescentes especulações da imprensa local sobre uma possível divisão do país, onde o nacionalismo volta a ser determinante nos rumos políticos dessa nação multiétnica. O partido vencedor das eleições de 10/06/2007, o cristão democrata flamengo 'CD&V' não conseguia uma coalisão para governar. Nunca foi fácil governar a Bélgica, com seus 10 milhões de cidadãos divididos em três comunidades – determinadas por seus 3 idiomas oficiais (flamengo, francês e alemão) – e três regiões geográficas: Flandres, Valônia e Bruxelas. Nenhum dos partidos valões cortejados para uma coalizão está disposto a aceitar as propostas dos cristãos democratas flamengos, que venceram as eleições com um programa de governo favorável a uma maior autonomia regional. Para os valões, a lista de mais de 60 competências que os flamengos querem passar das mãos do governo federal para o regional – entre elas setores delicados como previdência social, saúde, emprego e imigração – levaria ao desmantelamento do Estado belga. “Os flamengos acreditavam que, porque são ricos e numerosos, suas propostas seriam aceitas sem problemas pelos francófonos pobres e dóceis”, avalia um editorial do jornal francófono *La Libre Belgique*. Outro jornal francófono *Le Vif* afirmou que 45% da população flamenga é a favor da independência de Flandres, motor da economia belga. Incentivado pela crise, o partido flamengo separatista e de extrema direita *Vlaams Belang* apresentou 07/07/2007 ao congresso um pedido formal para a separação de Flandres, que soma 60% da população belga. Segundo a BBC Brasil, “a iniciativa fez soar alarmes na União Européia, que teme que os acontecimentos no coração do bloco deem força a outras regiões que já enfrentam tensões separatistas, como Córsega, na França; País Basco e Catalunha, na Espanha.”²⁹

²⁹BBC Brasil, 10/ 09/ 2007.

A Catalunha já tinha escolhido a Europa antes mesmo da Espanha aderir a ela. A valorização das coletividades locais, no seio da União, aparece como uma maneira de ultrapassar as tensões que opõem uma periferia rebelde ao centro próprio do Estado-nação. O fato de Grã-Bretanha e Irlanda integrarem a União Européia, contribuiu para aliviar as tensões intercomunitárias na Irlanda do Norte.³⁰ Já para Ricupero, “sempre que houve dominação de uma nação por outra, a dificuldade de voltar ao passado é quase intransponível. A união da Suécia e da Noruega dissolveu-se em 1905. Hoje, a Suécia faz parte da União Européia, mas a Noruega não tornou a se reunir indiretamente à Suécia nem mesmo com o anteparo amortecedor da União Européia.”³¹

Ricupero comenta o pioneirismo suíço na edificação de um Estado multicultural, multilinguístico, de início sob forma de confederação, evoluindo para federação: “Muitos europeus sonham para a União Européia, com evolução similar para a qual a Confederação helvética serviria como modelo em escala menor. Compreende-se que, tendo sido bem sucedidos no intento, os suíços hesitem em submeter seu modelo, baseado no patriotismo nascido da qualidade das instituições, à tensão resultante de adesão a um sistema europeu que não conseguiu livrar-se da pecha do ‘déficit democrático’ ”³²

As relações entre os eslavos-do-sul, após suas guerras internas, ainda não estão estabilizadas econômico-socialmente. Submetem-se a fazer a ‘lição-de-casa’, caso queiram ser bem vistos pela União Européia que usa todo seu poder, enquanto potencial investidora regional, para ser competitiva em âmbito global. Entenda-se por ‘lição-de-casa’, por exemplo, o primeiro documento assinado em 2001, após a guerra de separação, entre sérvios, croatas e eslovenos, estabelecendo a cooperação transnacional de preservação e utilização dos serviços de transporte pelo rio Sava que passa pela Eslovênia, Croácia e Sérvia, e que integra a bacia do rio Danúbio. Convém lembrar que não se trata isoladamente de um ato solidário ambiental, pois o mar Negro, através do Danúbio, conecta-se a um plano econômico de transporte fluvial até o mar do Norte, via rios Meine e Reno.

³⁰BADIE, Bertrand. *O Fim dos Territórios*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 261, 262

³¹RICUPERO, Rubens. *A resiliência do Estado Nacional diante da globalização*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados- USP, 1987, p. 132

³²Ibidem

Os EUA e a Europa Ocidental instalaram suas fábricas na República Tcheca e aceitaram que esta fizesse parte da União Européia. Em troca disso, a República Tcheca permitiu a instalação, em seu território, de bases militares da OTAN – com o pretexto de servir como escudo antimíssil contra as ameaças do oriente, principalmente de países árabes, mas que desagradava aos russos diante da ampliação do espaço militar da OTAN.

A República Tcheca e a Polônia discordam de muitos aspectos da ‘Constituição da União Européia’. Isso porque a Polônia alega que os termos da almejada constituição não garantem os mesmos benefícios e condições de desenvolvimento nos níveis da França e Alemanha. Estas potências européias justificam, em seu favor, o fato de terem sido países fundadores da União Européia e terem ingressado nela já como países desenvolvidos. Inclui nesta desigualdade a Croácia que tende a ser útil aos propósitos da União Européia, seja pela sua costa marítima, seja pelo seu posicionamento ‘amortecedor’ em relação a uma ameaça do oriente, pois acredito que as potências da Europa ocidental saberão explorar e perpetuar sua posição privilegiada em relação aos novos membros balcânicos.

Rubens Ricupero faz menção ao episódio da secessão dos eslovacos da Checoslováquia, a fim de aderir em separado à União Européia: “Na década de 1920 ou 1930, a secessão seria vista como enfraquecimento intolerável e resistida pela força. Desta vez, tudo se cumpriu tranquilamente, uma vez que a segurança de cada um dos dois povos iria depender da Otan e, portanto, em última instância, dos Estados Unidos, ao passo que a prosperidade era promessa não mais do restrito mercado doméstico, mas sim da adesão ao muito mais sedutor mercado europeu.”³³ A separação da Eslovênia e, mais tarde, de Montenegro obedeceu à mesma lógica: a certeza de que, sem o peso dos sérvios, seria mais fácil serem admitidos à União Européia e à Otan. Troca-se um Estado remendado e cheio de fissuras para ganhar ingresso em estruturas mais atrativas como a união Européia, em matéria de potencial econômico e prestígio político, e a Otan para as necessidades de segurança.

³³ Ibidem, p.139

O que se espera da inserção dos Bálcãs na União Européia é a melhora das condições econômicas dos eslavos-do-sul, mas não a ponto de eliminar os contrastes em relação aos germânicos. Os croatas se livraram dos conflitos que tiveram com os austro-húngaros, após a 1ª Guerra Mundial, mas a partir de sua parcial estatização – junto aos sérvios – sofreram a submissão diante da hegemonia sérvia. No presente, a Croácia conquistou, de forma inédita, a independência política do “território próprio de seu povo” [grifo meu] e tenta uma inserção no bloco da União Européia, o qual disfrutará das vantagens da proximidade do território, mercado consumidor croata, além de suas riquezas naturais e mão-de-obra barata para todo tipo de empreendimento capitalista ocidental que pretende investir nos Bálcãs.

Rubens Ricupero vê a unificação européia como forma de evitar a repetição das guerras mundiais, de fazer frente à pressão soviética pós-guerra-fria, criar massa crítica capaz de manter, para a Europa, um status comparável ao dos Estados Unidos ou dos gigantes asiáticos em ascensão.³⁴

³⁴ RICUPERO, R. *A resiliência do Estado Nacional diante da globalização*. São Paulo: IEA, 1987, p.134

6.2– A perenidade do Estado-nação pelo uso sustentável do nacionalismo

“Para se fazer idéia de como se acelerou o processo de criação de Estados Nacionais, é útil lembrar que, dos duzentos centros capazes de decisão relativamente autônoma, nada menos de 150 viram a luz no século XX.”³⁵

Samuel Pinheiro Guimarães³⁶ expõe o aumento do número de Estados membros da ONU, de 51 em 1946 para 192 em 2008, “como consequência da vitalidade e do sucesso dos movimentos nacionalistas.”³⁷ Em outro momento, porém, este autor não explica por que considera Kosovo um Estado de grande inviabilidade. Segundo ele, a independência de Kosovo não interessaria aos EUA e à Europa, argumentando que o estímulo aos nacionalismos locais na Europa enfraqueceria o novo nacionalismo europeu em busca de uma uniformidade: a “cidadania européia”.

Contrariamente a esta tendência, já vimos que a União Européia e Estados Unidos enviaram suas tropas contra a investida armada dos sérvios, respaldando a luta pela independência dos kosovares albaneses. Além disso, mesmo após os conflitos armados, financiaram continuamente milhões de euros para soerguer Kosovo dos destroços da guerra civil. Isso me faz crer que, contrariamente ao que afirma Samuel Pinheiro Guimarães, tanto Estados Unidos como a Europa têm interesse em sustentar a independência de Kosovo.

Para Rubens Ricupero, “Tão digno de nota como a multiplicação do Estado-nação é a tendência que tem ele de durar, uma vez estabelecido. Mesmo os falidos (os failed States, nos quais se detecta verdadeira regressão do Estado) agonizam, mas não desaparecem. Até na mais extrema situação imaginável de falência de Estado, a da Somália, sem governo central há mais de uma década e partilhada por senhores feudais, mantém-se a aparência, se não a realidade do Estado Nacional.”³⁸

³⁵ Ibidem, p.133

³⁶ Ver Glossário em notas complementares.

³⁷ GUIMARÃES, Samuel Pinheiro, **Nação, Nacionalismo, Estado**, In: Instituto de Estudos Avançados–Universidade de São Paulo, *Estudos Avançados - Dossiê Nação/Nacionalismo*, vol.22, São Paulo: IEA-USP, 1987, p.154

³⁸ RICUPERO, R. **A resiliência do Estado Nacional diante da globalização**. São Paulo: IEA, 1987, p.134

A tese do fim do Estado-Nação é incongruente com os fatos atuais. Corroborando com minhas convicções, a tentativa de Evo Morales integrar a população indígena boliviana numa estrutura estatal nacional.

O pós-modernismo não pode desconsiderar as divisões tribais por meio de governos nacionais na África, ou a busca dos palestinos por um Estado reconhecido. Referindo-se aos desafios que decorrem da globalização, Rubens Ricupero se contrapõe à concepção de transações transborder, por cima ou além das fronteiras, como se elas tivessem sido tornadas irrelevantes. O autor chama de transações transborder “a estonteante explosão das comunicações e contratos pela internet e as ondas eletrônicas, conduzindo à uniformização de padrões culturais e políticos (...) transações do comércio eletrônico, nos exemplos de compra e venda de bens intangíveis, encomendados e downloaded por computador, pagos em paraísos fiscais, que escapam por completo à vigilância das autoridades nacionais, não se esquecendo do explosivo aumento, desvinculado da economia real, das operações financeiras e cambiais por meio da internet. (...) A essas modalidades de transações novas se somaria a atividade multiforme das empresas transnacionais atuantes em dezenas de países, capazes de se deslocarem em busca da vantagem de custos operacionais mais baixos, dotadas de recursos superiores à maioria das economias nacionais. (...) Habermas (2001, p. 84) é um dos autores que chamam a atenção para o fato de que a concorrência globalizada torna crescentemente inviável defender o estado social e democrático europeu exclusivamente no âmbito do Estado Nacional. Diante dessa dificuldade, a resposta de Habermas favorece a construção de uma Europa de configuração pós-nacional, fundamentada numa Carta aprovada por base de legitimidade ampliada. (...) Mas, no contra-fluxo de tal perspectiva, o Estado-nação retoma seu protagonismo no cenário das relações internacionais com o atentado terrorista de setembro de 2001, que introduziu fase nova nas relações internacionais, trazendo de volta as preocupações obsessivas com a segurança. A imediata consequência foi a afirmação do Estado sobre o mercado, o prevalecimento do político e do militar sobre o econômico, a lógica do reforço, não da abolição, dos controles das fronteiras.”³⁹

³⁹ RICUPERO, R., op. cit., p.134-136

6.3- A centralidade do Estado e o protecionismo dos bens nacionais diante da atual crise financeira mundial

“As multinacionais também têm uma dupla face: por um lado, querem ser vistas como ‘globais’ para não suscitar reações nacionalistas nos países onde investem; por outro, não têm constrangimento algum em recorrer ao apoio do seu Estado Nacional quando se trata de disputar concorrências e contratos no exterior, abrir mercados e derrubar barreiras à sua atividade. A atuação dos governos dos Estados Unidos e demais países desenvolvidos na Organização Mundial do Comércio (OMC) e em negociações comerciais bilaterais está em larga medida pautada pela defesa dos interesses das suas corporações.”⁴⁰

Ao possibilitar a concentração de poder, mediante o fortalecimento da capacidade administrativo-fiscal e domínio territorial, o Estado Nacional se converteu na modalidade de organização mais apta a promover a cooperação e arbitrar conflitos. No parecer de Rubens Ricupero, Giddens se equivoca ao situar o Estado-nação e a produção capitalista em plano de igualdade, uma vez que a segunda depende muito mais da primeira, do que o reverso. É o que se vê no momento em que a crise econômica americana ganha amplitude. Os mercados e as empresas, supostamente auto-reguláveis, passam a implorar diariamente pelo socorro dos bancos centrais e das ações fiscais dos Estados. Convém salientar que estas observações de Rubens Ricupero foram publicadas em 1987, e são pertinentes sobretudo nos dias de hoje, com tamanha crise do capital financeiro por suas transações virtuais. É o caso do setor imobiliário que alarmou aos ingleses e americanos, por conta da tomada de empréstimos sem garantias, que comprometeram a economia em geral, diminuindo o crescimento mundial.⁴¹

⁴⁰BATISTA JUNIOR, Paulo Nogueira. *Nação e nacionalismo e globalização*, São Paulo:IEA-USP,1987, p.283

⁴¹RICUPERO, R., op. cit., p.140

Preponderante não é o econômico, nem o cultural, mas sim o político

Hardt & Negri usam a expressão “império invisível” na obra *O império*, para qualificar a incontrolável permeabilidade da informação e da economia em âmbito global. Configuram um império beneficiando os países ricos liderados pelos EUA em detrimento da dependência financeira e tecnológica da grande maioria dos países pobres cujo território não oferece obstáculo aos produtos externos que invadem os hábitos do cotidiano das pessoas do mundo que se homogeneiza numa rede de uso compartilhado, independentemente da distância, língua, credo ou raça.

Já Rubens Ricupero menciona que as fronteiras não são tão permeáveis como apregoam os pósmodernistas:

“no início de 2008, a televisão mostrou como se ergue, no Oeste americano, soberbo muro de concreto para separar essas terras (outrora mexicanas) do México, embora este último seja parceiro dos Estados Unidos em acordo de livre comércio há quase quinze anos”.⁴²

Segundo Ricupero, acreditou-se no argumento ideológico da autonomia da esfera do econômico, até de seu predomínio sobre o político. Ele chama a atenção para o fato de não se perceber que a liberalização financeira e a abertura dos mercados aos operadores internacionais se davam não tanto pela globalização, e sim pela política nacionalista do Departamento do Tezouro americano. Para reforçar tal argumento, o autor lembra:

“os dois êxitos mais espetaculares em crescimento econômico, a China e a Índia, constituem exemplos de desenvolvimento conduzido por Estados Nacionais fortes e mais resistentes à liberalização financeira ou às imposições de empresas transnacionais.”⁴³

China e Índia foram os que menos sofreram na crise asiática de 1997. Provavelmente não serão tão afetados com a atual crise financeira de 2008 que levou à quebra de bancos de seguro e à estatização das dívidas destes bancos nos Estados Unidos e Europa.

⁴²Ibidem, p.143

⁴³Ibidem, p.140

7 - IMPRESSÕES DE UM BRASILEIRO NA EX-IUGOSLÁVIA

“São os casais mistos que constituem hoje uma das possibilidades de reconciliação futura entre sérvios e croatas.”¹

Este capítulo pode ser enquadrado, de certa forma, como um trabalho de campo, sem que eu tivesse a pretensão de me alienar das influências do entorno social balcânico que o envolveu em meu convívio à flor da pele com os mais variados sentimentos tendentes a desviar-me da neutralidade nos três primeiros anos da guerra civil iugoslava, além dos quatro anos que a antecederam. Valendo-me desta contemporaneidade, estas impressões servem também como uma abordagem historiográfica de anotações sobre as peculiaridades de minha vivência nos Bálcãs em cartas a familiares e amigos, enviadas de 1986 a 1994. Há muitas lembranças: desde os doces caseiros com massa fina e folhada de D^a Vera Mihajlović, que fazia sala aos amigos de seu filho, Dejan, até recordos da guerra civil que mutilou a nação iugoslava.

Em 1986, eu já estava inscrito no quarto semestre do curso de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo quando fui convidado pelo então cônsul iugoslavo, Milorad Bosanac, para estudar graduação com bolsa-de-estudos, em tempo integral, na Universidade de Novi Sad, cidade principal da Voivodina, que era autônoma na então conjuntura federativa.

Aí cheguei aos 23 anos de pura euforia para fruir o socialismo, esperando encontrar um sistema político-econômico mais justo à maioria da sociedade. Logo nos primeiros meses, ainda com toda a dificuldade do aprendizado da língua sérvio-croata, obtive informações dos próprios eslavos sobre a impressão que levavam do socialismo. Diretores de empresas como a ‘*Naftagas*’ e ‘*Elektrovojvodina*’, assim como garçons e carteiros, expressavam unânimemente uma frustração pela forma como foi conduzido tal sistema socialista. Tomei o cuidado mais imparcial possível de também considerar a opinião procedente de distintas comunidades étnicas (croatas, russinos, húngaros, eslovenos). Fazia-se notória a proeminência das lideranças sérvias corruptas, ocupando cargos de confiança na direção de empresas e instituições estratégicas e na monopolização do espaço político, em detrimento do direito de participação de outras nacionalidades.

¹BADIE, Bertrand. *O Fim dos Territórios*, p. 269. Cabe citar também nesta nota, o filme *Vukovar* (Direção e roteiro de Boro Drašković) por contar a crise de identidade de uma jovem croata que gerou o filho durante a guerra civil pela independência da Croácia nos anos 90, que a separou de seu esposo sérvio.

Novi Sad se encontra a duas horas da fronteira com a Hungria ao norte; Uma hora e meia a separa da fronteira com a Romênia a leste, e o mesmo vale em relação à fronteira com a Croácia a oeste. Daí a presença de tantas nacionalidades que coabitam essa região fronteira no extremo norte da Sérvia.

A topografia da Voivodina segue a paisagem que, em escala mais ampla, estende-se ainda por Hungria e Romênia, ou seja, uma região marcada por um relevo monotonamente plano. Ouviasse comentários considerando tal monotonia como um dos fatores responsáveis pela depressão de muitas pessoas que vivem aí, longe do mar e das montanhas. É sabido que a Hungria apresenta um dos maiores índices de suicídio no mundo. Outros fatores associam tais acometimentos de ordem psicológica ao exagerado consumo alcoólico dos homens húngaros e postura dominante e autônoma das mulheres húngaras associadas a uma índole “indomável”, por vezes manifestando insatisfação com seus maridos.

Paralelamente aos estudos de História, procurei interagir com a diversidade do lugar para compreender a identificação dos valores que caracterizavam o mosaico daquele espaço. Assim, integrei-me a um grupo folclórico de russinos; Estabeleci um vínculo amistoso com colegas húngaros que, por algumas vezes, chegaram a guiar-me até Budapest; Frequentei residências de vizinhos sérvios, inclusive a de um professor-assistente da Faculdade de Filosofia de Novi Sad, Čurčić, estabelecido na pequenina cidade chamada Sombor; Fui companheiro de quarto do sérvio-romeno, Zoran, de Temisvar (cidade da Panônia romena). Zoran ciceronizou-me tanto aí como na Transilvânia. Era cotidiano o contato com ciganos, os quais abundam no Leste europeu, muitos deles são comerciantes, garçons, animadores em festas de casamento, etc.

Era de se esperar que a presença de um brasileiro chamasse a atenção daqueles eslavos que não hesitavam em indagar a ascendência do meu sobrenome lhes soava familiar. Mas a receptividade se esfriava ao saberem que se tratava de um filho de croata. Não viam com bons olhos a errônea idéia que tinham de meu pai : emigrate que supunham haver desertado a Iugoslávia socialista em ruínas, após a 2ª Guerra Mundial. Assim, fui prejudicado e até desdenhado por alguns professores que não imaginaram que eu pudesse ser ‘filho temporão’. Meu pai tinha 41 anos quando nasci. Portanto, o velho Kuzma Prizmic Momce não saiu da Iugoslávia após a 2ª Guerra Mundial por incompatibilidade política, e sim muito antes (em 1925), devido a uma peste que prejudicou a produção agrícola no litoral Adriático. Esse mal

entendido deixava no ar a impressão de que um estudante bolsista do governo sérvio não mereceria obter os benefícios de alojamento, alimentação, assistência médica, e estudo integral grátis, supondo-se que “nem meu pai, nem eu, contribuímos para a reconstrução iugoslava.”

Esse tipo de bolsa não era privilégio apenas de estrangeiros. Todos os cidadãos da ex-Iugoslávia, inclusive a massa camponesa gozava dos mesmos direitos. Mas o socialismo não tinha estrutura para empregar todos os que concluíam sua graduação. Para compensar a falta de estímulo na formação universitária concedeu-se aos bolsistas o direito de ser reprovado sem que isso implicasse a perda de bolsa, desde que o estudante não reprovasse dois anos consecutivos. Deste modo, os estudantes chegavam a dobrar os anos de estudo necessários para saírem formados. Como havia muitos camponeses oriundos da Sérvia, Bósnia e Montenegro estudando em Novi Sad, era comum que estes convidassem os estrangeiros para um fim de semana em suas aldeias.

O poder aquisitivo no socialismo, considerando a maioria da população, era tão modesto que pairava uma sensação de estagnação. Um garçom orgulhava-se de seu ofício mesmo sem receber promoção, nem aumento, por mais competente que fosse. Receber gorjeta seria uma prática humilhante no socialismo, pois todo cidadão trabalhador executava um trabalho digno e não lhe faltava casa, comida, escola, nem assistência médica. Ele não era obrigado a deixar de varrer o chão, caso chegasse um cliente. Este esperava e se reclamasse para ser atendido, muitas vezes ouvia: *“Tá com pressa? Não vê que estou trabalhando?”* Era assim porque o garçom não era demitido por não agradar alguém que não vai fazer diferença se não retornar ao local de utilidade pública: seja uma cantina de ferroviária; de estância turística; de centro comercial, etc. Franki Buric, brasileiro que trabalhou na estatal RIZ (Rádio Indústria Zagreb) falava de colegas engenheiros que reclamavam da incorerência da forma como a empresa era condizida e acusavam seus diretores de incompetentes, em reuniões da empresa, sem receio de serem demitidos, uma vez que gozavam de estabilidade e liberdade de se manifestar sobre os quadros funcionais das empresas na autogestão socialista. Os engenheiros da RIZ entendiam uma complexidade de processos teóricos e práticos do funcionamento eletro-eletrônico, mas eram pessoas que se aposentavam com o mesmo salário modesto de toda sua vida monótona, sem um diferencial de conforto; sem mudanças de hábito; sem opções de melhores oportunidades.

Para dar um exemplo da estagnação profissional no socialismo (observado na prática), relata-se a história de vida do ex-estudante camponês apelidado: Paio. Quando este deixou de ajudar os pais no trabalho da roça com o pretexto de querer estudar na capital, seu pai o adivertira: *“Então só volte aqui com o diploma na mão.”* Porém, após se apegar ao comodismo e lentidão estudantil envolto a cinemas, bares, e outros entretenimentos da vida urbana, Paio não teve pressa para se formar engenheiro agrônomo. Ao perder a bolsa-de-estudos por sua reprovação dois anos consecutivos, conseguiu um emprego de porteiro de alojamento, favorecido pelo seu convívio com líderes estudantis que ascenderam a cargos de influência na administração do campus universitário de Novi Sad. Assim, Paio não terminou a faculdade, nem retornou ao campo. Julgou que não teria do que se arrepender, posto que um agrônomo, ou veterinário não encontrava perspectiva de enriquecimento com sua profissão, nem mesmo trabalhando na roça do seu pai.

Outro amigo lembrado, convém mencionar, é Giorgio Passello. Este sérvio descendente de pai italiano e mãe sérvia, morou alguns anos de sua infância no Brasil. É Dr. zootecnólogo, especialista em suínos (carne mais consumida na planície panônica). Isso não lhe garantiu uma qualidade de vida condizente com sua capacitação profissional, inclusive se considerarmos que Giorgio era fluente em sérvio- croata, inglês, italiano e português. Insatisfeito com o salário de professor da Faculdade de Agronomia de Novi Sad, ele e a esposa consultavam todas as possibilidades de viver no exterior com a filha de um ano.

Havia centenas de estrangeiros estudando em Novi Sad, e se considerarmos pelo menos dez outras cidades de destaque da ex-Iugoslávia, veremos registros de milhares deles que passaram por aquelas universidades. Isso porque as relações amistosas estabelecidas pelo marechal Tito buscaram ampliar o comércio e atrair novos intercâmbios com o exterior, principalmente com os países *‘não alinhados’*.

O governo de Tito mobilizou todo e qualquer estudante em território iugoslavo para dar sua contribuição na reconstrução da ex-Iugoslávia num evento anual que foi batizado de *‘univerziada’*. Deste modo, engajava força de trabalho voluntário para erguer pontes, edifícios e ferrovias destruídos pela 2ª Guerra Mundial. A leitura que faço disso é de mais um mecanismo ideológico que visava a unificação de uma identidade nacional direcionada aos jovens. Isso porque tal projeto, apresentado em caráter emergencial, tornou-se tradição de solidariedade da autogestão, mesmo após os anos 80, quando a infra-estrutura destruída já estava restabelecida. O

evento se dava durante as férias estudantis de verão, simultaneamente, em várias localidades que necessitavam de um mutirão de voluntários jovens que geralmente disponibilizavam sua solidariedade em obras do governo levados pela motivação de conhecerem novos lugares e novas pessoas. Constata-se o êxito dos objetivos ideológicos incutidos na *univerziada* pelo seu poder de atração que exerceu sobre os jovens até 1987, quando ainda vigorava como evento de integração solidária, propagado pelos meios de comunicação: rádio, televisão e periódicos. Durante o dia, os jovens trabalhavam estabelecendo contato com voluntários de outras repúblicas; À noite, entretinham-se com música, dança e vários jogos. Logicamente, tal estratégia também propiciou casamentos mistos que aumentaram ainda mais o cruzamento daquelas nacionalidades distintas. Conforme dizia, isso convergia com a intenção de unificação da identidade nacional projetada pelo marechal Tito.

A cadeia nacional de televisão transmitia uma programação respeitando o espaço de cada uma das nacionalidades. Assim, os telespectadores podiam escolher entre a RTZ (Radio i Televizija Zagreb), Televizija Beograd e outras emissoras. “Bolje život” [tradução livre: “Por uma vida melhor”] era uma telenovela em horário nobre que tratava as vicissitudes de uma família de Belgrado, colocando em questão as perspectivas dos cidadãos iugoslavos ao final dos anos 80. O autor expunha uma leitura psico-social pela crítica ao socialista buscando alternativas. A telenovela em questão era uma produção sérvia assistida em toda a ex-Iugoslávia, e seu considerável sucesso de audiência se devia seguramente a uma temática que afetava a todos os cidadãos insatisfeitos com a situação das repúblicas socialistas.

O jornal ‘*Oslobođenje*’ [Liberdade] de Sarajevo, respeitando a multiculturalidade do contingente populacional, tanto de descendência sérvia como de croata, que habitava esta cidade, imprimia uma página do jornal em cirílico sérvio, e outra fazendo uso do alfabeto latino- usado pelos croatas. Essa representatividade institucional das nacionalidades também era notória nas escolas do Ensino Básico e Universidades ao permitirem que as minorias, húngara e albanesa, assistissem às aulas em suas línguas. Tive alguns colegas iugoslavos, descendentes de húngaros, que falavam o sérvio-croata com a mesma dificuldade que a minha.

Muitas nacionalidades faziam questão de preservar suas diferenças. Aldeias húngaras eram reconhecidas pela cor amarelada da fachada de suas casas; Aldeias eslovacas eram reconhecidas pelo telhado azul de suas casas. Certa vez, antes mesmo dos conflitos de 1989, apresentei-me a um colega:

- *Prazer! Sou brasileiro, me chamo Adilson.* Orgulhosamente ele respondeu:

- *Prazer ! Meu nome é Miloš, sou sérvio.*

O Leste europeu se distanciou do Ocidente por ocasião do Cisma Ortodoxo, mas durante o socialismo esse hiato aumentou ainda mais. Sérvios, montenegrinos e macedônios lamentam que turistas ocidentais não se interessem tanto por visitar a arte do legado bizantino em suas terras. Entretanto, percebia que aqueles eslavos estavam acostumados a ver a presença estrangeira com desconfiança, dada a lembrança coletiva das seculares invasões e oportunismos dos povos vizinhos procurando explorá-los, aculturá-los, enfim, procurando levar vantagem sobre eles.

O atual cônsul da Eslováquia em São Paulo, Peter Paulicek, comentou uma passagem por Dubrovnik, no final dos anos 70, em pleno verão de 38º C: Estava adentrando em um barzinho ávido por tomar uma cerveja gelada, quando então foi barrado pelo porteiro, o qual mostrava um letreiro escrito em alemão: *“Obrigatório o uso de paletó e gravata”*. Mas logo em seguida, quando indagado pela estranheza de tal informe pelo diplomata, o qual perguntou em eslovaco, o porteiro sorriu e acompanhou fraternalmente seu cliente até o interior do recinto, explicando que aquilo era uma forma de evitar a entrada de indesejados turistas alemães, ainda vistos com antipatia na memória da psicologia coletiva.

Em uma temporada de férias que passei com familiares na ilha de Korčula (Dalmácia), não pude permanecer mais que duas semanas, pois havia sido convidado para um curso de língua e cultura italiana em Reggio Calabria. Meus familiares croatas reprovaram tal atitude com cara de ‘maus amigos’, alegando que, por inveja, alguns turistas italianos incendiaram trechos da vegetação na ilha.

Referente à baixa expectativa de se obter, no socialismo, o padrão econômico de classes abastadas ao estilo ‘holliwoodiano’, testemunhei um fascínio pelo que se apreendia dos filmes americanos: dois a três carros por família, estacionados em garagens de casas espaçosas incluindo piscina. Para efeito de comparação, um amigo engenheiro diretor de uma empresa estatal de grande porte – Naftagás - vivia com sua esposa e dois filhos num apartamento, equivalente a uma quitchinet.

De modo geral, havia o interesse pela aprendizagem do inglês, pois o sonho da grande maioria dos jovens era enriquecer no ocidente. Durante a guerra civil, muitos jovens que não conseguiram refúgio no exterior, ou extravasavam sua revolta e seus complexos encarando a alucinação da guerra, ou tendiam a roubar, beber, drogar-se, enfim, tornaram-se mais violentos, inclusive portando armas. Certa noite,

em um quiosque de lanches no campus universitário, um rapaz furou a fila e atirou contra um estudante que protestou por estar aguardando havia mais tempo. Anteriormente ao esfacelamento iugoslavo, era admirável a falta de roubos. Já durante a guerra, era possível flagrar até os funcionários de alojamento furtando fogão, frigo-bar e até vasilhames de bebidas das instalações dos estudantes.

Não se via miséria no socialismo, mas as dificuldades do pós-guerra obrigavam (até pouco tempo atrás) os mais desfavorecidos a vasculhar depósitos de lixo, conforme relatou Volga Šeman, ex-secretária da Sociedade Amigos da Dalmácia em São Paulo, ao regressar de viagem à Croácia em julho de 2007.

O baixo poder aquisitivo dos eslavos-do-sul lhes proporcionava viagens, geralmente, a países não muito distantes, e cuja moeda não era forte, sobretudo, países também socialistas, posto que não precisavam de visto: Romênia, Albânia, Hungria e Tchecoslováquia. Notava-se o ar de superioridade dos iugoslavos ao regressarem destes países vizinhos subjugados que eram à União Soviética. A autogestão proporcionava condições mais flexíveis. Os iugoslavos importavam tanto do ocidente, quanto do oriente. Nos anos 50 e 60, os iugoslavos aproveitavam preços baixos quando visitavam Praga, dado o câmbio monetário favorável ao dinar. E chegavam a tirar proveito disso, até mesmo zombando dos tchecos, insinuando ironicamente: “mais tarde voltaremos para comprar todas as jóias desta capital dourada”.

Na Romênia, a “funilaria” dos carros mais populares era à base de papelão. Já a Iugoslávia produzia o carro popular Yugo da indústria automobilística Zastava, exportado aos Estados Unidos, onde era barato, ideal para ser dado de presente aos jovens recém autorizados a dirigir. Uma parcela de trabalhadores sérvios na Áustria e Alemanha comprava por apenas dois mil dólares carros Mercedes – proibidos de circular na Alemanha após cinco anos de uso – e os entregavam a parentes para serem usados em serviços de taxi nas capitais iugoslavas. Iugoslavos tinham acesso à moda italiana, e adquiriam cosméticos da Áustria, enquanto, na Romênia, as mulheres pediam produtos que portavam as turistas iugoslavas: batón, pó-de-arroz, blusch, rimel, considerados supérfluos e aculturalizadores, indesejáveis às normas do então presidente Tchausesco.

Os sérvios desprezavam a Albânia, alegando que quase toda sua população não se locomovia com transporte automotivo, senão que por meio de bicicletas que eram utilizadas inclusive por funcionários de altos cargos públicos. Contudo, todo o orgulho iugoslavo - identificado por uma maior “liberdade” [grifo meu] em relação aos

demais países socialistas – era na verdade um consolo pela sensação de estarem mais próximos a alcançar a livre iniciativa capitalista do que os socialistas entrevistados pela então União Soviética.

Portanto, a distância que separava os eslavos-do-sul do ideal consumista, padronizado pelos países vizinhos da opulência capitalista, gerava um complexo de inferioridade nos eslavos periféricos, visto que tratavam de seguir os valores comportamentais norteados pelos europeus ocidentais. A imagem padrão do cidadão sul-eslavo era a de um cidadão bem informado sobre o mundo, localizado na Europa, porém acomplegado por não dispor de uma casa com piscina; nem garagem com dois automóveis. Os eslavos se debatiam com o sentimento frustrante de ainda não haver degustado o capitalismo em pleno século XX. O lar socialista não contratava babás, tampoco faxineiras, muito menos empregadas domésticas. O cidadão socialista tinha que ser “pau pra toda obra” [grifo meu].²

No início da guerra civil iugoslava, a inflação variava não mais por dia, e sim a cada hora, chegando a 3% à hora. Quando as pessoas tinham algum dinheiro sobrando, eram forçadas a cambiá-los por dólares ou marco-alemão. Não faltavam aventureiros que buscavam a vida no exterior na condição de refugiados, mas que procuravam regressar caso conseguissem comercializar mercadorias de um lugar ao outro. Cheguei a ser sondado por curiosidades de um casal novosadino que tentou o Brasil, como nova opção de comércio. Havia o interesse em saber a relação do câmbio monetário dólar – cruzado; o custo de alimentos; o valor do aluguel de um pequeno imóvel; produtos típicos do Brasil que não exigissem embalagem especial; que não amassassem no transporte; que não apresentassem problemas com prazo de vencimento : o biquíni, a pedra trabalhada, etc.

²Observei vários casos de pessoas, sobretudo de origem rural, que não pagavam autônomos que lhes fizessem serviços gerais (pintor, pedreiro, encanador, etc.). Recebiam auxílio de irmãos, primos, tios, cunhados e demais membros familiares para construir sua casa.

Em 1985, militares croatas construíram um túnel com várias saídas sob a cidade de Vukovar. Durante cinco anos os sérvios não se deram conta nem do armazenamento de armas nos seus corredores secretos. Isso nos leva a crer que forças militares croatas já articulavam sua separação política mesmo antes da queda do muro de Berlim. Num dos momentos mais tensos do conflito armado entre sérvios e croatas, no início dos anos 90, pensei em fazer as malas para regressar ao Brasil, pois se Vukovar fosse tomada pelos croatas, estes ficariam a apenas uma hora e meia de Novi Sad. A imprensa sérvia, durante semanas seguidas, noticiava baixas de soldados sérvios que se viam, inesperadamente, cercados por inimigos, a ponto de solicitarem constantemente reforços de outras bases da Sérvia.

Dule era um iugoslavo já de meia idade que tinha por hobby o rádio-amadorismo. Participava na organização da notória *Feira Internacional de Agricultura de Novi Sad*, que atraía inclusive a visita de técnicos brasileiros da EMBRAPA. Eu fazia contatos esporádicos com Dule, que sempre se mostrava solícito e bem humorado. Após um bom tempo ausente, Dule me visitou, justificando seu afastamento por haver servido na guerra durante um ano. Ele relatou desvios de alimentos interceptados por soldados sérvios que ajudavam seus familiares enviando-lhes o dinheiro arrecadado da venda desses produtos, ou mesmo enviando os próprios produtos em natura: sacos de batata, caixas de ovos, leite em pó, embutidos de carne, etc. Dule dizia conhecer alguns desses mercenários que lhe repassavam sacos de alimentos pela metade do preço, e me ofereceu dois sacos de batata, 20 quilos cada, por vinte dólares. Paguei adiantado, mas nunca recebi as batatas. Encontrado em sua residência, Dule ironizou que “*as batatas ainda não estavam em seu poder*”. Soube, por comentário de terceiros, que Dule estaria em depressão, transtornado pela guerra e entregue ao álcool.

Presenciei a volta de meus professores e colegas convocados para a guerra, alguns mutilados ou emocionalmente abalados. Comentavam que não tinham coragem de matar. Uma maneira de reverter essa aversão às determinações de guerra, segundo comentário de um colega, Filipović, era drogar os combatentes mais resistentes, ou jogá-los na linha de frente. Havia a opção de evitar tal fratricídio, reconstruindo suas vidas no exterior. Assim fez o bósnio-croata Mânio, ao se casar com a equatoriana do alojamento. Já fiz contatos com pelo menos duas dúzias de sérvios e croatas que migraram ao Brasil na qualidade de refugiados.

Na Bósnia, em 1993, o telejornalismo sérvio mostrou imagens reportando-se ao que dizia se tratar de uma manobra da Otan para furar o cerco dos sérvios: Caminhões da Cruz vermelha transportando alimentos e utensílios de primeiros socorros estacionavam em vagas restritas demarcadas no solo com lonas pintadas em formato largo da cruz vermelha. Entretanto, imagens flagraram o fundo falso de um desses caminhões- baú, emparelhado com um grande buraco sob a lona em que estava estampado o símbolo da cruz vermelha. Era um curto espaço de tempo em que a lona era retirada sob o caminhão, e muitas armas eram inseridas nas caixas de alimento vazias, ou trocadas na passagem do fundo falso do caminhão, o qual, supostamente, seguiria sua rota ao encontro dos inimigos dos sérvios.

Não se pode assegurar a procedência e as circunstâncias dessa filmagem, pois não devemos ser ingênuos em descartar a possibilidade dos soldados sérvios terem simulado tal situação para incriminar a Otan, para com isso sensibilizar e até provocar a intervenção da Rússia e China a favor dos sérvios, uma vez que estes países - com poder de veto na ONU - já haviam feito alguns pronunciamentos de reprovação às operações da Otan em prejuízo dos sérvios.

À época do marechal Tito, muitos iugoslavos alimentavam um sonho para si, concomitantemente a um orgulho coletivo. Mas a desilusão social culminada com esta última guerra interna foi tamanha que personalidades bem intencionadas chegaram a cometer suicídio. O professor Rakić o fez com um tiro na cabeça. Era um dos poucos que não alimentava vaidades. Lecionava em pé extravasando emoção ao discorrer detalhes de sua disciplina: *A Formação do Reino da Sérvia, Croácia e Eslovênia e a 1ª Guerra Mundial*. Certa vez, ele se encontrava em uma livraria de Budapeste (dominava consideravelmente o idioma húngaro) quando se deparou com um livro de uma edição já esgotada. Não tinha dinheiro, mas deixou seu belo casaco de couro ao gerente da livraria em troca daquele exemplar. Em outro momento, encontrou seu colega de trabalho saindo de um shopping, e ofereceu-lhe carona. O outro professor aceitou, apressado que estava, mas não esperava que o assento fosse a garupa de uma velha bicicleta.

Quando perguntava no correio central se havia cartas de meus familiares, no escaninho reservado a estrangeiros temporários, às vezes diziam: *“Antes de te entregar, você poderia me comprar duas garrafas de cerveja para eu tomar com meus colegas aqui?”* Eles não tinham preocupação com a superprodutividade no trabalho, e a tradição cultural de se beber cotidianamente permitia um olhar menos

deplorável em relação à bebida alcoólica. O mesmo fazia um carteiro para se aquecer entregando cartas na rua, bem como um vigia em suas precárias guaritas de bases militares ou na fachada de instituições públicas.

Até 1987, a data comemorativa da morte de Tito era lembrada todos os anos ao toque de sirene em todo o território iugoslavo. Mesmo os carros em movimento interrompiam seu trajeto para que as pessoas se posicionassem em pé e respeitassem um minuto de silêncio com a mão no peito. Mas a partir do momento em que os dirigentes sérvios, entre outras medidas arbitrárias e totalitárias, eliminam o status de autonomia à Vojvodina e Kosovo (que o próprio Tito havia respaldado), a memória do marechal começou a ser denegrida uma vez que ele fora responsável por estabelecer a capital de seu governo em Belgrado e aí centralizar a arrecadação de contribuição das rendas de todas as repúblicas constituintes da ex-Iugoslávia. Mais que tudo, ele foi o principal responsável por tentar abafar as diferenças entre os povos desse país, mas sem conseguir definitivamente extingui-las.

Em razão disso, durante a guerra civil dos anos 90, os sérvios destruíram o mausoleo de Tito e enviaram seus restos para sua terra natal, e os croatas, por sua vez, rechassaram tal encomenda, preferindo esquecê-lo. Isso pôde ser constatado durante minha estada em casa de amigos em Zagreb e pela imprensa sérvia.

Sobre o desejo de separação da Croácia e Eslovênia, notava que estas repúblicas vislumbravam a possibilidade de se desvencilhar do peso de carregar nas costas a estagnação do socialismo burocrático e corrupto que parasitava os rendimentos da federação, e não dava conta de minimizar a pobreza das demais repúblicas.

A Eslovênia, antes de tornar público seu desejo de não mais atender às ordens de Belgrado, já havia recebido garantias de apoio de países com os quais tendia a estreitar relacionamentos: Áustria, Itália, Alemanha, e até Hungria. Tanto é assim que, mesmo antes do plebiscito a favor de sua independência, acompanhei pela imprensa local e internacional que soldados eslovenos já haviam se posicionado em território húngaro esperando a represália bélica dos sérvios, os quais ao adentrar em solo esloveno foram emboscados por aqueles eslovenos direcionados desde a Hungria, paralelamente a outro regimento de eslovenos que atacaram em sentido frontal.

Concomitantemente ao plebiscito esloveno, a Alemanha e o Vaticano reconheceram a independência da Eslovênia, e repetiram esse feito em relação à

Croácia. Preocupados com possíveis intervenções militares externas, restou aos sérvios aceitar a independência da Eslovênia, pois perceberam que os interesses externos também objetivavam desestruturar o poder socialista manobrado por Belgrado. Não se pergunta mais, a um croata, se ele fala sérvio-croata. Desta vez, a mutante ideologia nacional reza que se expresse: “língua croata”.

O pós-modernismo não aceita a separação entre países centrais e periféricos. Contudo, no próprio contexto interno da ex-Iugoslávia, as repúblicas ocidentalizadas (Croácia e Eslovênia) se vangloriavam de um maior desenvolvimento económico em relação àquelas que foram “turcizadas” durante cinco séculos. Em 1988, a renda percapta da Eslovênia era sete vezes maior que a da Macedônia. Assim, outros não-sérvios, aliados à ação externa, emanciparam-se, desconectando-se da coletividade iugoslavista, para tentar sair do status periférico.

Mas vale comentar que os destinos da política não são compartilhados por muitos cidadãos lá dos Bálcãs que ainda lamentam a desintegração iugoslava. Sob o olhar de quem vive fora daqueles conflitos, também há muitos depoimentos de atletas (é o caso do jogador sérvio Petković que joga no Flamengo); refugiados (que no Brasil montaram restaurante típico, ou exercem no exterior sua profissão de médico professor); antigos imigrantes que não estão satisfeitos com a separação. Tive acesso às impressões de frequentadores de clubes no Brasil, Austrália, e outros países, que lamentam os estilhaços da “pátria-mãe” [grifo dos antigos migrantes].

Danilo Yovanovic foi meu primeiro companheiro de quarto de alojamento. Assim como eu, era descendente de eslavos. Seu pai, montenegrino, migrou ao Panamá após a 1ª Guerra Mundial. E Danilo chegou como bolsista de graduação para estudar economia (ainda no tempo em que Tito era vivo). Estava no início do seu mestrado quando o conheci, já noivo de sua colega sérvia chamada Mirijana. Dias antes de eu retornar ao Brasil, em fevereiro de 1994, perguntei-lhe se não seria melhor voltar ao Panamá para evitar os inconvenientes da guerra. Ele me respondeu com um ar cansado, empurrando sua 3ª bolsa-de-estudos, a de doutorado: *“Tanto tempo aqui, já não sei se sou mais sérvio que panamenho. Nesta guerra de especuladores e oportunistas, até Montenegro pode ser que se separe. Acho que perdi minha identidade, mas há muita gente boa neste lugar, onde prefiro continuar vivendo caso não seja destruído por uma bomba,”* A OTAN bombardeou Novi Sad, mas Danilo continua lá, sem ter espaço próprio; sem poder econômico (muito menos político); sem identidade nacional enquanto estrangeiro.

CONCLUSÃO

“A nação aparece como progressista na medida em que serve como linha de defesa contra a dominação das nações mais poderosas e forças econômicas, políticas e ideológicas externas. O direito à autodeterminação de nações subalternas é, realmente, um direito à secessão do controle das potências dominantes. Lutas anticoloniais, portanto, usaram esse conceito de nação como arma para derrotar e expulsar os inimigos ocupantes, e, de maneira similar, políticas antiimperialistas ergueram muralhas nacionais para resistir à força avassaladora do capital estrangeiro. O conceito de nação serviu também como arma ideológica contra o discurso dominante que pintava a população e a cultura dominada como inferiores; a reivindicação de status de nação afirmava a dignidade do povo e legitimava a demanda por independência e igualdade. Por mais que essas muralhas pareçam progressistas em sua função protetora contra a dominação externa, entretanto, elas podem desempenhar papel inverso com relação ao interior que elas protegem. O lado interior da estrutura que resiste a potências estrangeiras é, ele próprio um poder dominante que exerce igual e oposta opressão interna, reprimindo diferenças e oposições internas em nome da identidade, da unidade e da segurança nacional.”¹

O caráter iugoslavo de país *‘não-alinhado’* (evitando que fosse sucumbido por forças externas) parecia assumir um caráter progressista, mas a “função protetora” de Tito e da posterior hegemonia sérvia reprimiu as diferenças e oposições internas a ponto de ruir a identidade nacional pretendida. A seu turno, Tito sustentou seu poder pelo medo popular de que o território iugoslavo pudesse ser tomado pelos soviéticos, ou pelos nazistas, incutindo na psicologia social uma sensação de poder por meio da hibridização dos povos sul-eslavos que deu certo por quase um século, uma vez que, desde a formação do Reino da Sérvia, Croácia e Eslovênia, lograram rechaçar as ameaças de submissão e aculturação em relação aos austro-húngaros e turcos. Assim, os eslavos-do-sul, ao contrário do pensamento de Engels, fizeram sua História: Sempre alçando a bandeira do nacionalismo, construíram identidades cada vez menos periféricas, à medida que aumenta o poder representativo de cada nacionalidade idealizada abarcando um Estado próprio.

¹ HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.123, 124

Por outro lado, também é verdade que a desintegração dos croatas com o respaldo externo, fez com que conquistassem mais poder do que quando fizeram parte de um Estado iugoslavo. Não se pode contestar a maior projeção nacional croata alcançada nos dias de hoje, quando, de forma inédita, desvencilharam-se da conexão com a Sérvia, como se estivessem libertando de algo mais periférico, livrando-se de um legado de atraso hegemônico.

As recentes ações políticas do nacionalismo croata configuraram a essência de seu espaço vivido em território de Estado próprio, ampliando assim seu poder para atuar na criação de novos símbolos da identidade croata como é o caso, por exemplo, do uniforme da seleção de futebol croata. Durante a era titista e mais acentuadamente após sua morte, o poder entre os eslavos-do-sul passou a ser questionado em razão da submissão interna, que só foi dirimida nos anos 90, quando grupos políticos oportunistas encontram na globalização, no fim da guerra fria e na flexibilização da União Européia, condições para, enfim, desdobrarem-se politicamente em novos Estados que configurassem recortes territoriais internacionalmente reconhecidos pelo espaço vivido de cada nacionalidade, cuja maioria de seus cidadãos, em plebiscito idealizado por tais grupos políticos, optou por sua autodeterminação em separado - não mais submissos à hegemonia sérvia.

A formação nacional dos eslavos-do-sul não foi fruto do desenvolvimento de uma classe burguesa interna capaz de manobrar o poder político como ocorrera na Inglaterra e França. Houve, de parte dos políticos eslavos balcânicos uma busca por transformações nas relações político-sociais, influenciados pelos ideais liberais da revolução industrial e da revolução francesa, mas nem por isso se pode afirmar que a burguesia externa tenha combatido o regime semifeudal nos Bálcãs para promover a independência econômica regional. Quando saio da tendência geral dos movimentos nacionalistas, e analiso o particular, concentrando-me especificamente na região do Leste Europeu, verifico, num primeiro momento, a inconsistente atuação da burguesia, seja interna ou externamente, pois antes da 2ª Guerra Mundial o capitalismo não fazia parte da estrutura semifeudal do leste europeu. Num segundo momento, porém, a partir da 2ª Guerra Mundial, não se pode negar que a ostentação dos valores burgueses chegou a penetrar nas amarras das nações socialistas.

Entendo a ex-Iugoslávia como uma continuação histórica do projeto iugoslavista das comunidades colonizadas, cujas lideranças políticas construíram

valores ideológicos de independentização forjando as instituições nacionais descritas neste estudo.

Toda tendência nacionalista entre os eslavos nos Bálcãs, independentemente da época, soube manipular politicamente as tradições culturais institucionalizando uma identidade de pertencimento ao espaço vivido, até transformá-lo em território de Estado. Trata-se, portanto, de um poder conquistado por políticas nacionalistas de baixo para cima, isto é, de nacionalidades sem Estado até chegar ao poder estatal com a destruição do Império austro-húngaro na 1ª Guerra Mundial. Houve um comprometimento do nacionalismo iugoslavo antes mesmo da 2ª Guerra Mundial, na medida em que os atores sociais o formataram como condição para a sobrevivência de uma identidade nacional.

Tanto no processo de formação da Ex-Iugoslávia, como no de sua desintegração, os ativistas do lado mais fraco, ávidos por mudanças, solicitaram auxílio externo. Este, porém, não foi tão atuante e decisivo na formação do Estado-nação iugoslavo, como no apoio efetivamente recebido na sua desintegração. Não podemos deixar de considerar a participação internacional, mais acentuadamente a partir da Autogestão de Tito, em função da crescente dívida externa. Nos últimos vinte anos, há que se reconhecer a fundamental importância do respaldo militar da OTAN com a intenção de minar definitivamente as nações socialistas em novos Estados balcânicos, posto que foram reconhecidos politicamente e auxiliados financeiramente pelas potências ocidentais.

As ações dos agentes políticos aqui analisados não disponibilizavam de poder militar- fator determinante das mudanças revolucionárias. Mas para que tais ativistas atingissem seus objetivos, recorreram aos meios diplomáticos, aos serviços de imprensa, missões secretas envolvendo conselheiros palacianos, secretários de Estado, ordens religiosas, militares de fronteira, agências de marketing contratadas do estrangeiro, etc.

Nos diferentes momentos históricos expostos, a Sérvia tendia a uma política hegemônica em relação aos seus pares nacionalistas balcânicos de nacionalidade búlgara, croata, albanesa, húngara e outras, levando-se em consideração o posicionamento de grandes personalidades políticas da Sérvia como Svetozar Miletić, Ilija Garašanin e Slobodan Milošević. O sentimento de primazia dos sérvios mais orgulhosos de serem mais “sérvios” do que “iugoslavos” certamente foi a fonte que as potências ocidentais souberam explorar para dismantlar a Iugoslávia.

Para Benedict Anderson, as nações não possuem uma data de nascimento claramente identificável, e a morte delas, quando chega a ocorrer, nunca é natural. Nas palavras do próprio Anderson, “... como não existe um criador original da nação, sua biografia nunca pode ser escrita ao longo do tempo.”² Mas mesmo que um Estado-nação esteja sujeito a perecer, como no caso da Iugoslávia (a se desdobrar em outro, diminuindo seu território), a identidade nacional pode sempre servir de ascensão política aos nacionalistas, como de fato serviu aos eslovenos; aos muçulmanos da Bósnia; aos muçulmanos de Kosovo; aos montenegrinos; aos croatas que, por fim, conseguiram encontrar um meio político para consubstanciar seu território nos moldes daquele projeto tão sonhado no século XIX: o Reino Triuno (Croácia, Slavônia e Dalmácia).

Concordo com Anderson quanto a não existência de uma originalidade pura de nação. Acrescento apenas minha constatação de que o artífice da nação é o poder político, não necessariamente estatal, a princípio, mas que só se pode sustentar uma vez que seus idealizadores políticos alcancem o respaldo do poder de Estado, que pode ser logrado por meio do nacionalismo – constante suporte de representatividade e legitimidade do Estado e para o Estado.

Em vista do que foi exposto, equaciono um ciclo responsável tanto pela formação, quanto pela desintegração das nações:

Com base nesta formulação, é possível que no futuro haja a desintegração de regiões que compõem a Croácia a partir do momento em que, por exemplo, a centralização de Zagreb não satisfizer os interesses da região litorânea- Dalmácia.

²ANDERSON, Benedict, *Comunidades imaginadas*, p.280

A aplicação da mesma equação no contexto da formação iugoslava reflete o poder hegemônico do império austro-húngaro fazendo com que os eslavos-do-sul buscassem sua independência. Isso porque os habsburgos se mostraram irredutíveis à concessão dos direitos solicitados pelos eslavos no âmbito de uma federação.

O nacionalismo iugoslavo construiu-se antes da 2ª Guerra Mundial, e conforme verificamos aqui, mesmo antes da 1ª Guerra Mundial, na medida em que os atores sociais formatam o nacionalismo como condição para a sobrevivência de uma identidade nacional, pois se não houvesse ocorrido a integração dos eslavos-do-sul, provavelmente seus povos teriam sido assimilados por germanos, turcos, russos, búlgaros, italianos, etc.

Segundo Hardt e Negri, “na identidade do povo e da nação existe um território embutido de significados culturais, uma história compartilhada, uma comunidade linguística; mas, além disso, existe a consolidação de uma vitória de classe, um mercado estável, o potencial de expansão econômica, e novos espaços para investir e civilizar.”³

Mesmo não sendo essencial, o fator econômico também é visado nos direcionamentos políticos. O Reino Unido provavelmente teria se desdobrado em novas nações caso suas nacionalidades sofressem problemas econômicos pelos quais passam os países eslavos. Deste modo, vejo na economia um fator de sustentação de poder, mas não acredito que a situação econômica se baste para conter os caprichos de políticos nacionalistas. Basta ver a retomada de atentados do movimento terrorista ETA pela causa separatista em relação ao Estado espanhol, mesmo com todo o desenvolvimento da economia espanhola ao ingressar na União Europeia. A mesma observação vale para a atual tensão política vivida pela Bélgica, conforme comentada anteriormente.

Tanto no caso dos flamengos centralizando em Flandres a supremacia da economia belga, como no dos vascos que são mais ricos que o sul da Espanha, é possível associar o sentimento separatista por conta de diferenças econômicas. Porém, contrariamente a essa tendência separatista por motivos econômicos, os acordos políticos têm possibilitado a integridade em nesses países multiétnicos, integridade esta que está, por sua vez, imbricada com a integridade da União Europeia.

³HARDT, Michael & NEGRI, Antonio, op. cit., p.122

Interpreto a linha de pensamento dos pósmodernistas muito mais alicerçada nas relações econômicas (sobretudo aquelas que alcançam dimensão global: no comércio, na industrialização, nas telecomunicações, etc.), que os leva a desconsiderar fronteiras e, conseqüentemente, decretam o fim das nações.

Diferentemente dessa determinação de relações econômicas, observo que a formação de Estados e nações, seja no passado como no presente, resulta primordialmente da iniciativa política de um grupo de pessoas com poder suficiente para incutir o artifício de uma ideologia de identidade coletiva a todos os seguidores sugestionados a compactuar um pertencimento comum. Ao enfocar as políticas arraigadas na emblemática sobrevivência de nacionalidades, constato que as nações se transformam mediante um instrumento de poder que sempre pode ser acionado: a política nacionalista.

Toda manipulação da ideologia nacionalista, aqui levantada, induz que as sociedades deleguem ao Estado o poder de organizá-las, para que o Estado passe então a encontrar meios de se preservar na direção de seu rebanho. É a partir disso que o Estado se vê no papel de legitimar uma identidade para salvaguardar seu território íntegro.

Diante de todas essas considerações, é possível atestar um processo cíclico de ingerências nacionalistas, desde sua concepção sem um Estado formado, passando pela concretização deste, e até servindo para sua própria destruição. Isso implica uma continuidade nas ações políticas que permanecem vigentes. Portanto, faz-se conveniente viabilizar futuros estudos, que possam dar continuidade à leitura do desdobramento da política nacionalista que sugere o potencial poder dos atores nacionais acampados na diversa “aldeia global”, que ainda está longe de ser uníssonos frente às diferenças que excluem os pobres dos ricos; os explorados dos exploradores.

GLOSSÁRIO

NOTAS COMPLEMENTARES DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS, TOPONÍMIA, AUTORES, REFERÊNCIAS DA BIBLIOGRAFIA

ACTON, Sir John Emeric Eduard Dalberg, posteriormente conhecido como lord Acton of Aldenham (1834 – 1902), professor de história geral da era moderna na Universidade de Cambridge, autor da obra “*Lecture on the study of history*” e redator do *Cambridge Modern History*. Ele era católico e participou do Concílio do Vaticano em 1870 a favor de Delinger (Aí estabeleceu contato e amizade com Strossmayer). Pertenceu ao *Partido Liberal*. Era amigo íntimo de Gladston e na qualidade de representante do povo no parlamento britânico, defendeu a política externa de Gladston, especialmente em relação à questão do Leste, colocando-se contra a corrente anglo-turca.)

ANEXIONISTAS: partidários da unificação da Dalmácia com a Croácia.

Arh JAZU: Arhiv Jugoslavenske Akademije Znanosti i Umjetnosti, Zagreb. (Arquivo Iugoslavo da Academia do Conhecimento e Arte)

AUTOCÉFALO: governado por si mesmo.

AUTONOMISTAS: italianos, descendentes, e simpatizantes da concessão de autonomia da Dalmácia em relação à Croácia. Apoiavam o domínio húngaro e austríaco na região.

BACH: ministro austríaco, nasceu em uma aldeia da baixa Áustria, na época em que seu pai era intendente de uma fazenda. (H. Friedjung, *Österreich von 1848 bis 1860*. [*Áustria desde 1848 até 1860*.], I, p. 361. In ROSDOLSKY, Roman. *Friedrich Engels y el problema de los pueblos “sin historia” : La cuestión de las nacionalidades en la revolución de 1848 – 1849 a la luz de la ‘Neue Rheinische Zeitung’*, Ciudad de México: Pasado y Presente, 1980, p. 203.)

BADIE, Bertrand: Politólogo, leciona Ciências Políticas no Institut d' Études Politiques de Paris.

BAN: é o encarregado do imperador habsburgo para administrar a Croácia. Seu status social equivale ao de um duque.

BATISTA JUNIOR, Paulo Nogueira: Diretor executivo do Brasil no FMI, economista, professor e pesquisador, atualmente licenciado, da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo.

BRESSER- PEREIRA, Luiz Carlos: é professor emérito da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo.

CIRÍLICO: Alfabeto derivado do grego bizantino adaptado pelos missionários Cirilo e Metodie à fala dos eslavos quando da conversão destes ao cristianismo no século IX.

CONTRA-REVOLUÇÃO: Nos termos de Roman Rosdolsky, foi a ação de camponeses que não aderiram à orientação burguesa de rebeldes aristocratas nos movimentos revolucionários de 1848 contra o absolutismo monárquico. Grande parte dos rutenos, tchecos, eslovacos, croatas preferiram ser leais à monarquia habsburga em lugar de colaborar com a tentativa de transformação pretendida pela nobreza de poloneses e húngaros, já que continuariam subjugados a estes.

DE PAULA, João Antonio: Professor do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas (Cedeplar-Face): Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

DIZRAELI, Benjamin Erl Bikonsfild (1804 – 1881): chefe do partido britânico conservador. Por longos anos ministro e presidente do governo, um dos fundadores do imperialismo britânico.

“ESLAVOS PERIFÉRICOS”: O mestrando à terminologia terminologia “*países periféricos*” - usada por Immanuel Wallerstein em sua obra *Após o liberalismo* (1995) – referindo-se aos países pobres. A expressão “eslavos periféricos” imprime um caráter duplamente periférico: Periférico em relação aos países ricos do sistema capitalista. Os eslavos-do-sul eram colonizados em um sistema semi-feudal de monarquias absolutistas. Além disso, não eram iguais aos russos que dispunham de Estado próprio, centralizando um vasto império.

GLADSTON, Wiliam: Membro da igreja anglicana. Pelo seu princípio contestador do dogma da infalibilidade do papa, Gladston se preocupava com a possibilidade dos britânicos católicos exaltarem mais ao papa do que ao seu rei. Escreveu brochuras: GLADSTON, W. E. *The Vatican Decrees in their Bearing on Civil Allegiance. & A Politicall Expostulation*. London 1874. *Vaticanism an Answer to Reproofs and Replies*. London, 1875.

GODEASI, Giuseppe: nascido na Itália, formado nas faculdades de teologia, quando jovem atuou como conselheiro seminarista e professor entre 1830 – 1839. Após isso, foi bispo em Split 1839 – 1843, e arcebispo em Zadar até sua morte. (BIANCHI, C. F. *Zara cristiana* (Zadar, cidade cristã), I, Zadar, 1877, p.83–88. Apud MILUTINOVIĆ, Kosta. *Štrosmajer i Jugoslovensko pitanje*, p.134.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro: é secretário geral das Relações Exteriores do Brasil. Foi professor da Universidade de Brasília (UnB), do Instituto Rio Branco (IRBr / MRE).

HUS, Jan: precursor do protestantismo antes mesmo da reforma luterana

IMPÉRIO INVISÍVEL : Expressão usada por Hardt & Negri na obra *O império* para qualificar a incontrolável permeabilidade da informação e da economia em âmbito global. Configura um império beneficiando os países ricos liderados pelos EUA em detrimento da dependência financeira e tecnológica da grande parte dos países pobres cujo território não oferece obstáculo aos produtos externos que invadem os hábitos do cotidiano das pessoas do mundo que se homogeneiza numa rede de uso compartilhado, independentemente da distância, língua, credo ou raça.

IVIČEVIĆ, Stjepan: (1801-1871), escritor, publicitário e político, nascido em Drvenik (Dalmácia): em sua juventude dedicou-se à literatura, escreveu poemas e colaborou nas publicações de Ljudevit Gaj e no jornal *Aurora Dalmatina*. Foi deputado popular na Assembléia da Croácia (1861) e na Assembléia Dalmatina (1870). Cf. Milutinović na obra: *Štrosmajer i Jugoslovensko pitanje*, p.69.

JAZU : Jugoslovenska Akademija Znanja i Umjetnosti (Universidade Iugoslava do Conhecimento e Arte)

KARADŽIĆ, Vuk: (1787–1864), etnólogo e folclorista sérvio da Herzegovina, fundou o moderno sérvio-croata erudito, reformando-o a partir dos dialetos falados pelos eslavos-do-sul, cujas vozes eram coletadas em suas anotações, passando de aldeia em aldeia à cavalo, ou por meio de carroça.

KOLLÁR, Ján: Poeta eslovaco nascido em Mošovce (29/07/1793), e falecido em Viena (24/01/1852). Formou-se na Universidade de Jena, estudou o evangelho luterano em Bratislava. Desde 1849 atuou como sacerdote em Peste (Hungria). Foi também professor de Arqueologia eslava, cientista político, e principal ideólogo do paneslavismo. Exerceu a função de conselheiro do governo austríaco para questões em torno dos eslavos. Participou do *Movimento Nacional Eslovaco* em sua primeira fase.

KRAJINA: região de fronteira do império habsburgo com o império turco, contornando o oeste da Bósnia-Herzegovina.

KRIŽANIĆ, Juraj: seminarista em Zagrebe, e estudante das faculdades de teologia nas cidades de Graz, Bolonha e Roma, onde doutorou em 1641, solicitou que se lhe autorizasse o trabalho missionário de propaganda romana na Rússia. Ele discordava com Roma em uma série de princípios, considerando uma questão política a rivalidade entre o Vaticano e os ortodoxos da “Cidade Imperial” (como gostam os eslavos de denominar a cidade que é hoje – Istambul). Križanić concebeu duas situações em seu livro: **Política**: “1) *Que as causas do Cisma cristão não se deriva de diferenças de crença (sejam dogmáticas ou rituais), senão que os confrontos entre católicos e ortodoxos advêm da cobiça pelas riquezas da instituição eclesiástica e pelo poder político entre o papa e o patriarca * (* máximo pontífice da igreja ortodoxa) ;* 2) *Para nós eslavos, tais confrontos lastimáveis direcionam nosso próprio extermínio.*” Conforme JAGIĆ, Vatroslav. **Zivot i rad Jurja Križanića**, Izdanje JAZU, Zagreb, 1917, 55. (Vatroslav Jagić. Vida e Obra de Juraj Križanić, Ed. JAZU – Academia Jugoslava do Conhecimento e Arte, Zagrebe, 1917, p.55)

LAMANSKI, Vladimir Ivanovich (1833–1914): eslavista, historiador e etnógrafo, professor da Universidade de Petrogrado, diretor do jornal Živa Starina [Antigüidade viva], pesquisador no Arquivo de Veneza (Secrets d' Etat de Venice, 1884)

LOISEAU, Charles: 1866 – 1941, um dos melhores historiadores franceses dos assuntos do Leste, principalmente os referentes aos eslavos-do-sul (fins do século XIX e início do século XX), adquiriu fama por seus trabalhos e publicações em revistas e jornais franceses, e em particular pelos dados encontrados em seu livro **Le Balcan Slave et la Crise Autrichienne** (Paris, 1898).

MACKINDER, Halford John (1861–1947): Em 25/01/1904 esboçou as linhas mestras de sua teoria ao proferir, na Real Sociedade Geográfica de Londres, a conferência intitulada “The Geographical Pivot of History”. Para Mackinder, o poder terrestre da Rússia poderia conquistar um conjunto de zonas amortizadoras que constituíam áreas de disputa onde se chocavam o poder terrestre da Rússia e a força marítima britânica. O grande obstáculo para o acesso dos Russos aos mares quentes era a presença litorânea dos impérios turco e austro-húngaro na Europa, e da Índia e China no Extremo Oriente. Conforme MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Quem tem medo da geopolítica?**, 1999.

MAGIARES: húngaros.

MATICA: Instituição de preservação das culturas nacionais de uma região com objetivos políticos.

MILUTINOVIĆ, Kosta: nascido em Pančevo (Vojvodina) 21/01/1909, diplomou-se na Faculdade de Filosofia em Belgrado em 1932. Posteriormente realizou mestrado em Viena; Em 1936, terminou em Belgrado seu doutorado em História. Dentre as mais de 300 publicações que levam seu nome, podemos citar: **Politova interpretacija istočno pitanja**, Beograd, 1931, 1-52. [A questão do Leste, segundo Mihajlo Polit-Desančić]; **Tri projekta Balkanske konferencije, “Knjiga o Balkanu” II**, Balkanski institut, Beograd, 1937, 180-193. [Três projetos sobre a conferência dos Bálcãs: “Volume sobre os Bálcãs” II]; **Ilirski pokret i Srbi**, Glasnik Istorijskog društva u Novom Sadu, 1937, knj.10, sv.3, 364-370. [O movimento ilírio e os sérvios, Correio da sociedade de História em Novi Sad]; **Jugoslovensko-čehoslovački odnosi u XIX veku**, Letopis matice Srpske, 1937, knj.348, sv.1, 12-28. [As relações sérvio-tchecas no século XIX, crônica da Matica sérvia]; **Predratna Mala Antanta i čehoslovačko-rumunski odnosi**, Nova Evropa, Zagreb, 1938, knj.31, sv.8, 344-251 [A Pequena Antante antes da guerra e as relações tcheco-romenas]; **Die Matice Srpska in Novi Sad**, Slavische Rundschau, Prag, 1938, knj.5, 337-341. **Svetozar Miletić i Hrvati**, Novi Vidici, Beograd, 1939, knj.2, br.19, 482-485. [Svetozar Miletić e os croatas]; **Miletić, Košut, Macini**, Glas matice srpske, 1939, knj.6, 104-105, 161-164. **Razvoj federaličke misli kod podunavskih naroda**, Rad vojvodjanskih muzeja, 1955, knj.4, 71-95. [O desenvolvimento do pensamento federalista com os povos subdanubianos, Trabalho dos museus da Vojvodina]; **Seton Watson i Dalmacija**, Zadarska revija, 1957, knj.6, sv7-8, 57-73. **Prvi srpski socijalisti u srpsko-turskim ratovima 1876-1878**, Braničevo, 1959, knj.4, br.1-2, 71-80; br.4, 48-58;br.5, 131-139. [Os primeiros socialistas sérvios nas guerras entre sérvios e turcos];

NAGODBA: pacto que rege os interesses dos governos da Áustria e da Hungria num único império (daí chamado de: império austro-húngaro). Hobsbawm denomina tal expressão com o termo '*Compromisso de 1867 entre Áustria e Hungria*' (em *Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade.*)

OBERŠKI, Janko: teólogo católico e primeiro biógrafo a traduzir na íntegra, a partir do original, todos os discursos que Strossmayer proferiu no Concílio do Vaticano de 1870.

OŽEGOVIĆ, Metel: o barão Metel Ožegović, nascido em Zagrebe- 1814 e falecido em Viena- 1890, quando jovem foi participante ativo no movimento de renovação ilírica; depois foi deputado na assembleia croata; membro da delegação croata no parlamento húngaro e conselheiro secreto do palácio de Viena. Mostrou-se insatisfeito com o acordo húngaro-croata de 1868, a ponto de se recolher da vida política. In Kosta Milutinovic, *Strossmayer i Jugoslovensko pitanje*, 1976, p.50.

PANESLAVISMO PERIFÉRICO: Alguns estudiosos atribuem à Rússia a liderança de uma união entre povos eslavos para se contrapor aos turcos, húngaros e germânicos. Contudo, há outra visão que enxerga a Rússia atada a um pacto de equilíbrio de poder entre as grandes potências, não interferindo substancialmente no quadro de submissão dos demais eslavos. Estes, por sua vez, tiveram que juntar suas próprias forças em luta armada contra o absolutismo mesmo antes da 1ª Guerra Mundial para alcançar a independência, gerando, assim, um paneslavismo não centralizado em Moscou. Foi para enfatizar essa distinção que o mestrando usa o termo: '*paneslavismo periférico*'.

PATRIARCA: máximo pontífice da igreja ortodoxa.

PETRANOVIĆ, Božidar: sérvio, nascido em Šibenik – Dalmácia -, havia sido aluno do Ensino Médio em Sremski Karlovci – Vojvodina -, estudante de Filosofia em Graz, de Direito em Viena, doutor em Direito na Universidade de Padova. Em pouco tempo ganhou notoriedade como um dos primeiros revolucionários da cultura nacional na Dalmácia.

POGODIN, Mikhail Petrovich (1800-1875): Historiador e editor russo. Seu jornal conservador *O Moscovita* (1841-1856) defendeu a política de Nicolau I. Foi professor de História Russa na Universidade de Moscou (1835-1844). Escreveu um estudo das origens da Rússia em 1871, em 3 volumes; e 7 volumes sobre a história da Rússia. Comparou a conquista da Sibéria por Yermak em 1581 com a da América do sul por Hernán Cortez. Seu imperialismo visava à união com os eslavos ocidentais sob a égide do imperador russo. Ele foi a Praga para discutir essa intenção com Pavel Jozef Šafárik e František Palacký.

POLONSKY: biógrafo russo de Bakunin.

“POVOS SEM HISTÓRIA”: Segundo Rosdolsky, por “povos sem história”, Engels entendia povos que não conseguiram criar nenhum sistema estatal vigoroso, e não possuíam força para obter sua autonomia nacional.

PULIĆ, Juraj: (1816- 1883), doutor em Teologia e Filosofia, autor de livros didáticos de Filosofia, Geografia e História. Representante do Partido Anexionista na Câmara Dalmatina de 1861 a 1870.

REINO TRIUNO: território habitado por croatas (subdividido em 3: A Pequena Croácia em torno de Zagrebe, a Dalmácia, que é a costa oriental do mar Adriático e a Slavônia, planície entre o sul da Hungria e a Bósnia).

RENACIONALIZAÇÃO: Trocadilho com o termo “*reterritorialização*” de Rogério Haesbaert em sua obra *O mito da desterritorialização*. Com ‘renacionalização’ o mestrando formula um paralelismo entre reterritorialização condicionada à renacionalização, implicando isso a reformulação do aparelho estatal. Esta expressão está imbricada com a idéia de perenidade de políticas nacionalistas para construir e destruir Estados.

RICUPERO, Rubens: diretor da Faculdade de Economia da Fundação Álvares Penteado (FAAP). Foi secretário-geral da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (Unctad).

RIJEKA: é uma das principais cidades portuárias que atualmente pertence à Croácia. A denominação croata 'rijeka', assim como a denominação italiana 'fiume', significam 'rio'.

RITIG, Svetozar (1873–1961): doutor em teologia pela Universidade de Viena, professor do seminário de Strossmayer em Đakovo, onde foi vereador pelo Partido Nacional Croata, por indicação de Strossmayer; Foi docente de *História da Instituição Eclesiástica* (na Faculdade de Teologia em Zagrebe); Padre da igreja de São Marcos; Historiador da luta pelo rito litúrgico eslavo e autor de estudos sobre a escrita eslava antiga; Ministro do governo croata (1946–1954); Um dos primeiros padres católicos a se alistar no exército partizan; Escreveu uma brochura: ***O sacerdócio na luta pela libertação nacional***, 1944, na qual ele expôs suas concepções de política social progressista.

ROSDOLSKY, Roman: autor de *Friedrich Engels y el problema de los pueblos "sin historia" (La cuestión de las nacionalidades en la revolución de 1848–1849 a la luz de la 'Neue Rheinische Zeitung')*, Ciudad de México: Ed. Pasado y Presente, 1ed., 1980. Escrito em 1948, 100 anos após a revolução de 1848. Rosdolsky se autodetermina marxista internacionalista.

SCHWARCZ, Lília Moritz: Professora do departamento de Antropologia – Universidade de São Paulo

ŠIŠIĆ, Ferdo: historiador contemporâneo do nacionalismo iugoslavista do século XIX. Era professor de História em uma escola de Ensino Médio em Osiek (Slavônia)

STEKLOV: biógrafo russo de Bakunin.

STROSSMAYER, Josip Juraj: nasceu em 1815 na principal cidade da Slavônia, Osijek - Croácia, e se casou com uma croata. Estudou filosofia em Peste (atual Budapeste), e teologia em Viena, onde foi capelão do palácio imperial e diretor dos agostinianos. A descendência alemã do seu sobrenome era mal interpretada por seus contemporâneos que chegavam a desconfiar de sua afinidade com os eslavos, perdendo de vista as gerações transcorridas, desde seu bisavô, quem realmente migrou do norte da Áustria para a Slavônia. Soma-se a isso, a tendência russofilista de Strossmayer que teve início desde o tempo em que era estudante em Peste, onde formou sua ideologia no espírito do movimento paneslavista em torno dos ideais de Jan Kollár. Tal tendência, porém foi atenuada em muitos momentos em razão da pressão que Áustria, Hungria e o Vaticano impunham aos eslavos.

SZALAY, Laslo (1813–1864): escreveu ***A Horvát Kérdéshez***, Pest, 1861, e também ***Magyarország Története (História da Hungria)*** em 6 tomos. Foi membro efetivo da Academia de Ciências; Em 1848 atuou como enviado especial do governo húngaro em Frankfurt, Paris e Londres. Durante anos foi o redator chefe da então conceituada '*Revista Budapestana*' ('*Budapesti Szemle*'). Era reconhecido, na Hungria, como o maior especialista das relações húngaro-croatas e húngaro-sérvias.

TITO, Josip Broz: Nasceu em Kumrovec – Croácia, 1892. Faleceu em Ljubljana, 1980. Foi trabalhador metalúrgico. Durante a Primeira Guerra Mundial, serviu na infantaria austro-húngara quando foi feito prisioneiro e levado para a Rússia. Escapou e lutou pela revolução russa. Ao retornar à Iugoslávia, envolveu-se com o partido comunista e esteve preso por seis anos. Após a invasão alemã em 1941, Tito organizou a *Frente de Libertação Nacional*, apaziguando as tendências ultranacionalistas dos ustashes (croatas) e tchetniks (sérvios) para juntos enfrentarem o inimigo comum germânico. Nos anos da 'guerra-fria' o governo de Tito marcou o não alinhamento da Iugoslávia: não fazendo parte do bloco soviético; tampouco apoiando as manobras da OTAN.

VLADIKA: cargo da igreja ortodoxa equivalente ao bispo do catolicismo.

WATSON, Seton: historiador britânico, fundou a School of Slavonic and East European Studies, University College London. Segundo Benedict Anderson, é o autor do melhor e mais abrangente texto em língua inglesa sobre nacionalismo, e herdeiro de uma vasta tradição liberal de historiografia e ciências sociais.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Benedict R. ***Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo***. São Paulo: Companhia das Letras, 2008; trad. Denise Bottman, 330p.
- APPADURAI, Arjun. ***Dimensões Culturais da Globalização***. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- BADIE, Bertrand. ***O Fim dos Territórios***. Lisboa: Instituto Piaget, 1996, 304p.
- BALAKRISHNAN, Gopal. ***Um Mapa da Questão Nacional***. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- BARROSO, João R. (Org.). ***Globalização e Identidade Nacional***. São Paulo: Atlas, 1999.
- BATISTA JUNIOR, Paulo Nogueira. ***Nação e Nacionalismo e globalização***. In: Instituto de Estudos Avançados–Universidade de São Paulo, ***Estudos Avançados - Dossiê Nação/Nacionalismo***, vol.22 São Paulo, IEA-USP, 1987, n.62, 376 p.
- BLACKBURN, Robin. ***O esfacelamento da iugoslávia e o destino da Bósnia***. In: O mundo depois da queda. Org. Emir Sader, São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos, ***Nacionalismo no centro e na periferia do capitalismo***. In: Instituto de Estudos Avançados–Universidade de São Paulo, ***Estudos Avançados - Dossiê Nação/Nacionalismo***, vol.22 São Paulo, IEA-USP, 1987, n.62, 376 p.
- CASTELLS, Manuel. ***A Era da Informação: economia, sociedade e cultura – V. I: A sociedade em rede***, São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DAVIS, Horace B. ***Para uma teoria marxista do nacionalismo***. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, 1ed. – Nova York, EUA, Monthly Review Press: 1978 Trad. Waltensir Dutra, Título original: Toward a Marxist Theory of Nationalism, 283 p.
- DE PAULA, João Antonio. ***A idéia de nação no século XIX e o marxismo***. In: Instituto de Estudos Avançados–Universidade de São Paulo, ***Estudos Avançados - Dossiê Nação/Nacionalismo***, vol.22 São Paulo, IEA-USP, 1987, n.62, 376 p.
- DORO, Maria da Penha Marinovic. ***Vila Nova Savóia***, São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 2006, série História dos Bairros de São Paulo, v 28, 160p.
- DORO, Norma Marinovoc. ***A imigração iugoslava no Brasil***. Tese de doutoramento Departamento de História (Área de História Social) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.
- DUBEY, Madhu. Do artigo: ***Geografías posmodernas***. (2002). Traducción de Ari Bartra.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2004. (Coleção Estudos), trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza, 174p.

EKMEČIĆ, Milorad. **Ustanak u Bosni 1875 – 1878**. Sarajevo, 1960. [EKMEČIĆ, Milorad. *A Revolta na Bósnia, 1875 – 1878*. Sarajevo, 1960.]

ESCOLAR, Marcelo. **Crítica do Discurso Geográfico**, São Paulo: Hucitec, 1996. Trad. Schirley Morales Gonçalves.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S. A., 1975.

GROSS, Mirjana. **Hrvatska Politika u Bosni i Hercegovini 1878- 1914**. Zagreb: Historijski zbornik, XIX- XX: 1966/ 67. [GROSS, Mirjana. *A Política Croata na Bósnia e Herzegovina 1878- 1914*. Zagrebe, Coleção histórica, XIX- XX: 1966/ 67.]

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro, **Nação, Nacionalismo, Estado**, In: Instituto de Estudos Avançados–Universidade de São Paulo, **Estudos Avançados - Dossiê Nação/Nacionalismo**, vol.22 São Paulo, IEA-USP, 1987, n.62, 376 p.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 395 p.

HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Além do latifúndio: geografia do interesse econômico gaúcho**. Porto Alegre: Universidade/ UFRGS, 2000, ed.1, 212p.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ed. 1990. Trad. Maria Célia Paoli, Ana Maria Quirino. Original em inglês: *Nations and Nacionalism since 1780- Programme, Myt, Reality*.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 3ed. 2002. Coleção Pensamento Crítico; v.55, Trad. Celina Cardim Cavalcante, Título original: *The invention of tradition*, Cambridge University Press, 316 p.

KRESTIĆ, Vasilije. **Hrvatsko – ugarska nagodba, 1868**. Beograd, 1969. [Vasilije Krestic, *Acordo Croata- Húngaro, 1868*. Belgrado, 1969.]

KRITSCH, Raquel & RICUPERO, Bernardo (Org.) **Força e Legitimidade: Novas Perspectivas**. NAAD (Núcleo de Apoio à Pesquisa Sobre Democratização e Desenvolvimento da USP), Associação Editorial Humanitas.

LAPENNA, Ivo. **State and Law: Soviet and Ygoslav theory**. New Haven: Yale University Press, 1964, 135p.

LEFEBVRE, Henri. ***La Presencia y la Ausencia: Contribución a la teoría de las representaciones***. Paris: Casterman, 1980, 1ed. en francés. Título original: *La Présence et l'absence. Contribution à la Theorie des representations*. 1ed. em español - México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1983, Trad. Óscar Barahona y Uxo Doyhamboure, 277 p.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. ***Quem tem medo da geopolítica?***, São Paulo: Hucitec / Edusp, 1999, 228 p.

MILUTINOVIĆ, Kosta. ***Štrosmajer i jugoslovensko pitanje***. Novi Sad: Institut za izučavanje istorije Vojvodine, R. S. Srbije, 1976. 284str. [MILUTINOVIC, Kosta. *Strosmajer e a questão iugoslava*. Novi Sad – República Sérvia: Instituto de pesquisa da história da Voivodina, 1976, Trad. Adilson Prizmic Momce. 284 p.]

MORAES, Antonio Carlos Robert. ***Geografia: Pequena História Crítica***. São Paulo: Hucitec, 4ed. 1990, 138 p.

MORAES, Antonio Carlos Robert. ***Ideologias Geográficas***. São Paulo: Hucitec, 1988, série: “Linha de Frente”.

NOVAK, Viktor. ***Vuk i Hrvati***. Beograd, 1967. [NOVAK, Viktor. *Vuk Karadžić e os Croatas*. Belgrado, 1967.]

QUIJANO, Aníbal. ***Colonialidade do poder, eurocentrismo e América latina***. (Artigo) Centro de Investigaciones Sociales (CIES), Lima. Incluso na coletânea: A colonidade do saber, Eurocentrismo e ciencias sociais, Perspectivas Latinoamericanas. Organizador- Edgardo Lander, Buenos Aires: Clacso, 2005.

RAFFESTIN, Claude. ***Por uma geografia do poder***. São Paulo: Ática, 1993, Trad. Maria Cecília França Tit. Orig. Pour une géographie Du pouvoir, Paris, 1980.

RICUPERO, Rubens. ***Estudos Avançados: A resiliência do Estado Nacional diante da globalização***, In: Instituto de Estudos Avançados–Universidade de São Paulo, ***Estudos Avançados - Dossiê Nação/Nacionalismo***, vol.22 São Paulo, IEA-USP, 1987, n.62, 376 p.

REED, John. ***Guerra dos Bálcãs***. São Paulo: Conrad, 2002, Trad. Ludimila Hashimoto Barros, 279 p. Título original: The war in Eastern Europe.

ROSDOLSKY, Roman. ***Friedrich Engels y el problema de los “pueblos sin historia” (La cuestión de las nacionalidades en la Revolución de 1848 – 1849 a la luz de la ‘Neue Rheinische Zeitung’)***. Ciudad de México: Pasado y Presente, 1980, trad. Conrado Ceratti. Ensayo originariamente publicado en Archiv für Sozialgeschichte: Friedrich Engels und das Problem der “geschichtslosen” Völker (Die Nationalitätenfrage in der Revolution), por la Verlag für Literatur und Zeigeschehen Hannover: 1964, vol. IV.

SAID, Edward. ***Cultura e Imperialismo***. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SANTOS, Milton. ***A Natureza do Espaço***. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Espaço & Método**, São Paulo:Nobel,1985, Coleção Espaços,88 p.

SANTOS, Milton. **Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e como Método**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1979.

SILVA, Moacir Nunes e. **Da Balcanização à Balcanização**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia Humana. Universidade de São Paulo, 2005.

ŠKALAMERA, Željko. **Atlas Histórico escolar**. Belgrado: Cooperativa para livros didáticos e paradidáticos, 3ed., 1986 [Шкаламера, Жељко **Школски Историјски Атлас**. Београд: Завод за Уџбенике и наставна средства, Треће издање, 1986]

SRKULJ, Stjepan (Org). **Hrvatska Povijest u devetnaest karata**. Zagreb: Hrvatski Izdavački Bibliografski Zavod, 1996. [SRKULJ, Stjepan (Org). *História croata em dezenove mapas*, Zagrebe: Cooperativa editorial de bibliografia croata, 1996.]

WALLERSTEIN, Immanuel. **Após o Liberalismo**. Petrópolis- R.J: Vozes, 2002, Tit. Orig.: After Liberalism, trad. Ricardo Aníbal Rosenbush, 271p.

(www.wikipedia.org)

(www.find-croatia.com)

(www.geoatlas.com2005)

(www.lib.utexas.edu/maps)

(www.dalmatiancoast.com)

(www.adrialin.com/pics/senj)

(<http://hdl.loc.gov/loc.wdl/dlc.93>)

(www.monde-diplomatique.fr/cartes)

(www.libreria-mundoarabe.com/boletines)

(www.usuarios.lycos.es/superjulio/imperios)

(www.srpska-mreza.com/library/facts/krajina-map.jpg)